

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
NÍVEL MESTRADO**

Grace Kelly Bender Azambuja

**JORNALISMO 3G
Reconfigurações da Produção Jornalística na Era da Mobilidade**

**São Leopoldo/RS
Março de 2010**

GRACE KELLY BENDER AZAMBUJA

JORNALISMO 3G

Reconfigurações da Produção Jornalística na Era da Mobilidade

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências da Comunicação.

Orientador: Professor Doutor Ronaldo Henn

São Leopoldo, RS

Março de 2010

A991j Azambuja, Grace Kelly Bender
Jornalismo 3G : reconfigurações da produção jornalística na era da mobilidade / Grace Kelly Bender Azambuja. – 2010.
179 f. : il.

Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2010.
Orientação: Prof. Dr. Ronaldo Henn.

1. Jornalismo. 2. Comunicação de massa e tecnologia. 3. Comunicações digitais. 4. Tecnologia da informação. 5. Jornalismo eletrônico. 6. Sistemas de comunicação móvel. I. Henn, Ronaldo, orient. II. Título.

CDD: 070.4

GRACE KELLY BENDER AZAMBUJA

JORNALISMO 3G

Reconfigurações da Produção Jornalística na Era da Mobilidade

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências da Comunicação.

Orientador: Professor Doutor Ronaldo Henn

Defendida em: 31 de março de 2010.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Luciana Mielniczuk – UFSM

Profa. Dra. Suely Fragoso - UFRGS

Prof. Dr. Ronaldo Henn – UNISINOS

Dedico este trabalho à minha mãe Lissi, meu porto seguro, essência da minha vida e razão de eu ser e existir, por ajudar a tornar realidade todos os meus mais belos sonhos; por todo carinho e amor incondicional.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, minha heroína, Lissi Bender, por todo apoio, financeiro e emocional, mesmo muitas vezes estando distante lá no outro lado do oceano; pela melhor criação que eu poderia receber, pelos valores e ideais que me foram passados; por todo o carinho que me foi concebido; pelo braço aconchegante nas noites de angústia e as doces palavras acalentadoras nos momentos mais árduos; pelo constante incentivo ao meu desenvolvimento intelectual; por ser a melhor mãe do mundo, um ser único, abençoado, de coração puro, alma leve e espírito livre. Tudo o que sempre vislumbrei numa mãe e da mesma forma desejo, assim, um dia ser mãe para os meus filhos.

Ao meu pai, José Azambuja, por todo o carinho e ajuda nesses anos; pela presença nos momentos mais críticos que passei no início de 2008 e todo o amor incondicional que sempre recebi. Ao meu irmão Carlos, por todo apoio, companheirismo, amizade e principalmente por todas as vezes que teve de suportar pacientemente esta irmã estressada com os seus estudos. À minha tia Wetzia, minha “segunda mãe”, por me conceder um lar aconchegante em Porto Alegre durante os semestres de aulas na Unisinos e também pelas comidas mais saborosas feitas especialmente para mim sempre que eu chegava exausta após a meia-noite da universidade.

Ao meu orientador, Prof. Ronaldo Henn, por toda paciência e atenção concedida nesses dois anos de estudos; pela sensibilidade e humildade na partilha do conhecimento; pelo aprendizado tanto em sala de aula, quanto nas orientações e no Grupo de Pesquisa Estudos em Jornalismo (GPJor).

Às Profa.'s Christa Berger e Beatriz Marocco que, junto ao Prof. Ronaldo, consolidaram a linha de pesquisa pela qual

me candidatei. A todos os demais colegas participantes do Grupo de Pesquisa Estudos em Jornalismo GPJor, por todo aprendizado e os excelentes momentos de reflexões, debates e comemorações nos nossos encontros.

Às Profa.s Luciana Mielniczuk e Suely Fragoso, da banca examinadora, pelo aceite do convite e interesse no enriquecimento de minha pesquisa com valiosas contribuições.

À Capes, pela bolsa de estudos, apoio sem o qual não poderia realizar o mestrado.

Ao clicRBS e o Jornal NH pela recepção amigável e abertura que possibilitou o desenvolvimento desta pesquisa.

Ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos, pela excelência e qualidade dos cursos. Aos demais professores do PPGCCOM que tive a honra de conhecer e com os quais tive aula. À Lilian e o pessoal da secretaria, sempre prontamente dispostos e atenciosos.

À sempre amiga, ex-colega, jornalista e escritora Ana Cláudia de Almeida, por todo apoio e motivação e, principalmente pela amizade sincera construída desde os tempos de graduação.

"É melhor tentar e falhar, que preocupar-se e ver a vida passar. É melhor tentar, ainda que em vão, que sentar-se fazendo nada até o final. Eu prefiro na chuva caminhar, que em dias tristes em casa me esconder. Prefiro ser feliz, embora louco, que em conformidade viver."

(Martin Luther King)

RESUMO

As tecnologias móveis de comunicação aliadas à convergência de mídias têm promovido novas formas de fazer e consumir informação. O jornalismo 3G enquanto último grande avanço, em termos tecnológicos, na produção de conteúdos, diz respeito à utilização das redes de telefonia móvel de terceira geração associada a ferramentas móveis multimidiáticas que vão de simples telefones celulares até aparelhos dos mais sofisticados. A proposta desta pesquisa, no esforço para colaborar com a produção científica sobre jornalismo e novas tecnologias, evidenciase em um estudo que contempla o jornalismo móvel, em especial a prática do jornalismo 3G, como nova modalidade emergente de produção jornalística. Com a hibridização destas tecnologias e sua capacidade multifuncional, o jornalismo 3G emerge ao potencializar uma estrutura convergente, já estabelecida com o jornalismo online. Em outras palavras, esta prática soma ao ambiente redacional multimidiático a possibilidade de o desterritorializar. Isto significa uma verdadeira reconfiguração na maneira como a informação é produzida, uma vez que o relato passa a ser narrativizado em tempo real e diretamente do local de acontecimento, o que implica numa redução significativa das barreiras impostas por aspectos espaço-temporais. O jornalismo 3G tem constituído uma das formas mais recentes de reestruturação das práticas jornalísticas em virtude das relações entre o global e local. Na verdade, estes são fenômenos conseqüentes das novas formas de se lidar com o tempo e o espaço na sociedade contemporânea e a união entre comunicação e mobilidade parece ser fator que generaliza esse quadro de mutações. Mudanças nas rotinas de produção passam a se constituir a partir da idéia de tempo real e maior cobertura (alcance) espacial sobre o globo, duas fontes de valor cada vez mais almejadas dentro da esfera jornalística. O principal objetivo da pesquisa, portanto, concentra-se na elaboração de um “raio x” inicial dos processos de introdução das tecnologias móveis, em especial a de terceira geração, na produção jornalística. Com este mapeamento e o estudo de um caso em específico, o jornalismo 3G no Portal ClicRBS, pretende-se analisar de que maneira esta introdução do aspecto móvel nas redes de comunicação tem provocado mudanças na prática jornalística. Realizou-se, deste modo, num primeiro momento, um levantamento do quadro de referência constituído por operações de caráter teórico sobre o fenômeno jornalístico e as novas tecnologias da informação, bem como o contexto sócio-cultural contemporâneo em que se insere. Uma abordagem no âmbito do *newsmaking* também foi empreendida para a melhor compreensão do modo como se constitui o processo de produção da notícia e como as redações de veículos de comunicação passam a se reorganizar frente a esta mudança. Por outro lado, o escopo empírico da pesquisa contribui com o relato das principais iniciativas em jornalismo móvel no Brasil e no mundo mediante pesquisa exploratória.

Palavras-Chave: jornalismo 3G, jornalismo móvel, tecnologias móveis de comunicação; produção jornalística; jornalismo online; *newsmaking*

ABSTRACT

The mobile communication technologies together with the convergence of media stimulate new ways of doing and consuming information. 3G journalism, as the latest breakthrough in technological terms in content production, concerns to the use of third generation mobile networks associated with multimedia mobile tools ranging from simple cell phones to the most sophisticated equipment. This research, in an effort to collaborate with the scientific literature on journalism and new technologies, highlights a study that looks on the mobile journalism, especially the practice of 3G journalism, as a new emerging modality of news production. With the hybridization of these technologies and their multifunctional ability, 3G journalism emerges to empower a converged infrastructure, already established with online journalism. In other words, the 3G journalism adds to this multimediatic redactional environment the possibility of deterritorialize it. This means a real reconfiguration in the way information is produced, as the story becomes narrativized in real-time directly from the place of occurrence, which implies in a significant reduction of imposed barriers by spatial and temporal aspects. 3G Journalism have constituted one of the most recent restructuring of journalistic practices due to the relation between the global and local. Indeed, these are phenomena resulting from new ways of dealing with time and space in contemporary society and the union between communication and mobility seems to be a factor that generalizes this frame mutations. The main objective of the research, therefore, focuses on developing an initial "x-ray" of the introduction process of mobile technologies, particularly the third generation in news production. With this mapping and the study of one case in particular, the 3G journalism on Portal clicRBS, the pretense is to examine how this introduction of the mobile aspect in communication networks has caused changes in journalistic practices. It was made, at first, a survey of the framework constituted by the theoretical operations on journalistic phenomenon and new information technologies, as well as the socio-cultural context in which it operates. One approach under newsmaking was also undertaken to better understand the process of news production and how the media newsrooms begin to reorganize themselves face to this change. Moreover, the empirical research's scope contributes with the report of the major initiatives in mobile journalism over Brazil and the world through exploratory research.

Keywords: 3G journalism; mobile journalism; mobile communication technologies; news production; online journalism; newsmaking

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Ilustração comparativa	68
Figura 2 – Kit móvel de ferramentas da agência <i>Reuters</i>	82
Figura 3 – Experiência em jornalismo móvel na <i>BBCNews.com</i>	84
Figura 4 – <i>Website</i> do canal <i>Voices of Africa</i>	85
Figura 5 – Jornalista Chuck Myron na sua redação móvel sobre quatro rodas.....	87
Figura 6 – Kevin Sites com a tropa indiana na região da Cachemira.....	88
Figura 7 – Alguns dos equipamentos móveis utilizados pelo jornal <i>The Star</i>	89
Figura 8 – <i>The Star Car</i> , redação interativa móvel.....	90
Figura 9 – Mapa de fotos da RTP.....	92
Figura 10 – <i>Website</i> da Al Jazeera Labs.....	93
Figura 11 – Repórter da <i>CNN</i> demonstra como funciona o equipamento.....	94
Figura 12 – Tela de controle em 360º do vídeo.....	95
Figura 13 – Entrevista móvel do dia no <i>MoJo Revolution</i>	96
Figura 14 – Cobertura do Band Repórter Celular em São Paulo.....	98
Figura 15 – Primeira reportagem móvel em tempo real do Jornal NH Online	101
Figura 16 – Estrutura de redação do RJTV Móvel.....	104
Figura 17 – Vídeo capturado pelo Repórter 3G Extra	106
Figura 18 – <i>Urblog</i> : outro olhar sobre as ruas de São Paulo.....	107
Figura 19 – Vídeo produzido por celular e a sua geolocalização no <i>Locast</i>	109
Figura 20 – <i>You Reporter</i> : plataforma participativa	112
Figura 21 – Foto de Stacy originalmente publicada no seu próprio <i>moblog</i>	115
Figura 22 – Kit 3G clicRBS: <i>notebook</i> Dell, câmera de vídeo Sony e <i>modem</i> 3G	123
Figura 23 – Chamada na capa informa sobre o transcorrer da transmissão ao vivo	126
Figura 24 – <i>Blog</i> do Pré-Jogo e o <i>Cover it Live</i>	127
Figura 25 – Testes com o <i>software</i> <i>Qik</i>	128
Figura 26 – Imagens da execução de Saddam Hussein	132

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Nomenclaturas do jornalismo no século XXI	53
Tabela 2 – Transmissões clicRBS	124
Tabela 3 – Definições do jornalismo na era da mobilidade e exemplificação	136

RELAÇÃO DE APÊNDICES

Apêndice 1 – ENTREVISTA JORNAL NH – 2008.....	153
Apêndice 2 – ENTREVISTA CLICRBS - 2009	162
Apêndice 3 – ENTREVISTA COMPLEMENTAR CLICRBS - 2009	170

RELAÇÃO DE ANEXOS

Anexo 1 – MATÉRIA BLOG.COM.EDITOR CLICRBS – 2009	175
Anexo 2 – VÍDEO INCÊNDIO VILA CHOCOLATÃO – 2009	178
Anexo 3 – VÍDEO PRÉ-JOGO - 2009	179

RELAÇÃO DE ABREVIATURAS E SIGLAS

1G – Primeira Geração
2G – Segunda Geração
2,5G – Segunda e meia Geração
3G – Terceira Geração
ABC – American Broadcast Television Network and The Walt Disney Company
AM – Amplitude Modulation
AMPS – Advanced Mobile Phone System
ANATEL – Agência Nacional de Telecomunicações
BAND – Rede Bandeirantes de Televisão
BBC – The British Broadcasting Corporation
CDMA – Code Division Multiple Access
CDPD – Cellular Digital Packer Data
CNN – Cable News Network
DigiBC – Digital Media and Wireless Association of British Columbia
EUA – Estados Unidos da América
Famecos – Faculdade dos Meios de Comunicação Social
FM – Frequency Modulation
GPRS – General Packet Radio Service
GPS – Global Positioning System
HD – High Definition
iG – Internet Group
IMTS – Improved Mobile Telephone Service
MIT – Massachussetts Institute of Technology
NAMTS – Nippon Advanced Mobile Telephone System
NMT – Nordic Mobile Telephone Service
NTICs – Novas Tecnologias de Informação e Comunicação
PC – Personal Computer
PCS - Personal Communication Services
PDA – Personal Digital Assistants
PPGCCOM – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação
PUC-RS – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
RBS – Rede Brasil Sul

RSS – Really Simple Syndication

RTP – Rádio e Televisão de Portugal

SBT – Sistema Brasileiro de Televisão

SGC – Sistemas de gestão de conteúdos

SJCC – Sistema Jornal do Comercio de Comunicações

TACS – Total Access Communications System

TDMA – Time Division Multiple Access

UNISINOS – Universidade do Vale do Rio dos Sinos

VPUs – Visual Processing Units

ZDF – Zweites Deutsches Fernsehen

WIMAX – Worldwide Interoperability for Microwave Access

XML - eXtensible Markup Language

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	19
Identificando os caminhos da pesquisa	20
O início de uma trajetória: caminhos, obstáculos, novos rumos	24
Um breve panorama	26
Por que estudar o jornalismo na era da mobilidade	28
Da problemática	30
Dos objetivos da pesquisa	33
CAPÍTULO 1 – Tecnologia, Mobilidade e Jornalismo	35
1.1 As tecnologias contemporâneas da comunicação	36
1.2 Tecnologias móveis: história, definição, convergência e usos	39
1.3 O jornalismo entra na era digital: metamorfoses e reconfigurações	47
1.4 Linguagens do jornalismo no século XXI	51
1.5 Jornalismo móvel e 3G na web: possíveis rupturas?	57
CAPÍTULO 2 – Dinâmicas espaço-temporais	62
2.1 As tecnologias contemporâneas da comunicação	63
2.2 A experiência do tempo e do espaço na sociedade contemporânea e as novas tecnologias da comunicação	64
2.3 Operações espaço-temporais na produção jornalística móvel.....	69
2.4 As implicações nos processos produtivos.....	73
CAPÍTULO 3 – Aportes empíricos: explorando o campo	77
3.1 Mobilidade em prática	78
3.2 Mapeando as experiências no mundo	79
3.2.1 O <i>Mobile Toolkit</i> da Reuters.....	81
3.2.2 Jornalismo 3G na BBCNews.....	83
3.2.3 Todas as vozes da África ao alcance da palma da mão	84

3.2.4 <i>News-Press</i> e os repórteres <i>MoJos</i>	86
3.2.5 Kevin Sites: o primeiro jornalista " <i>backpack</i> "	87
3.2.6 <i>The Star Car</i>	88
3.2.7 Cobertura móvel da <i>RTP</i> nas eleições em Portugal	90
3.2.8 Al Jazeera <i>Mobile Reporter</i>	92
3.2.9 Jornalismo em 360º pelas ruas do Haiti.....	94
3.2.10 <i>MoJo Revolution</i> na cobertura das olimpíadas de inverno.....	95
3.3 Experiências brasileiras	96
3.3.1 Band Repórter Celular	97
3.3.2 <i>Real time streaming</i> no Jornal NH Online	98
3.3.3 TV Jornal "Notícia Celular"	102
3.3.4 RJTV Móvel	103
3.3.5 Extra "Repórter 3G"	105
3.3.6 <i>Urblog</i> : revista época pelas ruas de São Paulo	106
3.3.7 <i>Locast</i> : notícias no mapa	107
3.4 Apropriações pelos "repórteres de ocasião": outras dinâmicas emergentes	109
CAPÍTULO 4 – As experiências em jornalismo 3G no portal clicRBS	117
4.1 Contextualização do objeto: o Grupo RBS e o portal clicRBS	118
4.2 Processualidades da pesquisa empírica no Portal clicRBS	120
4.3 "Quem sabe faz ao vivo": análise descritiva do corpus obtido	122
4.4 Interpretação dos dados.....	129
CONSIDERAÇÕES FINAIS	134
REFERÊNCIAS.....	141
APÊNDICES	152
ANEXOS	174

INTRODUÇÃO

“A era da conexão é a era da mobilidade.”

[André Lemos]¹

Identificando os caminhos da pesquisa

As tecnologias móveis de comunicação, aliadas à convergência de mídias, têm promovido novas formas de fazer e consumir informação. O jornalismo 3G², enquanto último grande avanço em termos tecnológicos na produção de conteúdos, diz respeito à utilização das redes de telefonia móvel associadas a ferramentas móveis multimidiáticas que vão de simples aparelhos celulares até suportes dos mais sofisticados. Se numa realidade passada o meio determinava e moldava a forma dos conteúdos (MCLUHAN, 1964) produzidos de acordo com cada segmento midiático, o meio de comunicação móvel agora possibilita a convergência de diversas mídias em um único dispositivo compacto e a mensagem assume diferentes formas de acordo com os usos e as apropriações dessa tecnologia.

Além disso, observa-se outra possibilidade de caminho inverso com a difusão de conteúdos para as mais diversas plataformas – internet, televisão, rádio, etc. Com a hibridização destes aparatos tecnológicos móveis e sua capacidade multifuncional, esse tipo de jornalismo praticado em suportes que garantem a mobilidade do profissional e a conexão sem fio também tem emergido ao potencializar uma estrutura dinâmica, convergente e aberta, já estabelecida com o jornalismo online.

Em outras palavras, essa prática de produção jornalística soma ao ambiente redacional online e multimidiático a possibilidade de o desterritorializar (SILVA, 2007). Isto significa uma verdadeira reconfiguração na maneira como a informação é produzida, visto que o relato adquire a possibilidade de ser narrativizado em tempo real direto do lugar de acontecimento. Desse modo, um ambiente redacional móvel implicaria numa redução significativa das barreiras impostas por aspectos espaço-temporais.

¹ LEMOS, André. *Cibercultura e mobilidade: A era da conexão*. Salvador, 2005. Disponível em: < <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R1465-1.pdf> >. Acesso em: 09 nov. 2007.

² A opção pelo termo “jornalismo 3G” para determinados casos e “jornalismo móvel” (de caráter mais abrangente) para outros, será detalhada no decorrer do primeiro capítulo.

Os valores/notícia derivam de pressupostos que dizem respeito aos dois aspectos mencionados, como, por exemplo, o que está relacionado ao acesso à determinada informação. Portanto, trata-se da congruência com as disponibilidades técnicas e de organização, tendo em vista as restrições para realização da notícia de acordo com os próprios limites que cada empresa jornalística possui.

A partir dos conceitos de tempo, espaço e *newsmaking* trabalhados à luz de teóricos como McLuhan, Castells, André Lemos e Tuchman, pretende-se, de modo geral, estudar o impacto do uso das tecnologias móveis de comunicação – aqui entendidas como celulares, *smartphones*, *notebooks*, *pocket pc's* e outras ferramentas portáteis que imprescindivelmente³ possuam acesso à conexão de terceira geração (3G)⁴ - sobre a produção jornalística. Parte-se do pressuposto de que a evolução da técnica e o desenvolvimento das novas tecnologias implicam diretamente em transformações no cotidiano das redações (BALDESSAR, 2005). A exemplo da substituição das linotipos por máquinas *off-set* e das máquinas de escrever por computadores, a atual evolução tecnológica diz respeito à introdução dos dispositivos móveis nas rotinas de produção jornalísticas.

A idéia de mobilidade não é nova, seja do ponto de vista sociológico, antropológico ou comunicacional. Em termos sociológicos, mobilidade social refere-se à “circulação ou movimento de idéias, de valores sociais ou de indivíduos, numa camada inferior para a superior, e vice-versa, ou dum grupo para o outro no mesmo nível” (FERREIRA, 1999, p. 1349). Já no campo da comunicação, conceito adotado para o trabalho em questão, refere-se à circulação ou movimento de informação, mais especificamente de conteúdo jornalístico.

Do ponto de vista técnico, o telégrafo *wireless* foi a primeira invenção elétrica do século XIX a enviar mensagens a longa distância com um aumento relativo da “velocidade de transmissão de informação, pública e privada, local e regional, nacional e imperial” (BRIGGS; BURKE, 2004, p. 142) sem a necessidade de

³ Um *laptop* ou *PDA* comum são tecnologias móveis que podem ou não ter capacidade de acesso a redes sem fio (*wireless*). No entanto a presente pesquisa só se faz válida na medida em que estes dispositivos estejam articulados a uma rede sem fio.

⁴ A terceira geração de celulares permite acesso à internet em alta velocidade. Neste caso, não se trata mais apenas de tecnologias de voz, mas sim de computadores que também terão recursos de voz. De acordo com Marchezan (2007) em matéria publicada no jornal Zero Hora, a tecnologia de terceira geração é uma evolução das atuais redes de celular, permitindo, por exemplo, acesso à internet com cerca de 1(um) megabit por segundo de velocidade.

conexões com fios. Em breve generalizados, os telefones móveis e os computadores portáteis conectados à internet sem fio, conforme indica Pierre Lévy, seriam o aperfeiçoamento das comunicações e “mostram que o crescimento da mobilidade física é indissociável” desta evolução (1999a, p. 199).

Atualmente já é possível, em qualquer lugar e a qualquer hora, transmitir a informação capturada no ato do próprio local e publicar diretamente em variadas plataformas (com imagens, texto e sons) tanto por profissionais de jornalismo quanto por qualquer transeunte, como será visto mais adiante. Para fins de delimitação do tema e melhor definição do objeto de pesquisa, dar-se-á ênfase à utilização de celulares e *smartphones* com conexão de terceira geração na produção webjornalística. Três características principais estimulam este recorte:

- 1) Instantaneidade, agilidade e rapidez na difusão da informação por serem os celulares altamente móveis e portáteis.
- 2) A transformação rápida destes aparelhos em dispositivos cada vez mais ubíquos e nômades⁵, o que permite chegar a lugares e circunstâncias nas quais câmeras e repórteres dificilmente conseguem chegar.
- 3) O dinamismo da web para gerar, publicar e armazenar conteúdo textual e audiovisual.

No entanto, como parte do escopo da pesquisa realizada, eventualmente incluiu-se no campo de observação outros tipos de dispositivos móveis com recursos multimidiáticos e algum tipo de conexão *wireless*⁶, por considerar um maior enriquecimento da pesquisa, sobretudo no que diz respeito aos aportes empíricos. Desta mesma forma, também deverá ser abordada a produção feita tendo em vista outras plataformas que não apenas a web, como TV e impresso.

⁵ Estas duas características serão explicadas na seção 1.2.

⁶ Por rede *wireless* entende-se a interligação de dispositivos tecnológicos sem o uso de cabos, mas sim através de ondas eletromagnéticas como, por exemplo, as redes de telefonia celular ou a transmissão de dados via satélite. Algumas tecnologias são: *Wi-Fi*, *WiMAX*, *Bluetooth* e *GPRS*.

É interessante ressaltar ainda a abordagem baseada na utilização assíncrona⁷ dos telefones celulares. O tradicional uso síncrono (serviço de voz) já provocou consideráveis mudanças no radiojornalismo desde o início da década de 1990, ao agilizar a cobertura diária dos acontecimentos. Essa introdução da mobilidade no jornalismo de rádio trouxe implicações que alteraram o conceito de velocidade e instantaneidade na divulgação de informação nesta mídia (BIANCO, 2004). Do mesmo modo, formas mais elaboradas de comunicação assíncrona em celulares têm possibilitado mutações nas rotinas de produção em outras esferas do jornalismo, como impresso, televisivo e online.

Estudar-se-á, portanto, um jornalismo praticado via aparatos tecnológicos móveis, fenômeno recente, em seus primeiros passos na sociedade brasileira, mas que já oferta subsídio suficiente para o mapeamento de algumas experiências realizadas e a verificação das mudanças ocorridas na esfera jornalística. Como objeto empírico de pesquisa, selecionou-se o Portal clicRBS do Grupo Rede Brasil Sul (RBS) e sua produção em jornalismo 3G, conforme será explanado mais adiante.

O intuito neste momento é esclarecer pontos-base da fase exploratória da pesquisa bem como as dificuldades encaradas durante este percurso. Também serão abordadas as questões cruciais nas quais a pesquisa se sustenta, tais como a problemática em questão, os objetivos, a metodologia e o contexto onde se insere o trabalho que aqui se inicia. Nos capítulos sucedentes serão trabalhados os aportes teóricos que circunscrevem o estudo para que se possam discutir as possíveis implicações da introdução das tecnologias da mobilidade e das redes móveis nas dimensões espaço-temporais envolvendo o processo de produção e relato jornalístico. Dessa maneira será realizado, num primeiro momento, um levantamento do quadro de referência constituído por operações de caráter teórico sobre o fenômeno jornalístico e as novas tecnologias da informação (tecnologias e cultura das mídias, webjornalismo e jornalismo móvel) bem como o contexto sócio-cultural contemporâneo.

⁷ A utilização assíncrona caracteriza-se pelo “envio de notícias, *download* de imagens e de vídeos, toques de campainhas, passando por câmeras digitais, teleconferências, acesso à internet, noticiários, troca de arquivos de computador até a incorporação de sistemas de telelocalização (GPS), que permitem a definição da posição geográfica da pessoa por meio de uma rede de satélites com uma margem de erro de cinco a cinquenta metros” (SOUZA; TORRES; JAMBEIRO, 2005, p. 08, online).

Também será trabalhada uma abordagem no âmbito do *newsmaking* para tentar compreender como se constitui o processo de produção da notícia “em condições de mobilidade” (SILVA, 2007, p. 07, online) e como as redações de veículos de comunicação passam a se reorganizar frente a este fenômeno. Por último, o escopo empírico abordará as principais iniciativas em jornalismo móvel no Brasil e no mundo mediante pesquisa exploratória. O intuito é “descrever o que se chama de ‘estado de conhecimento’ do problema” (LOPES, 2005, p 139) para que, então, seja realizada uma aproximação empírica mais detalhada em torno do jornalismo 3G no Portal clicRBS.

O início de uma trajetória: caminhos, obstáculos, novos rumos

A proposta da pesquisa, no esforço para colaborar com a produção científica sobre jornalismo e novas tecnologias, evidencia-se em um estudo que contempla o jornalismo 3G enquanto nova modalidade emergente de produção jornalística. No caminho percorrido ao longo dos dois anos de estudos, desde a concepção em forma embrionária do projeto de pesquisa, alguns percursos foram traçados, seguidos e também abandonados.

O fato de novos caminhos terem se apresentado em meio à trajetória culminou em mudanças significativas tanto na definição do tema, quanto na escolha do objeto empírico de pesquisa. Em decorrência disso, as problemáticas em questão suscitadas pela delimitação do objeto de investigação também tiveram de ser readaptadas, bem como as estratégias multimetodológicas que melhor responderiam aos objetivos propostos.

Já era conhecido, de antemão, que o desenvolvimento deste trabalho iria esbarrar em questionamentos que acarretariam profundas mudanças ou alterações na proposta inicial. Em sua gênese, o projeto de investigação elaborado contemplava um vasto campo temático com duas vertentes distintas de entendimento sobre o termo inicial trabalhado – jornalismo móvel – enquanto “produção móvel” e “publicação móvel”:

PRODUÇÃO MÓVEL

O jornalismo móvel entendido como modalidade de se reportar fatos diretamente do local de acontecimento de um determinado evento, sem a necessidade de uma redação fixa e limitações temporais em sua transmissão. Esta vertente relaciona-se ao aspecto de produção do conteúdo jornalístico em mobilidade.

PUBLICAÇÃO MÓVEL

O jornalismo móvel entendido como aquele que se vale de plataformas móveis, como celulares, para a publicação de conteúdo. Esta vertente relaciona-se ao aspecto de recepção do conteúdo jornalístico em situação de mobilidade do receptor. Em outros termos, diz respeito, sobretudo, à audiência e ao acesso a conteúdos por meio da conexão sem fio.

Na necessidade de optar rapidamente por uma das abordagens em relação ao impacto das tecnologias móveis de comunicação no campo jornalístico – fosse na produção, na disseminação ou no acesso à informação – recorreu-se inicialmente à pesquisa exploratória como método determinante na circunscrição precisa do tema e do objeto investigativo.

O lançamento do *Mobile Tool Kit* da *Reuters* em outubro de 2007, conforme melhor será detalhado adiante, despertou diversas curiosidades, entre elas, a compreensão da natureza do fenômeno irrompido a partir da apropriação de celulares para o trabalho jornalístico. Por outro lado, observava-se naquela época também a profusão de inúmeros veículos tradicionais e portais gerindo informação para celulares, entre eles, FolhaWAP⁸, Abril Sem Fio⁹, O Globo.mobi¹⁰, Terra Celular¹¹, iG Celular¹², UOL Celular¹³, Yahoo! Celular¹⁴, entre outros.

⁸ Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/folha/wap/> >.

⁹ Disponível em: < <http://www.abril.com.br/celular/> >.

¹⁰ Disponível em: < <http://moglobo.globo.com/> >.

¹¹ Disponível em: < <http://celular.terra.com.br/> >.

¹² Disponível em: < <http://igcelular.ig.com.br/> >.

Essas duas facetas do fenômeno da mobilidade passaram a repercutir, na época, dentro do jornalismo no mundo e chamavam a atenção para um estudo em potencial. A importância na escolha de qual aspecto seria trabalhado durante o Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (PPGCCOM) da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) residia no fato de o estudo requerer todo um desenvolvimento específico de procedimentos metodológicos e abordagens teórico-empíricas.

Com o desenvolvimento de pesquisas exploratórias, tanto nestes portais de conteúdo para acesso remoto quanto em jornais e websites com referencial sobre experiências realizadas em produção móvel jornalística, optou-se pela primeira perspectiva ainda durante o primeiro semestre de 2008. O fator relativo à inovação de caráter mais recente no meio jornalístico teve peso considerável na tomada de decisão pelo segundo enfoque em detrimento do primeiro caso citado.

Inicialmente, e após as primeiras pesquisas exploratórias, considerou-se o Jornal NH, sediado na cidade de Novo Hamburgo no Rio Grande do Sul, como objeto empírico a ser estudado na pesquisa de campo proposta. Entretanto, por se tratar de um fenômeno dinâmico, instável e variável, como de praxe na maioria dos estudos em ciências sociais, uma proposta concreta de investigação só pôde ser estabelecida levando-se em conta a possibilidade de descontinuidade do projeto na empresa.

Desde maio de 2008, o Jornal NH vinha investindo em transmissões de vídeo em tempo real diretamente para o website do Jornal NH Online via celulares com conexão 3G. A iniciativa foi pioneira no país nesta modalidade. No dia 30 de maio, internautas que estavam conectados ao Jornal NH Online puderam presenciar a transmissão ao vivo, do centro de Novo Hamburgo, da entrevista com o meteorologista Nilson Wolf sobre a nova onda de frio que atingiu o estado e prometia neve para a região.

Em julho de 2008 realizou-se uma ida a campo em encontro realizado na sede do Grupo Sinos em Novo Hamburgo. Na ocasião pode-se coletar uma quantidade significativa de dados referente às experiências da empresa. Contudo, desde o início

¹³ Disponível em: < <http://celular.uol.com.br/> >.

¹⁴ Disponível em: < <http://br.mobile.yahoo.com/> >.

de 2009 o Jornal NH Online demonstrou certa desmotivação em relação ao novo tipo de jornalismo e não investiu mais em transmissões. Na mesma época, o Portal de notícias clicRBS, pertencente ao Grupo RBS, colocou em prática a primeira experiência definitiva em jornalismo 3G.

Um breve panorama

No ano de 2007, diversas empresas jornalísticas no Brasil e no mundo passaram a implementar, aos poucos e de forma ainda um tanto receosa, aparatos tecnológicos de ponta na cobertura de eventos e também como complemento para as reportagens de campo. Timidamente, telefones celulares e outros dispositivos móveis começaram a ser incorporados na produção jornalística, possibilitando o exercício da profissão mesmo em lugares remotos e oferecendo maior flexibilidade ao repórter como auxílio na captura de flagrantes do cotidiano.

Desde então, foram empreendidas diversas iniciativas que vão de páginas na web específicas para atualização mediante dispositivo móvel, como os *moblogs* e os *microblogs*¹⁵, passando pelo jornalismo móvel de caráter participativo até o jornalismo 3G praticado por webjornais e algumas emissoras de televisão.

O projeto *Mobile Journalism* da agência internacional de notícias *Reuters* pode ser considerado o caso paradigmático na área e também o principal motivador para o desenvolvimento da pesquisa. Em parceria com a empresa *Nokia*, os repórteres da agência têm utilizado celulares *Nokia* modelo N95 com câmera de alta resolução como principal integrante de um kit móvel de ferramentas desenvolvido especificamente para a apuração, edição e publicação de conteúdo informativo.

Na África também surgiram experiências muito bem elaboradas, como é o caso do projeto *Voices of Africa* do portal *Africa News*. A principal característica está centrada na utilização de celulares equipados com GPRS¹⁶, o que possibilita a cobertura mesmo em lugares mais remotos dos países que fazem parte do projeto:

¹⁵ *Moblogs* e *microblogs* são evoluções da web 2.0. Esses serviços de *blogging* oferecem infraestrutura adequada para uma publicação aberta e descentralizada a partir de dispositivos móveis devidamente equipados com tecnologias que possibilitem a criação de texto, vídeo e imagem.

¹⁶ *General Packet Radio System*. Conexão wireless utilizada, sobretudo, nos locais onde é improvável a existência de zonas *wi-fi*.

África do sul, Moçambique, Gana e Kenia. Cada repórter responsável por sua área de abrangência produz fotos, vídeos, áudios e textos para publicação instantânea no website do portal.

No Brasil dois projetos se destacaram inicialmente: o Notícia Celular, produzido pelos repórteres da TV Jornal, retransmissora do Sistema Brasileiro de Televisão (SBT) em Pernambuco, e a BandNews, do Grupo Rede Bandeirantes de Televisão (BAND) com sua estréia em *live streaming*¹⁷ para a TV. Ambos os projetos possuem características semelhantes na utilização de celulares com tecnologia 3G como plataforma de produção e difusão de conteúdo televisivo. Munidos com tecnologias móveis digitais, os repórteres relatam em vídeos situações inusitadas, geralmente acidentes e incêndios ou outros flagrantes da vida cotidiana da cidade.

Existem ainda experiências inéditas denominadas de *MoJo's*, acrônimo para *mobile journalists*: profissionais de jornalismo que não possuem um ambiente físico de produção específico, como as salas de redação. Geralmente passam a maior parte do tempo pelas ruas nos seus veículos em busca de matéria prima para o trabalho. O jornal americano *News-Press* foi o pioneiro nesta experiência que, diferentemente dos demais casos acima citados, não utiliza a telefonia móvel como principal ferramenta de produção.

Por que estudar o jornalismo na era da mobilidade?

De modo distinto em relação às demais formas de práticas jornalísticas, o jornalismo executado em plataformas móveis pouco havia sido tema de pesquisa e reflexão. Alguns raros levantamentos preliminares sobre a notícia produzida via celulares já haviam sido abordados nas seguintes pesquisas: “Tecnologias móveis na produção jornalística, do circuito alternativo ao *mainstream*” (SILVA, 2007), cujo foco central é o que mais se aproxima da presente pesquisa; “*Mobile Newsmaking*” (FORSBERG, 2001), em relação a aparelhos móveis enquanto terminais de pesquisa remota na produção jornalística; “O uso de dispositivos móveis para o

¹⁷ Uso da transmissão em *streaming* combinada com a produção ao vivo da informação.

ensino de jornalismo” (AMÉRICO; MAGNONI. 2007) e o trabalho de conclusão de curso da jornalista Cíntia Costa (2007) intitulado “O celular com câmera e o fotojornalismo”.

No entanto, ainda não havia nenhuma abordagem específica sobre as mudanças provocadas no jornalismo atual com a introdução da mobilidade nas redes. A escassez de estudos nesta área, em contrapartida aos estudos relacionados ao webjornalismo, ao jornalismo digital e mesmo ao jornalismo de publicação móvel, foi uma das justificativas para a escolha pelo tema atual.

Questões regulatórias sobre o futuro do *WiMax*¹⁸, da rede 3G e da TV Digital no Brasil serão relevantes para definir a nova modalidade de jornalismo online realizada em suportes móveis. No país, a telefonia de 3G teve sua inauguração no segundo semestre de 2008, mas ainda permanece instável e inacessível em muitas cidades brasileiras. A próxima geração *wireless* irá permitir que os celulares tradicionais, *smartphones* e outros dispositivos móveis conectem-se à internet em rede de alta velocidade.

Com a maior rapidez na transmissão de dados, a produção e circulação de vídeos, músicas, jogos e e-mail se tornará cada vez mais conveniente a qualquer um, em qualquer lugar, há qualquer momento. Iniciativas no setor já apontam para a expansão da audiência através de estratégias fundamentais para a inclusão digital móvel. O Google divulgou no final de 2007 a elaboração do projeto *Android*, um sistema operacional móvel *software* livre. O intuito da companhia é negociar “acordos de compartilhamento de receitas com as operadoras móveis que concordarem em reduzir cobrança mensal de serviços de dados, o que expandiria a audiência potencial da Web em celulares” (AUCHARD, 2007, online).

Em contrapartida, gradativamente as empresas tradicionais vêm incorporando a prática do jornalismo móvel nas suas rotinas de produção. Com o atual desenvolvimento de tecnologias capacitadas com múltiplas funções ideais para a produção jornalística (edição de textos, fotos, vídeos), as conexões *wireless*, mesmo que ainda não generalizadas, e o surgimento da banda larga de terceira geração, um ambiente redacional móvel já é possível independente de estruturas

¹⁸ *Worldwide Interoperability for Microwave Access*. É a evolução do *Wi-Fi*, atual padrão de tecnologia para conexão sem fio.

fixas. Observa-se que o jornalismo móvel se desenvolve rapidamente e deve em breve se tornar mais comum do que se imagina.

Tanto para a área de concentração do Mestrado em Ciências da Comunicação quanto para a linha de pesquisa em Linguagem e Práticas Jornalísticas, o presente projeto tem importância na medida em que contempla a abordagem eletro-eletrônica da comunicação e suas implicações no contexto social contemporâneo. As tecnologias móveis de comunicação permeiam os processos midiáticos no momento em que reconfiguram práticas comunicacionais, sobretudo as práticas jornalísticas. O jornalismo, também entendido como prática social, vivencia um momento ímpar em sua trajetória histórica, conseguindo obter maior domínio sobre o espaço e o tempo dentro de suas rotinas produtivas como nunca antes visto. Neste sentido, a presente pesquisa se propôs a sistematizar estas metamorfoses no processo jornalístico e servir como material científico que contribua na compreensão do atual estado em que o jornalismo se encontra.

Levando em consideração a transformação tecnológica dos últimos anos e a disponibilização de um novo conjunto de suportes midiáticos e serviços, o mapeamento das práticas jornalísticas na era da mobilidade trará contribuições para uma melhor compreensão da reconfiguração por que passa o jornalismo atual ao tentar impor ordem no espaço e no tempo.

Da problemática

O jornalismo mundial vive um dos momentos mais paradoxais no que diz respeito a sua evolução nas últimas décadas de sua história. Se por um lado a tecnologia cada vez mais “comprime” as noções espaço-temporais, por outro, intensifica a disseminação de informação e imprime novas formas de fazer e pensar as práticas jornalísticas, nas esferas da produção, circulação e recepção do conteúdo. Quando os meios de comunicação começavam a se sentir cómodos com os computadores pessoais (*desktops*) e a internet fixa, as plataformas digitais móveis e as redes sem fio implantaram um novo desafio.

As tecnologias móveis de comunicação entram no corpus do presente trabalho segundo o conceito estipulado por Adriana de Souza e Silva (2006) como

todos os tipos de interfaces com conexão sem fio que promovam uma comunicação local e remota multipessoal, permitindo a transmissão de informação ao mesmo tempo em que o usuário se move pelos espaços urbanos. O telefone celular, dentro do recorte do objeto empírico de pesquisa, é o principal exemplo de tecnologia móvel não apenas por liderar a utilização entre os aparelhos portáteis existentes hoje no mundo, mas também por ser um verdadeiro terminal multimídia com conexão banda larga (no caso dos aparelhos de terceira geração) ao alcance da palma da mão. Se antes o olho eletrônico chegava aonde o olho humano não podia chegar (ALSINA, 1989), agora se pode dizer que o olho móvel e digital de celulares capacitados com câmeras chega aonde o olho eletrônico convencional não consegue chegar.

Novos paradigmas têm se apresentado em diversas esferas da sociedade, seja na comunicação, nos espaços sociais, nas interações pessoais ou no mercado econômico e político. As cidades contemporâneas e suas dinâmicas sociais tendem a se reorganizarem em função da convergência das novas tecnologias da comunicação, das conexões e, agora também, da introdução da mobilidade. A revolução atual das comunicações, no qual o ciberespaço tem seu lugar como a manifestação mais importante, possibilita não apenas o acesso a quase todas as informações no mundo, mas também ao próprio envio destas informações. Nas palavras de Pierre Lévy, seria “a conexão da humanidade consigo mesma” (1999a, p. 204).

Estas são as ferramentas chaves no processo de reestruturação das cidades contemporâneas em verdadeiras cidades digitais em que

os processos midiáticos que lhe são correlatos e estruturantes, como o jornalismo e depois as mídias audiovisuais, são desde sempre fluxo, troca, deslocamento, desenraizamento e desterritorializações (das relações sociais, das informações e dos territórios). (LEMOS, 2007a, p. 122)

O ciberespaço, entendido aqui como espaço virtual que faz uso de meios de comunicação como a internet para troca de informação e também como suporte de memória da humanidade (LÉVY, 1999b, p. 93), ou ainda, um “conjunto de informações codificadas binariamente que transita em circuitos digitais e redes de transmissão” (FRAGOSO, 2000, online), possui papel fundamental quando tratamos

de uma era de conexão propiciada pela convergência tecnológica e a informatização das sociedades. Associada ao ciberespaço, a quinta geração de tecnologias comunicacionais “é constituída por uma rede móvel de pessoas e de tecnologias nômades que operam em espaços físicos não contíguos” (SANTAELLA, 2007, p. 200). É justamente desta interseção entre os espaços físicos e virtuais que as novas práticas de registro da informação se alimentam.

Não há ainda uma terminologia para este novo espaço que dê conta das especificidades do objeto em questão. Mas algumas já se aproximam: os **espaços híbridos** (SILVA, 2004) que são espaços sociais, criados pela mobilidade de usuários em espaços públicos (físico) ao carregarem aparelhos portáteis constantemente conectados à internet (realidade virtual) e a outros usuários; **espaços intersticiais** (SANTAELLA, 2007), que somam a esta mescla entre espaços físicos e digitais as realidades virtual, aumentada e mista; os **territórios informacionais** (LEMOS, 2007b), que são verdadeiras zonas de acesso e controle da informação digital; e ainda os **ambientes móveis de produção** (SILVA, 2007), caracterizado pela interface entre o espaço urbano e o virtual na produção jornalística.

Sendo o espaço e o tempo as principais dimensões materiais da vida humana e se, numa relação dialógica, o espaço organiza e determina o tempo na sociedade em rede (CASTELLS, 1999), faz-se necessário pensar a construção do ciberespaço como novo lugar de fluxos para entender o impacto da mobilidade na comunicação em redes telemáticas quando a produção móvel no webjornalismo for abordada. Com o desenvolvimento da comunicação eletrônica, o advento da internet e do ciberespaço, nota-se uma crescente dissociação entre a proximidade espacial e a cidade enquanto espaço de trabalho, entretenimento, serviço público, governo, educação, entre outros.

Dada as características do suporte móvel como multimidiatismo, instantaneidade, permanência (conexão *always on*) e interatividade (BRAGINSKI, 2004), aos quais, com base em Souza e Silva (2004) e Lemos (2007b), ainda pode-se acrescentar portabilidade, ubiquidade, produção e publicação de informação (texto, imagens, sons) de forma descentralizada, uma inquietação norteadora da pesquisa tem se manifestado: o que muda nas práticas jornalísticas em base digital quando ele é feito em plataformas móveis?

Se no final da década de sessenta, sociólogos como Gaye Tuchman e Herbert Gans realizaram estudos etnográficos em diversas redações norte-americanas na tentativa de responder à simples pergunta ‘como as notícias são feitas?’ (FORSBERG, 2001), hoje, quando as redações se tornaram altamente informatizadas e muitas empresas tradicionais já aderiram à produção em condições de mobilidade digital, o que muda nos processos de apuração, edição e publicação das notícias? Como as empresas jornalísticas estão se apropriando das ferramentas móveis para a produção de notícias? Que diferentes usos podem ser notados? De que forma são produzidas as notícias considerando essas novas práticas de tempo e maior mobilidade pelo espaço físico? O que a mobilidade altera e/ou afeta nas rotinas produtivas e valores/notícia? Quais usos apontariam para uma utilização efetiva do potencial desses dispositivos na produção jornalística?

Por fim, considerando também a participação do cidadão em projetos de jornalismo móvel colaborativo, quais os possíveis rasgos e interações se estabelecem entre o jornalismo móvel e o jornalismo participativo e *open source*? Em que medida as tecnologias móveis intensificam essa participação por transeuntes?

Dos objetivos norteadores da pesquisa

O principal objetivo se concentra na elaboração de um “raio x” inicial dos processos de introdução das tecnologias móveis, em especial a de terceira geração, na produção jornalística. Com este mapeamento e o estudo de um caso em específico, pretende-se analisar de que maneira esta introdução do aspecto móvel nas redes de comunicação provoca mudanças na prática jornalística.

Numa segunda instância, também se pretende realizar uma breve incursão por um outro aspecto que o tema suscita e diz respeito às relações entre os papéis do emissor e do receptor, em função do potencial comunicativo descentralizado de uso e apropriação coletiva dessas tecnologias. A articulação dos dispositivos móveis como ferramentas de gestão e difusão de um conhecimento aberto em virtude das apropriações sociais é igualmente fator de considerável importância na tentativa de compreensão do momento pelo qual o jornalismo se reconfigura.

Entre os objetivos de caráter mais específico, decorrentes do objetivo principal e norteador da dissertação, deseja-se, inicialmente, confrontar esta prática com o jornalismo tradicional praticado extensivamente nos meios de comunicação impresso e rádio-difuso até o advento das novas tecnologias da comunicação e da informação a partir do século XX, considerando o contexto sócio-cultural em que o jornalismo móvel emerge. O intuito é tensionar a prática do jornalismo móvel comparando-a com as práticas tradicionais.

Deste modo, tem-se por meta averiguar quais métodos as empresas têm utilizado, bem como a estrutura de redação para produção jornalística móvel. Isto inclui um mapeamento da atual situação do jornalismo móvel com um levantamento de algumas iniciativas já em produção desde o início do século XIX no Brasil e no mundo. Assim, almeja-se verificar como ele tem sido desenvolvido dentro das empresas de comunicação e através das atuais redes digitais móveis de telecomunicações.

Tendo em mãos estas informações, em sinergia com os subsídios empíricos provindos da coleta de dados na pesquisa de campo, objetiva-se verificar as mudanças nas rotinas produtivas, no que diz respeito às principais características como pauta, apuração, edição e difusão. Os critérios de noticiabilidade no processo de seleção do que é potencialmente notícia numa cobertura móvel, bem como o trabalho do repórter como “instantaneísta” (RAMONET, 1999, p. 74) produtor de informação ante a convergência de funções desencadeadas, também deverão ser apurados e analisados para uma reflexão sobre o papel do jornalista.

Importante ressaltar por último que, no esforço de evitar o determinismo tecnológico, propõe-se abordar o fenômeno social e tecnológico sob a mesma ótica de Bolter e Grusin, ou seja, como dois aspectos de um mesmo fenômeno e assim “explorar as tecnologias digitais elas mesmas como híbridas da técnica, do material, do social e facetas econômicas” (1999, p. 77).

Portanto entende-se que as tecnologias não devem ser abordadas como causa das transformações nos modos e processos de comunicação na sociedade, nem como condição vital de sua sustentação. Ao contrário, elas devem ser compreendidas dentro de uma relação bidirecional em que as mudanças na sociedade ocorrem em virtude daquilo que a sociedade faz das tecnologias, assim

como as conseqüências decorrentes desta relação. Uma tecnologia (ainda) não possui a faculdade de criação e desenvolvimento por si própria.

CAPÍTULO 1

Tecnologia, Mobilidade e Jornalismo

“O surgimento de um novo sistema eletrônico de comunicação caracteriza-do pelo seu alcance global, integração de todos os meios de comunicação e interatividade potencial está mudando e mudará para sempre nossa cultura.”

[Manuel Castells]¹⁹

1.1 As Tecnologias Contemporâneas da Comunicação

As tecnologias de comunicação, cada qual em seu tempo, resultaram sempre em transformações significativas na sociedade, nos hábitos e nas formas do homem se expressar, agir, interagir e conceber o mundo. Como fruto das sociedades contemporâneas, cuja velocidade é um dos fatores principais que norteiam a vida de grande parte da população, as Novas Tecnologias da Informação e Comunicação (NTICs) passaram a agilizar e a viabilizar outras formas produtivas de conteúdo comunicacional. Observam-se, desse modo, diversas mídias convergindo na produção de conteúdos multimidiáticos numa velocidade de difusão e recepção nunca antes vista.

O advento das ferrovias e o surgimento da energia a vapor durante a revolução industrial, precedidos pelos novos conjuntos de meios de comunicação como telégrafo, rádio, fotografia e cinema, possibilitaram redefinições dos aspectos espaço-temporais (tempo e distância) na percepção e comunicação humana. Levando-se sempre em conta a tecnologia enquanto produto indissociável da economia, a revolução da comunicação no decorrer do século XX provocou conseqüências de dimensões globais. Aos poucos o conceito de “Aldeia Global” utilizado por McLuhan (1964) foi tomando forma. Para o teórico, o mundo ocidental tem passado por um processo denominado de ‘implosão’, em virtude de técnicas fragmentárias e mecânicas.

Essas técnicas seriam a sustentação da tecnologia da máquina. Se nas idades mecânicas projetavam-se os corpos no espaço, hoje, após um século e meio de energia elétrica, projeta-se o próprio sistema nervoso central, o que para McLuhan

¹⁹ CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. A era da informação: economia, sociedade e cultura ;v.1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

significa a abolição do tempo e espaço e a união de todos os indivíduos numa espécie de “abraço global”.

Algo parecido já era vislumbrado em 1889 pelo primeiro-ministro britânico marquês de Sasbury ao considerar a telegráfica como o principal avanço da área da eletricidade responsável por reunir “toda a humanidade em um grande nível, em que se podia ver [sic] tudo que é feito e ouvir tudo que é dito, e julgar cada política adotada no exato momento em que os eventos aconteciam” (apud BRIGGS; BURKE, 2004, p. 140). Se toda a humanidade estava incluída nessa posição tão “onisciente” e “onipresente” descrita pelo político britânico, isso não parece tão óbvio, assim igualmente em relação ao conceito de Aldeia Global. Apesar de ambas exacerbarem uma utopia na qual todos no globo estariam interligados em igualdade e em responsabilidade global, alguns “achados” nos estudos de McLuhan são interessantes para se pensar as conseqüências da tecnologia na sociedade contemporânea.

De fato houve um deslocamento da tradição da esfera pública, anteriormente constituída em cidades, para o globo enquanto uma “aldeia”, se “eletricamente contraído”. Para McLuhan, em termos de mudanças no trabalho, nas relações interpessoais e na comunicação massiva, o que antes era moldado pelas técnicas fragmentárias basilares da tecnologia da máquina, hoje, com a repercussão das novas tecnologias na indústria, é impactado pela tecnologia da automação cuja essência está baseada na simultaneidade. “Ela é integral e descentralizadora, em profundidade, assim como a máquina era fragmentária, centralizadora e superficial das relações humanas” (MCLUHAN, 1964, p. 21-22).

Esta colocação fica evidente se comparada às atuais tecnologias da automatização com as tecnologias da máquina dos séculos XVII e XVIII no jornalismo, por exemplo. De todo modo, somente a partir da emergência da comunicação mediada por computadores é que este conceito de Aldeia Global encontrou bases para sua sustentação definitiva:

[...] December (1993) afirma que a emergência da comunicação mediada por computador deu finalmente existência à visão de McLuhan de uma aldeia global. Segundo ele, a televisão, o rádio e as redes telefônicas se estenderam globalmente no decorrer do século XX. Porém, eles sofrem de limitações de tempo, espaço e características do meio. A TV e o rádio trabalham com comunicação unilateral, o que funciona bem para transmissões massivas mas não

para contatos interpessoais. O telefone e o rádio-amador permitem o diálogo entre indivíduos, mas apenas se eles estiverem conectados ao mesmo tempo. Sistemas de gravação de voz (fitas e discos, por exemplo) possibilitam uma comunicação assíncrona, sem limitações temporais, mas devem ser transportados fisicamente pelo espaço. Mesmo a comunicação interpessoal face-a-face exige a simultaneidade espacial e temporal dos participantes. Isto é, trazem limitações à realização do conceito de aldeia global. Já a CMC permite a realização do conceito de McLuhan pois transcende limitações de tempo e espaço. (PRIMO, 1997, online).

É verdade que as mais diversas esferas da nossa sociedade – economia, cultura, educação, imprensa, etc. – foram permeadas pela transformação tecnológica da informação. No entanto, faz-se necessário ressaltar que a tecnologia não determina a sociedade, apesar de ela própria ser a sociedade. “A sociedade não pode ser entendida ou representada sem suas ferramentas tecnológicas” (CASTELLS, 1999, p.25).

A última grande revolução tecnológica com a introdução do telefone celular e o desenvolvimento de aparatos móveis cada vez mais complexos e, inversamente, menores e mais portáteis, talvez revele o quanto de fato a tecnologia passa a ser indissociável da sociedade. A história tem mostrado “que os usuários são os principais produtores de tecnologia, adaptando-a a seus usos e valores e acabando por transformá-la” (CASTELLS, 2003, p.28). Os telefones móveis surgiram com uma determinada finalidade, mas as diferentes usos decorrentes das adaptações feitas pelos usuários transformaram o segmento de forma rápida e drástica. Hoje é possível encontrar uma variada gama de aparelhos dos mais sofisticados e usos que vão desde simples chamadas de voz até verdadeiras coberturas jornalísticas direto dos lugares mais remotos.

Neste capítulo serão abordadas as características das tecnologias móveis da comunicação e as adaptações no âmbito do jornalismo online/digital, elucidando alguns pontos-chave do jornalismo produzido a partir das novas tecnologias, no qual o jornalismo 3G atualmente emerge. Assim, pretende-se compreender as estruturas e dinâmicas dessa modalidade de prática jornalística a partir de dispositivos móveis, portáteis, multimidiáticos e de conexão sem fio.

1.2 Tecnologias móveis: história, definição, convergência e usos

De forma abrangente, é considerada uma tecnologia móvel toda tecnologia que possibilita o movimento do usuário pelos espaços públicos e privados, sem impedimentos do usuário na realização do deslocamento ao carregar o aparelho. A conexão sem fio, enquanto quarta revolução dentro da computação, permite aos usuários acesso e envio de informação distribuída através das redes telemáticas, independente da localização e das mudanças de posicionamento no espaço. Em relação às características de cunho técnico e que dizem respeito, primeiramente, ao âmbito da informática, utilizar-se-á o conceito de tecnologias móveis da comunicação desenvolvido por Figueiredo e Nakamura. As características a seguir, de acordo com os dois autores, são imprescindíveis para que um dispositivo tecnológico de comunicação seja considerado de fato uma tecnologia móvel:

[...] deve ter a capacidade de realizar processamento, trocar informações via rede e ser capaz de ser transportado facilmente por seu usuário. Para isso, é importante que o dispositivo computacional tenha tamanho reduzido e não necessite de cabos para conectá-lo à rede de dados ou fonte de energia elétrica. Assim, equipamentos deste tipo devem ter as seguintes características: ser bem menor que as estações de trabalho que costumamos usar geralmente manipulados no colo ou na palma das mãos; possuir uma bateria, para evitar a necessidade de conexões à rede elétrica através de cabos que limitariam muito a mobilidade; e ter acesso a dados através de tecnologias de redes sem fio, pelo mesmo motivo anterior. (FIGUEIREDO; NAKAMURA, 2003, p. 17)

Os principais dispositivos que se enquadram na descrição acima são, basicamente, *laptops*, *palmtops*, *Personal Digital Assistants (PDA's)*, celulares e *smartphones*. *Laptop*, ou *Notebook*, são computadores como os tradicionais *Personal Computers (PC's)*, também chamados de *desktops*, porém com dimensões consideravelmente reduzidas, o que permite maior mobilidade e facilidade no transporte de um lugar para outro. Os recursos de interação (teclado, *mouse*) e capacidade de processamento de dados, memória e armazenamento equiparam-se ao *PC* fixo.

Contudo, os *laptops* parecem não oferecer agilidade suficiente, em se tratando de seu uso em movimento, se comparado aos demais aparatos da mesma

natureza. Geralmente requer “que seu usuário pare em um lugar propício (como uma mesa ou apoio), tire-o de uma maleta ou case, inicialize-o (podendo ser um processo um pouco demorado), use-o e depois guarde-o (FIGUEIREDO; NAKAMURA, 2003, p. 17). Entretanto, também é possível tomar conhecimento de iniciativas capazes de burlar estes impedimentos com o intuito de tornar o dispositivo mais apto para o uso emergencial e em movimento.²⁰

Já os *palmtops* são bastante semelhantes aos *laptops*, porém com um tamanho reduzido à palma da mão. Assim como os *PDA's*, originalmente concebidos como organizadores pessoais, estes dispositivos possuem capacidade de armazenamento, processamento e memória muito limitados em comparação ao *laptop* devido a suas dimensões reduzidas. Por outro lado, trata-se de um computador ideal para ser carregado junto ao corpo, guardado no bolso da calça, por exemplo.

Já os telefones celulares surgiram com a função exclusiva para conversação por voz. Entretanto, com os avanços na informática e nas telecomunicações sua funcionalidade passou a agregar outros elementos, incorporando características como as dos *PDA's* e *palmtops*. Formas mais sofisticadas de telefones celulares podem ser encontradas em aparelhos como os *smartphones* (telefone inteligente). Nestes dispositivos integram-se funções multimidiáticas com capacidade de produção e reprodução de texto, áudio, vídeo e foto, conexão com rede de dados para acesso remoto à internet, *Global Positioning System (GPS)*²¹, entre outras mais.

Atualmente no Brasil, conforme a Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel)²², existem 173.959.368 celulares habilitados, atingindo praticamente o mesmo número da população do país, 191.480.630 habitantes. Em alguns estados brasileiros, como o Distrito Federal, São Paulo, Mato Grosso do Sul, Rio de Janeiro e o Rio Grande do Sul, a teledensidade de um celular por habitante já foi inclusive superada. Em 2009 o crescimento da banda larga móvel 3G chegou a 211,63%. De todo modo, a tecnologia *GSM* continua contando com 90% de participação, sendo

²⁰ No capítulo de análise empírica será abordado o caso do portal clicRBS.

²¹ Sistema de posicionamento global.

²² Dados divulgados pela Anatel no site. 2010. Disponível em: <
http://sistemas.anatel.gov.br/SMP/Administracao/consulta/AcessosMoveisOpDensidade/tela.asp?SIS_QSmodulo=18326 >.

responsável por 156,5 milhões de aparelhos contra apenas quatro milhões dos de terceira geração.

Até chegar ao atual estágio de desenvolvimento das tecnologias móveis de comunicação diversos experimentos e pesquisas passaram a ser executados a partir do século XIX. Conforme Mateus e Loureiro (1998, online) o primeiro sistema de comunicação móvel surgiu em Detroit, Estados Unidos da América (EUA), no ano de 1928. Tratava-se de um sistema de rádio utilizado pela polícia local. De acordo com os autores, a evolução tecnológica, até 1995, seguiu os seguintes passos:

- 1820 Hans Christian Oersted descobre experimentalmente que a corrente elétrica produz um campo magnético. André Marie Ampère quantifica essa observação na Lei de Ampère.
- 1830 Joseph Henry descobre que a variação do campo magnético induz uma corrente elétrica, mas não publica o resultado. Em 1831, Michael Faraday descobre independentemente esse efeito que passaria a ser conhecido como a Lei de Faraday e, mais tarde, a terceira equação de Maxwell.
- 1864 James Clark Maxwell modifica a Lei de Ampère, amplia a Lei de Faraday e desenvolve as quatro famosas equações de Maxwell sobre campos magnéticos.
- 1876 Alexander Graham Bell inventa o telefone.
- 1887 Heinrich Rudolph Hertz detecta as ondas electromagnéticas previstas pelas equações de Maxwell.
- 1896 Guglielmo Marconi inventa o primeiro receptor sem fio prático: o telégrafo sem fio.
- 1907 Início do serviço de radiodifusão comercial transatlântico (estações terrestres imensas: antenas de 30 x 100m).
- 1914 Início da Primeira Guerra Mundial. Rápido desenvolvimento das comunicações e sua interceptação.
- 1921 Radiodifusão comercial entra em operação nos EUA.

- 1928 A Polícia de Detroit introduz um sistema de acionamento de carros baseado em radiodifusão (unidirecional) na faixa de 2 MHz.
- 1933 A FCC autoriza o uso de quatro canais na faixa de 30-40 MHz.
- 1935 Modulação em Freqüência - *Frequency Modulation* (FM) surge como alternativa para a Modulação em Amplitude - *Amplitude Modulation* (AM), reduzindo os problemas de ruídos na transmissão, ou melhor desempenho com relação a perda de sinal, ou desvanecimento.
- 1939 Pesquisa e uso da comunicação via rádio expande imensamente durante a Segunda Guerra Mundial.
- 1945 AT&T *Bell Labs* inicia experimentos no uso de freqüências mais altas com o objetivo de melhorar os serviços móveis.
- 1947 AT&T lança o *Improved Mobile Telephone Service* (IMTS), um sistema de transmissão onde apenas uma torre de alta potência atendia uma grande área ou cidade. Em seguida, AT&T *Bell Labs* propõe o conceito celular.
- Anos 50 Os sistemas requerem uma elevada banda para transmissão, uma faixa de 120 kHz para transmitir um circuito de voz de apenas 3 kHz. Esta faixa é reduzida pela metade. Com os transistores os equipamentos reduzem de tamanho e já são transportáveis. Nessa época os primeiros sistemas de *paging* começaram a surgir.
- Anos 60 Um novo receptor de FM permite reduzir a banda para 30 kHz, abrindo espaço para um número de canais de comunicação com o mesmo espectro. *Bell Labs* já testa as técnicas de comunicação celular e surgem os primeiros aparelhos portáteis.
- Anos 70 A FCC aloca um espectro de freqüências para os sistemas celulares. Nesse período AT&t lança o sistema celular conhecido por *Advanced Mobile Phone System* (AMPS). Inicialmente era um serviço de luxo destinado para uso em automóveis e de aplicação limitada tendo em vista a baixa durabilidade das baterias. Atendiam uma capacidade limitada de tráfego e um número reduzido de usuários. A primeira rede celular no mundo foi lançada no Japão em 1979.

- 1983 O sistema AMPS evolui para os padrões hoje conhecidos como de primeira geração (1G) com a primeira rede celular americana lançada em 1983, em Chicago e Baltimore. Outros sistemas similares entram em operação no mundo: *Total Access Communications System* (TACS) no Reino Unido (1985), *Nordic Mobile Telephone Service* (NMT) na Escandinávia (1981), *Nippon Advanced Mobile Telephone System* (NAMTS) no Japão. A transmissão em FM, reduzida à 25kHz nos anos 1970, entra nos anos 1990 na faixa de 10kHz. Também surgem os sistemas de transmissão digital. Pelas técnicas de processamento digital de sinais foi possível reduzir a banda necessária, viabilizando os sistemas móveis digitais.
- 1991 Validação inicial dos padrões de segunda geração (2G) *Time Division Multiple Access* (TDMA) e *Code Division Multiple Access* (CDMA) nos EUA. Introdução da tecnologia micromolecular.
- 1992 Introdução do sistema celular Pan-Europeu *Global System for Mobile Communication* (GSM).
- 1994 Introdução do sistema *Cellular Digital Packer Data* (CDPD). Início dos serviços *Personal Communication Services* (PCS) CDMA e TDMA.
- 1995 Início dos projetos para cobertura terrestre de satélites de baixa órbita, como o projeto *Iridium*.

Na seqüência, o lançamento do GPRS, tecnologia de segunda e meia geração (2,5G), possibilitou o acesso à internet móvel. Aos poucos os aparelhos móveis foram se tornando cada vez mais híbridos, como já citado anteriormente, incorporando funções de texto, áudio e imagem em verdadeiros terminais multimídias. A terceira geração oferece aos seus usuários uma ampliada gama de serviços para transmissão de dados à longa distância.

Como pode ser observada, a história da evolução do telefone demonstra uma constante integração de variados meios em apenas uma única plataforma. Em "*Remediation: Understanding New Media*", Bolter e Grusin introduzem a idéia de que uma mídia nova sempre irá remediar as mídias antigas, como no caso da mídia digital remediando seus predecessores. Seguindo o conceito desenvolvido pelos

autores, as tecnologias da comunicação poderiam ser enquadradas em qualquer uma das três formas de remediações:

“- *Remediação como a mediação da mediação*. Cada ato de mediação depende de outros atos de mediação. Meios de comunicação estão continuamente comentando, reproduzindo e substituindo um ao outro, e esse processo é parte integrante da mídia. As mídias necessitam umas das outras a fim de funcionarem como meios de comunicação de fato.

- *Remediação como a inseparabilidade da mediação e da realidade*. Embora a noção de Baudrillard de simulação e simulacro possa sugerir o contrário, todas as mediações são elas próprias reais. Elas são reais como artefatos (mas não como agentes autônomos) em nossa cultura mediada. Apesar do fato de que todos os meios de comunicação dependem de outros meios de comunicação em ciclos de remediação, a nossa cultura ainda tem de reconhecer que todos os meios remedeiam o real. Assim como não se pode se livrar da mediação, não se pode se livrar do real.

- *Remediação como reforma*. O objetivo da remediação é remodelar ou reabilitar outras mídias. Além disso, como todas as mediações são tanto reais quanto mediações do real, remediação também pode ser entendida como um processo de reforma da realidade”. (BOLTER; CRUSIN, 1999, p. 55-56)²³

Deste modo, percebe-se que os processos de apropriação e renovação das possibilidades tecnológicas oferecidas pelos mais variados artefatos móveis de comunicação são, na verdade, parte de remediações. Isto é, adaptações de mídias tradicionais aos desenvolvimentos tecnológicos de novas mídias, e vice-versa.

A lógica de *hypermediacy* também pode ser aplicada às mais variadas mídias móveis, em especial aquelas com recursos multimediatos avançados, ao se observar uma clara tendência contemporânea de tentativas na reprodução da realidade percebida de modo cada vez mais imediato e transparente. Em outras palavras, o desenvolvimento de multifuncionalidades em dispositivos móveis, cujo serviço de ligação telefônica se trata de apenas mais uma funcionalidade, integram

²³ Tradução da autora: “- Remediation as the mediation of mediation. Each act of mediation depends on other acts of mediation. Media are continually commenting on, reproducing, and replacing each other, and this process is integral to media. Media need each other in order to function as media at all.

- Remediation as the inseparability of mediation and reality. Although Baudrillard's notion of simulation and simulacra might suggest otherwise, all mediations are themselves real. They are real as artifacts (but not as autonomous agents) in our mediated culture. Despite the fact that all media depend on other media in cycles of remediation, our culture still needs to acknowledge that all media remediate the real. Just as there is no getting rid of mediation, there is no getting rid of the real.

- Remediation as reform. The goal of remediation is to refashion or rehabilitate other media. Furthermore, because all mediations are both real and mediations of the real, remediation can also be understood as a process of reforming reality as well.”

um conjunto de práticas hipermidiáticas que acentuam a nitidez na reprodução da “realidade” perceptível.

Mcluhan já enfatizava na década de 1960 o fato de as mídias serem extensões do nosso corpo humano de forma a ampliar a percepção da realidade ao redor.

Todas as ferramentas e tecnologias humanas, seja casa, chave inglesa ou roupa, alfabeto ou roda são extensões diretas de nosso corpo ou de nossos sentidos. Os computadores são extensões de nossos cérebros. Como extensões de nossos corpos, as ferramentas e tecnologias nos dão nova influência e nova intensidade de percepção e ação. (MCLUHAN, 1969, p. 38).²⁴

Um telefone celular comum, por exemplo, introduz mais um tipo de extensão – a extensão corpórea – à extensão sensorial possibilitada pelo telefone fixo enquanto ampliador da capacidade auditiva. Por atributos como portabilidade e mobilidade, o celular inaugurou a possibilidade de desterritorialização geográfica, tornando a percepção da realidade mediada mais transparente, cada vez mais parecida com a comunicação “real” no sentido de que a locomoção se faz independente, até certo ponto, do espaço onde esteja acontecendo.

Duas características passam a se sobressair com a difusão desses aparelhos pelo globo²⁵: a ubiqüidade e o nomadismo. Pode-se dizer que os celulares não são inteiramente aparelhos ubíquos, mas estão se tornando cada vez mais ubíquos devido a sua onipresença, na medida em que são disseminados nos mais variados ambientes e seu uso passa a ser natural (pervasivo) ao assumir características de invisibilidade (WEISER, 1991). Esses dispositivos tecnológicos de comunicação também são considerados nômades enquanto garantem a mobilidade para além dos limites impostos por uma rede fixa. Suas principais características, de acordo com Lyytinen e Yoo (2001, online) são: mobilidade, convergência digital e disseminação em larga escala.

²⁴ Tradução feita pela autora: “Todas las herramientas y tecnologías humanas, ya sean casa, llave inglesa o ropa, alfabeto o rueda son extensiones directas de nuestro cuerpo o de nuestros sentidos. Las computadoras son extensiones de nuestros cuerpos, las herramientas y tecnologías nos dan nueva influencia y nueva intensidad de percepción y acción.”

²⁵ Entende-se que não se deve afirmar que o uso de aparelhos celulares está inteiramente difundido pelo globo, nem negar a exclusão digital principalmente nas regiões mais pobres. Entretanto, de acordo com o relatório divulgado pelo Fórum Econômico Mundial, os telefones celulares seriam o melhor caminho para se promover a inclusão digital. Atualmente estima-se que já existam quatro bilhões de pessoas portadoras deste aparelho (MEDEIROS, 2010).

Diante disso, o dispositivo móvel passa a atuar como uma verdadeira prótese acoplada ao corpo, intensificando ainda mais a percepção da realidade ao estender outras mídias e, por conseguinte, outras capacidades sensoriais do ser humano. Todas essas transformações permitem que essas ferramentas tomem diferentes usos, sendo apropriadas pelos usuários enquanto interface mediadora de relações comunicacionais e sociais mais complexas. Os diferentes usos possibilitam a definição da percepção do espaço em que se habita, assim como o tipo de interação com os indivíduos com os quais tem condição de se comunicar. Castells identifica esta transformação nas comunicações sociais a partir dos seguintes atributos:

A integração potencial de texto, imagens e sons no mesmo sistema – interagindo a partir de pontos múltiplos, no tempo escolhido (real ou atrasado) em uma rede global, em uma rede global, em condições de acesso aberto e de preço acessível – muda de forma fundamental o caráter da comunicação (CASTELLS, 1999, p. 354)

Alguns casos paradigmáticos que ilustram a mudança no caráter da comunicação têm como pano de fundo a utilização de telefones celulares: os protestos de *smart mobs*²⁶ nas Filipinas em 2001 contra o presidente Joseph Estrada, as coberturas do Tsunami no Sudeste Asiático em 2004, a cobertura dos atentados ao sistema de transporte Londrino em 2005 e, mais recentemente, os conflitos na Faixa de Gaza e os protestos no Irã contra a reeleição de Ahmadinejad, ambos os casos em 2009.

Nas instituições jornalísticas os aparelhos de comunicação móvel também vêm sofrendo readaptações no modo como são utilizados e apropriados para a produção de conteúdo jornalístico. Uma vez que será dada ênfase na utilização de tecnologias móveis para produção no webjornalismo, faz-se imprescindível resgatar, a seguir, algumas noções sobre jornalismo para então localizar o jornalismo móvel e o jornalismo 3G dentro das categorias de jornalismo praticado a partir do surgimento da internet.

Em contrapartida ao termo jornalismo móvel, de caráter mais abrangente, a terminologia jornalismo 3G, de acordo com Bastos (2008), é uma concepção que

²⁶ Conceito introduzido por Howard Rheingold (2003) para designar uma ação coletiva e auto-organizada através das novas tecnologias da comunicação como a Internet e dispositivos sem fio, como os celulares.

está ligada especificamente à última geração de telefones móveis. Serve também para exemplificar o que é última geração em termos tecnológicos e pretende simbolizar o último grito dos avanços nesta área aplicados ao contexto do jornalismo online.

Dessa maneira, o termo jornalismo 3G aqui utilizado serve para dar conta e ressaltar as especificidades que o objeto empírico de estudo estabelecido, o portal clicRBS, demanda. Nesse caso, a noção de conexão 3G está diretamente relacionada à própria noção de tempo real. Já no jornalismo móvel, essa mesma noção de produção e recepção em tempo real da informação não é essencial para que um projeto seja denominado como tal.²⁷

A seguir serão abordados os conceitos de notícia, informação e jornalismo nos quais a pesquisa se respalda. Essa abordagem considera também alguns elementos que dizem respeito aos aspectos espaço-temporais repensados a partir do surgimento do jornalismo online. Portanto, igualmente importantes nos processos de metamorfoses da produção jornalística atual.

1.3 O jornalismo entra na era digital: metamorfoses e reconfigurações

Nilson Lage define a notícia como produto de caráter imediato enquanto "relato de uma série de fatos a partir do fato mais importante, e este, de seu aspecto mais importante" (LAGE, 1979, p.36). Desse modo, os critérios básicos determinantes para o conceito de notícia são forma e escolha. Estes dois componentes básicos que constituem a notícia dizem respeito a "uma organização relativamente estável, ou componente lógico, e elementos escolhidos segundo critérios de valor essencialmente cambiáveis, que se organizam na notícia – o componente ideológico" (Idem., p.37).

Quanto ao modo e tempo que elas ocorrem, as notícias tanto podem ser do tipo: (a) previstas, quando nos permitem um conhecimento antecipado, (b)

²⁷ Diversos exemplos serão abordados no terceiro capítulo para ilustrar esta particularidade do jornalismo 3G em relação ao jornalismo móvel.

imprevistas, quando de caráter inesperado, como acidentes, e (c) mistas, quando reúnem o previsto e o imprevisto numa mesma informação. (BAHIA, 1990, p. 38).

A informação por sua vez é quase sempre abordada de forma equívoca como sinônimo de notícia. Entretanto, se toda notícia é antes informação, nem toda informação é de fato notícia. Por ser caracteristicamente mais abrangente do que a notícia, levar-se-á em conta essa terminologia sempre que os produtos resultantes da produção jornalística e a mobilidade digital forem designados²⁸. A conceituação desenvolvida por Gonzalo Abril parece mais adequada, tendo em vista a abordagem dentro da experiência contemporânea. A partir do conceito de “textos informativos” observa-se que a fragmentariedade do texto contemporâneo é uma condição da própria experiência contemporânea. São uma classe de textos que não possuem uma estrutura e nem propõe uma leitura linear.

A estrutura dos textos não lineares consiste em uma montagem de fragmentos ou unidades de informação semióticamente heterogêneas (verbais, gráficas, icônicas, etc) e modulares, como resultados suscetíveis em muitas ocasiões de agrupamento e de trajetórias de leituras diversas. [...] Como um produto, a informação pode ser mantida à distância a partir do exterior, na objetividade do texto: a informação "está" nos jornais, nos livros, bibliotecas, arquivos, videotecas, na "Exomemoria" (tomo a expressão de García Gutiérrez, 2002a) das bases de dados e sites da web, em enclaves textuais, materiais virtuais. [...] Mas enquanto *matriz cultural* a informação é mais uma *forma mentis*, um conjunto de formas de conhecer, ler, sentir e como resultado uma condição da experiência dos objetos, objetivação e sua possível tradução textual.” (ABRIL, 2003, p. 25-27)²⁹

Já o conceito de jornalismo referido diz respeito ao mesmo estipulado por Rizzini (1977): o jornalismo consiste na transmissão de informações que difundem temas sobre a atualidade, representam algo novo que ainda não tenha sido de conhecimento público. O jornalismo deve apresentar uma variedade temática,

²⁸ Exceto quando serão abordadas questões diretamente relacionadas ao *newsmaking*, critérios de noticiabilidade e valores/notícias.

²⁹ Tradução da autora: “La estructura de estos textos no lineales consiste en un montaje de fragmentos o unidades de información semióticamente heterogêneas (verbales, gráficas, icônicas, etc.) y modulares, por ello mismo susceptibles en muchas ocasiones de agrupamientos y de trayectorias de lectura diversas.(...) En tanto que producto, la información puede ser mantenida en la distancia de lo exterior, en la objetividad de los textos: la información "está" en los periódicos, en los libros, bibliotecas, archivos, videotecas, en la "exomemoria" (tomo la expresión de García Guitérrez, 2002 a) de las bases de datos y en los sitios web, en enclaves textuales, materiales virtuales,...Pero en tanto que *matriz cultural* la información es más bien una *forma mentis*, un conjunto de modos de conocer, de leer, de sentir, y por ello mismo una condición de la experiencia de los objetos, de su posible objetivação y traducción textual.”

permitir que a circulação dessas informações entre as pessoas seja livre e estabelecer uma periodicidade fixa. Melo (1994) também expõe outras características importantes, determinadas pelo fator atualidade, para denominarmos o processo jornalístico. São elas: velocidade, agilidade e continuidade.

Logicamente, entre o que a coletividade espera e o que a instituição jornalística tem por interesse, pressupõe um equilíbrio calcado na credibilidade e na abrangência. Dessa maneira, cada veículo jornalístico apresenta suas peculiaridades, dependente da estrutura sócio-cultural em que se encontra, relacionando-se assim com o ambiente político e econômico que rege a coletividade e no qual está inserido. Nota-se, portanto, que a história do jornalismo sempre esteve relacionada de acordo à conjuntura vigente em sua época, sendo sempre influenciado diretamente pela situação econômica, política e social em que se inseriu.

Hamilton, seguindo a lógica acima citada, estipula três fatores fundamentais como estimuladores da aceleração na atividade jornalística:

O primeiro é o desenvolvimento técnico. O aperfeiçoamento das técnicas de impressão, sintetizado no século XV pela invenção da imprensa de tipos móveis, forneceu à atividade jornalística condições de trabalho mais ágeis e com custos mais baixos. Ao mesmo tempo, os novos meios de transporte e de comunicação, como o correio regular, o trem e o telégrafo, permitiram maior eficiência e rapidez na transmissão de notícias, principalmente das provenientes de locais mais distantes. O segundo fator que contribuiu decisivamente para o aumento da velocidade na atividade jornalística foi a consolidação do modo de produção capitalista no Ocidente. A partir da Revolução Industrial, na Inglaterra do século XVI, o capitalismo impõe regras de mercado que atuam de forma definitiva sobre a sociedade e também sobre o jornalismo. A organização industrial nos moldes capitalistas das empresas jornalísticas e a valorização da informação como mercadoria influenciaram a atividade de forma definitiva em sua prática e em seu sentido. Mas de nada serviriam uma maior possibilidade técnica de produção e processamento de informações e a influência de um sistema de produção industrial do tipo capitalista na atividade jornalística, se não houvesse uma demanda pelo conteúdo do jornalismo por parte do público. Esse conteúdo, formado basicamente por versões de fatos ao redor do planeta, é capaz, hoje, de influenciar as percepções de mundo e de vida das pessoas. As experiências mediadas, afinal, passaram a disputar em número e intensidade com as experiências imediatas, a atenção das pessoas e a influenciar sua conformação ou contrariedade a respeito da realidade que as cerca (HAMILTON, 2002, p. 10-11).

No jornalismo online e no webjornalismo³⁰, esta valorização da informação como mercadoria torna-se mais evidente do que nas outras formas de jornalismo tidas como tradicionais. Essa valorização está imbricada na forma como os dados são trabalhados, como os conteúdos são criados e disponibilizados, bem como na maneira em que se desenrolam as relações subjacentes entre emissores e receptores. Ao acompanhar as mudanças em escala mundial – assim como o jornalismo eletrônico, o jornalismo digital, o jornalismo online e o webjornalismo – o jornalismo móvel e o jornalismo 3G também se distinguem do jornalismo praticado em meios tradicionais, sobretudo devido ao tratamento da informação tanto na esfera da produção, como da difusão e da recepção. O entendimento aprofundado de o que é de fato jornalismo móvel e jornalismo 3G passa antes pela compreensão da evolução e atual estado da arte do jornalismo feito e praticado com os meios digitais e online.

Levando em conta a maior dependência tecnológica dessas linguagens citadas em relação ao jornalismo praticado nas sociedades industriais clássicas, essas práticas contemporâneas revelam rupturas e novas formas de se pensar a produção jornalística distinta daquela executada pelos meios tradicionais. A matriz tecnológica possibilita novos fazeres, novas formas de produção, distribuição e consumo da informação.

Se por um lado a tecnologia digital desencadeia um outro espaço no qual o jornalismo emerge ancorado no ciberespaço (ou outro tipo de meio que transmita sinais numéricos) como suporte para veiculação de conteúdos, por outro lado, essa mesma tecnologia também viabiliza novas ferramentas que otimizam o trabalho profissional e implicam em transformações no modo de se produzir a informação que chegará ao usuário/leitor.

Mas que transformações são essas? Qual a diferença entre jornalismo eletrônico, jornalismo digital, jornalismo online e webjornalismo? Onde o jornalismo móvel situa-se dentro destas linguagens?

³⁰ No decorrer do capítulo será feita uma melhor explanação acerca dos termos jornalismo online e webjornalismo. É importante ressaltar que o webjornalismo é considerado hoje também como sinônimo para jornalismo online, mas a sua diferenciação é crucial para o entendimento da prática jornalística 3G.

1.4 Linguagens do jornalismo no século XXI

A fim de melhor compreender as especificidades de cada uma das linguagens de jornalismo contemporâneo, Luciana Mielniczuk estabelece alguns conceitos formalizados em categorias para uma sistematização de acordo ao meio tecnológico. Considera-se importante a estipulação de termos que designem as práticas jornalísticas a partir de suas relações com as novas tecnologias, sobretudo em virtude da explosão, a mais de uma década, de variadas nomenclaturas utilizadas para fins jornalísticos.

A melhor compreensão visa, sobretudo, localizar o jornalismo móvel e 3G dentro dessas categorias e oferecer subsídios para que se possa utilizar uma nova nomenclatura que não seja confundida com o jornalismo móvel enquanto publicação móvel. De todo modo, os pesquisadores ainda não chegaram a nenhum consenso sobre qual melhor terminologia para definir as diversas relações do jornalismo com o meio tecnológico, seja para o jornalismo que é praticado em, para ou mesmo valendo-se dos dispositivos tecnológicos como ferramenta principal ou auxiliar.

Há uma tendência no jornalismo brasileiro a utilizar em maior escala a nomenclatura jornalismo online ou jornalismo digital, seguindo a preferência norte-americana. A pesquisadora sugere uma sistematização dos termos que privilegie os meios tecnológicos, assim como, de acordo com Machado (2000), o termo digital remeteria à peculiaridade deste suporte, de certa forma ainda recente, a um passo que o termo online estaria direcionado a apenas uma característica deste meio:

Propomos uma sistematização que privilegia os meios tecnológicos, através dos quais as informações são trabalhadas, como fator determinante para elaborar a denominação do tipo de prática jornalística, tanto na instância da produção quanto na instância da disseminação de informações jornalísticas. (MIELNICZUK, 2003, p. 41).

Portanto Mielniczuk define as nomenclaturas a respeito das práticas de produção e difusão da informação do jornalismo contemporâneo da seguinte maneira:

- 1) **Jornalismo eletrônico** – Este seria o âmbito mais abrangente de todos, uma vez que o termo eletrônico refere-se a todo equipamento de ordem tecnológica (digital ou analógico) utilizado no jornalismo, seja para captura, produção ou disseminação de informação. Neste âmbito, a tecnologia ocupa cada vez um espaço maior, seja na utilização de câmeras fotográficas digitais quanto na utilização de suportes digitais como CD e DVD e na manipulação dos dados em forma de *bits* – emprego de *hardware* e *software*. De acordo com Bastos (apud MIELNICZUK, op. cit.) o termo jornalismo eletrônico englobaria o jornalismo digital e o jornalismo online.
- 2) **Jornalismo digital ou jornalismo multimídia** – Esta terminologia refere-se ao jornalismo que emprega tecnologia digital e oferece ao jornalista a possibilidade de manipulação textual e áudio-visual dos recursos digitais. Nesse conceito a preocupação central está na esfera da produção e no desenvolvimento e disponibilização de produtos. Para Machado este conceito está estritamente vinculado ao novo suporte e suas particularidades e também pode se desenvolver no ciberespaço:

O jornalismo digital representa a adaptação de uma modalidade específica de conhecimento da realidade à tecnologia de transmissão digital, que codifica os sinais por meio de algoritmos decimais em unidades binárias. (MACHADO, 2000, p. 08).
- 3) **Ciberjornalismo** – Remete à palavra cibernética que, de acordo com Wiener (1970), criador do conceito, é o estudo dos processos humanos de comunicação e controle, nas máquinas e sistemas eletrônicos. Portanto ciberjornalismo será aquele jornalismo realizado com auxílio das tecnologias viabilizadas pela cibernética. Um bom exemplo desse tipo de jornalismo é o gerenciamento de banco de dados para a realização de uma matéria, mediante o computador.
- 4) **Jornalismo online** – É o jornalismo conexo em tempo real, ou seja, que utiliza tecnologia digital da rede para acesso e transferência de dados em fluxo contínuo e praticamente instantâneo. Pode ser definido como jornalismo assistido por computador e que integra também a pesquisa online em redes. Para esse jornalismo é utilizado quase sempre tecnologia

digital. No entanto Mielniczuk reforça que nem tudo que é digital é também online: “As possibilidades referentes à disponibilização de informações jornalísticas na rede são denominadas [por Bastos] de jornalismo digital” (op. cit., p. 41).

- 5) **Webjornalismo** – Está circunscrito apenas a uma parte específica da internet, a web, que de modo algum deve ser usada como sinônimo para internet. A principal relação desta terminologia está diretamente relacionada com o suporte no qual se desenvolve, assim como o jornalismo feito para a televisão, designa-se telejornalismo, para a rádio, radiojornalismo e para o papel impresso, jornalismo impresso.

Consideramos o webjornalismo como a prática do jornalismo (em suas fases de produção, captação, edição e veiculação de notícias) na web, com as novas possibilidades que esta oferece em termos de recursos em todos os aspectos da atividade: da busca de informações em fontes na rede até os instrumentos de veiculação e interatividade. Deve-se levar em conta ainda no webjornalismo a possibilidade de digitalização e manipulação informática de todos os recursos de comunicação: texto, áudio, vídeo e interatividade. (HAMILTON, op. cit., p. 02)

O quadro a seguir simplifica as especificidades de cada conceito, em ordem crescente de abrangência das terminologias:

Tabela 1 – Nomenclaturas do jornalismo no século XXI.

Nomenclatura	Breve definição
Jornalismo eletrônico	Utiliza equipamentos e recursos eletrônicos.
Jornalismo digital ou jornalismo multimídia	Emprega tecnologia digital, todo e qualquer procedimento jornalístico que implica no tratamento de dados em forma de <i>bits</i> .
Ciberjornalismo	Envolve tecnologias que utilizam o ciberespaço.

Jornalismo online É desenvolvido utilizando tecnologias de transmissão de dados em rede e em tempo real.

Webjornalismo Diz respeito à utilização de uma parte específica da internet, que é a web, como suporte.

Fonte: Mielniczuk (op. cit., p. 44).

Estas são apenas uma das muitas características que distinguem a forma de lidar com a produção e disseminação de conteúdo nas plataformas digitais em relação ao jornalismo convencional. Tendo em vista essas especificações sobre as nomenclaturas passíveis de serem usadas em relação ao jornalismo feito para, em ou com aparelhagem tecnológica, verifica-se que na rotina de um jornalista contemporâneo as atividades realizadas podem ser encontradas em todas as definições.

Diante das perspectivas apresentadas, o jornalismo móvel, entendido aqui como toda prática jornalística que se vale do suporte móvel como ferramenta de produção e difusão de conteúdos jornalísticos, pode ser localizado dentro de cada uma das categorias, com finalidades distintas aplicadas de acordo às necessidades de cada empresa jornalística. Dispositivos móveis possibilitam uma ampla gama de atividades específicas no trabalho do repórter, podendo as atividades se enquadrar em uma ou mais das categorias propostas.

A utilização de aparelhos celulares para simples contato entre a redação e a equipe de determinado jornal, por exemplo, pode ser considerada tanto jornalismo eletrônico quanto jornalismo digital. A verificação de dados armazenados nos aparelhos móveis como auxílio na produção também pode receber a nomenclatura de ciberjornalismo. Como será visto mais adiante, no terceiro capítulo, o uso de celulares nas emissoras de televisão para produção em jornalismo 3G, ou ao vivo, pode ser considerado jornalismo online. Celulares para produção e disseminação de vídeos para telejornais em tempo real, podem ser tanto jornalismo digital (eletrônico) quanto jornalismo online. Já esta mesma técnica aplicada à produção e publicação em tempo real de conteúdo audiovisual e também textual para webjornais é tanto

jornalismo online quanto webjornalismo. A simples consulta de dados via internet móvel, ou acesso a um periódico com a extensão *.mobi*³¹, é jornalismo online e também webjornalismo, uma vez que as aplicações também são web.

No entanto o acesso via WAP³², apesar de utilizar uma tecnologia sem fio de acesso à internet, não pode ser confundido com a web por utilizar protocolos diferentes do HTML / HTTP. Apesar de atualmente os telefones celulares mais novos já possuírem navegadores WAP internos com suporte para HTML, é mais seguro restringir esta modalidade ao jornalismo online.

Machado (2003) coloca duas vertentes apresentadas a partir do processo de utilização da tecnologia digital:

- 1) A utilização da rede como ferramenta de pesquisa de conteúdos complementares para os jornalistas de organizações tradicionais;
- 2) A utilização da rede com uma nova modalidade diferenciada de jornalismo, na qual o sistema de produção de conteúdo jornalístico fica circunscrito aos limites do ciberespaço.

Com o advento de dispositivos móveis com conexão *wireless* para transmissão de dados e sua utilização na produção jornalística, uma terceira vertente poderia ser incluída e estipulada da seguinte maneira:

- 3) A utilização da rede como ferramenta não somente de pesquisa, mas de produção e disseminação tanto de conteúdo complementar e/ou principal para os jornalistas de organizações tradicionais, quanto conteúdo para a modalidade de jornalismo citada no segundo item por Machado. O sistema de produção pode estar circunscritos ou não ao ciberespaço.

No caso do jornalismo 3G, o sistema de produção praticado por redes de televisão como a BAND – portanto uma modalidade diferenciada de jornalismo ao

³¹ Também conhecido como *dotMobi*, é um domínio móvel, assim como o tradicional *.com* bastante utilizado na internet fixa. Adapta o protocolo HTTP entre outros da web, para a plataforma móvel.

³² *Wireless Application Protocol*.

mesmo tempo em que emerge dentro de uma organização tradicional – não está necessariamente atrelado ao ciberespaço.

Aplicando esses conceitos ao jornalismo praticado na era da conexão e da mobilidade, observa-se que a nomenclatura irá variar não apenas conforme a tecnologia utilizada, mas também de acordo com os usos dados a essa tecnologia e de acordo a que meio o conteúdo é produzido. O jornalismo móvel eletrônico abarcaria todas as outras formas de se fazer jornalismo com dispositivos móveis, inclusive o webjornalismo e o uso síncrono de aparelhos celulares analógicos nas estações móveis de rádio na década de 1990, por exemplo. Já o jornalismo móvel digital ou multimídia, representaria todas as soluções desenvolvidas que empregam tecnologia digital para a manipulação textual e audiovisual, na esfera da produção. O jornalismo móvel 3G (online) restringiria ainda mais este termo, sendo apenas utilizado para a transmissão de dados em rede e em tempo real. Assim como no jornalismo online, nem todo jornalismo móvel é online.

Afim de não confundir um mesmo termo com práticas diferentes de jornalismo e com base nos conceitos e definições acima expostos, propõe-se como webjornalismo móvel (publicação móvel) todo aquele jornalismo disponibilizado na web e que possa ser acessado remotamente através de tecnologias móveis, tais quais os celulares e os *smartphones*. Mesmo não sendo referido como webjornalismo móvel, este jornalismo que se vale de suportes digitais e/ou online (incluindo o 3G) para produção e publicação de conteúdo na web será entendido como uma característica do webjornalismo de terceira geração³³, segundo as etapas do desenvolvimento do jornalismo na web elaboradas por Mielniczuk (op. cit. p. 45). Para localizá-lo dentro deste modelo, serão abordadas, a seguir, as gerações do webjornalismo.

³³ Há subsídios suficientes também para se propor uma nova geração específica para o jornalismo móvel e o jornalismo 3G em relação ao próprio webjornalismo. Seria a quinta geração, levando-se em conta uma quarta geração proposta por Schwingel (2005), conforme será visto na seção 1.5.

1.5 Jornalismo móvel e 3G na web: possíveis rupturas?

Para o entendimento das três categorias de webjornalismo – webjornalismo de primeira, segunda e terceira geração – a autora adota, inicialmente, seis características inerentes ao webjornal de terceira geração: hipertextualidade, interatividade, multimídia, personalização, memória e atualização contínua. Algumas destas características já poderão ser notadas no webjornalismo de primeira geração como tentativas de adequar produtos ao meio de forma mais eficiente ao internauta. No entanto, somente a articulação destas seis características juntas em um webjornal representa inovações efetivas na modalidade de jornalismo.

Essa é uma classificação com o intuito de facilitar o entendimento do processo de desenvolvimento do webjornalismo. Isto não quer dizer que esta divisão seja pautada pelo tempo e muito menos que uma categoria exclua a outra. Em um mesmo período de tempo é possível encontrar publicações de cunho jornalístico que se enquadram em gerações distintas. Também é possível encontrar em um mesmo webjornal aspectos que dizem respeito a gerações diferentes.

As três categorizações podem ser abordadas tendo como foco a produção de conteúdos, orientação dada por Pavlik (2005), a disseminação de informações jornalísticas nas redes digitais (SILVA JR., 2002), ou ainda a partir do próprio produto (MIELNICZUK, 2003). Podem ser descritas da seguinte maneira:

- 1) **Webjornalismo de primeira geração (o transpositivo)** – É a transposição tal e qual os conteúdos do meio impresso. É um modelo eminentemente presente nos primeiros jornais a entrarem na rede. “Trata-se de um uso mais hermético e fiel da idéia da metáfora, seguindo muito de perto o referente pré-existente como forma de manancial simbólico disponível” (SILVA JR, 2002, online).
- 2) **Webjornalismo de segunda geração (o perceptivo)** – Novos tipos de produtos são criados e os jornalistas passam a desenvolver conteúdos originais para a web, utilizando *hyperlinks* para outras páginas da rede e incluindo algumas ferramentas interativas. Também passa a dispor de material multimídia na customização do site e da informação. Enquanto modelo de transição, permanece ainda o caráter transpositivo da primeira

geração. Na verdade, há de fato apenas uma automatização da produção interna para reaproveitamento dos textos produzidos pelo impresso. Portanto as representações do impresso ainda são as mesmas, o que significa que não há nenhum sistema próprio de apuração.

- 3) **Webjornalismo de terceira geração (o hipermidiático)** – Criação de novas editorias adaptadas às características da internet. Os conteúdos passam a serem originalmente desenvolvidos para a web. Outra característica importante do webjornalismo de terceira geração é o fato de que, agora, já se reconhece a web como sendo um novo meio de comunicação, um local com uma vasta possibilidade de distribuição e difusão de informação.

Estas são algumas das muitas características que distinguem a forma de lidar com o conteúdo na internet em relação com o jornalismo convencional. Num primeiro momento, as principais características do jornalismo na internet são, majoritariamente, conforme expressa Palácios (2003), a continuidade e a potencialização em relação ao jornalismo praticado anteriormente em outros suportes. Isto quer dizer que a multimídia do webjornalismo pode ser considerada uma continuidade do que ocorre na TV, com a junção de formatos como imagem, som e texto. No entanto, de fato, algumas rupturas em relação aos outros meios ocorrem, como por exemplo, a limitação do espaço de publicação. O jornalista na internet dispõe de espaço para além do limite físico na disponibilização do material jornalístico.

Com base nestas possibilidades que surgem com a internet, Mielniczuk (2004, online), faz duas considerações em relação ao formato até meados da primeira década do século XXI:

- 1) A inexistência de limite de espaço afigura a possibilidade de estruturar a notícia em camadas para favorecer o seu aprofundamento;
- 2) A utilização do aspecto multimídia ainda é muito confusa nas empresas jornalísticas, uma vez que seus repórteres, equipados com câmeras digitais e gravadores, são instruídos a produzirem mais de uma versão para cada notícia.

A partir desses dois aspectos, a autora defende a idéia de que o webjornalismo de terceira geração ainda precisa romper padrões, como o oferecimento de produtos diferenciados. Esse é o requisito básico para que se estabeleça uma *midiamorfose* (FIDLER,1997), em outras palavras, transformações que transcendem a simples reprodução do que se pratica na mídia predecessora em virtude do desenvolvimento tecnológico. As adaptações dos meios durante a revolução industrial na busca pela sua própria linguagem foram um exemplo. Seria a produção jornalística praticada a partir de ferramentas móveis uma forma de ruptura? Ou ainda, para além de uma *midiamorfose*, um *midiacídio* com a “possibilidade de essa ruptura provocar a morte de meios tradicionais que não tenham capacidade ou não saibam se adaptar ao novo ambiente midiático em gestação”? Ou também o “fim” de carreiras de jornalistas que não se adaptem à nova realidade “e de empresas de comunicação insensíveis à necessidade de mudar seus modelos de negócio e suas linguagens?” (ALVES, 2006, p. 95).

A principal característica do webjornalismo de terceira geração está no fato de este ser fruto de uma iniciativa tanto empresarial quanto editorial voltada de forma exclusiva para a internet. O produto jornalístico desta geração é caracterizado por aplicações que, definitivamente, propõe-se a explorar as potencialidades oferecidas pelo meio a fim de causar a ruptura de que fala Palácios (2003). As seis características em específico colocadas pelo autor refletem o potencial que emerge com as NTICs e que pode ser explorado pelos jornais na web:

- 1) **Multimedialidade/convergência** – Na web e na narrativa jornalística, a multimedialidade é concebida como uma convergência de formatos tradicionais das mídias – imagem, texto e som. Esta mesma convergência também é encontrada nos próprios aparelhos móveis com funções de escrita, visualização e edição de som, imagem e vídeo, navegação na internet, entre outros.
- 2) **Interatividade** – No webjornal, o usuário/leitor tem uma maior possibilidade de fazer parte do processo jornalístico. Algumas maneiras disso acontecer pode ser através de e-mails entre o público e os jornalistas ou de forma pública mediante a disponibilização de opinião dos leitores através de fóruns, chats e enquetes. A navegação pelo texto também pode ser considerada uma

forma de interação do usuário com a máquina, com a publicação através do hipertexto e com os autores e outros leitores do jornal.

- 3) **Hipertextualidade** – Utiliza links, hiperligações, para interconectar diversos textos entre si. Ted Nelson introduz a noção de hipertexto para designar "um corpo de material escrito *orpictorial* interligado de forma tão complexa que não poderia ser convenientemente apresentado ou representado no papel." (1965, p. 133)³⁴.
- 4) **Customização do conteúdo/personalização** – Com esta opção o usuário pode customizar produtos jornalísticos de acordo com as suas preferências e interesses individuais.
- 5) **Memória** – Na web, a memória passa a ser coletiva e com um volume de informação muito maior do que anteriormente disponível tanto aos produtores quanto aos usuários. De acordo com Canavilhas, "passado e presente passam a compartilhar a mesma natureza, pois o passado assume também uma das propriedades do presente ao estar disponível na memória da web." (2004, online).
- 6) **Instantaneidade/Atualização contínua** – Rapidez e facilidade na produção e disponibilização de informações, privilegiadas pelas tecnologias telemáticas. Permite a agilidade na captação, produção e disseminação de conteúdo na web.

Ainda existem autores na busca de tendências que apontem uma quarta geração. Esta quarta categoria emergiria com a utilização de tecnologias de banco de dados associadas a sistemas automatizados para a apuração, edição e veiculação de informações.

O cenário no qual emerge a quarta geração do ciberjornalismo é marcado pela consolidação das bases de dados como estruturantes da atividade jornalística e como agentes singulares no processo de convergência jornalística; equipes mais especializadas; desenvolvimento de sistemas de gestão de conteúdos (SGC) mais complexos e baseados preponderantemente em softwares e linguagens de programação com padrão open source, formato XML (*eXtensible Markup Language*), algoritmos; acesso expandido por meio de conexões banda larga; proliferação de plataformas móveis; consolidação do uso de blogs; ampla

³⁴ Tradução feita pela autora: "a body of written orpictorial material interconnected in such a complex way that it could not conveniently be presented or represented on paper."

adoção de recursos da *Web 2.0*; incorporação de sistemas que habilitam a participação efetiva do usuário na produção de peças informativas; produtos diferenciados criados e mantidos de modo automatizado; sites dinâmicos; narrativas multimídia; utilização de recursos como RSS (*Really Simple Syndication*) para recolher, difundir e compartilhar conteúdos; aplicação da técnica do *tagging* na documentação e na publicação das informações; uso crescente de aplicações *mash-ups*; do conceito de geolocalização de notícias ou *geocoding news*; uso do *podcasting* para distribuição de conteúdos em áudio; ampla adoção do vídeo em *streaming*; novos elementos conceituais para a organização da informação; maior integração do material de arquivo na oferta informativa; produtos experimentais que incorporam o conceito de web semântica; emprego de metadados e *data mining* para categorização e extração de conhecimento; aplicação de novas técnicas e métodos para gerar visualizações diferenciadas para os conteúdos jornalísticos que auxiliam a sobrepujar a metáfora do impresso (*broadsheet metaphor*) como padrão. (BARBOSA, 2007, online)

É possível também se pensar em uma reconfiguração do jornalismo contemporâneo através de dois fatores que passam a se articular a partir do final do século XX e início do século XXI: a revolução das tecnologias da informação e a reestruturação do capitalismo (CASTELLS, 1999). Desta maneira, nota-se que as empresas estão reconfigurando suas estruturas de produção de modo a ocuparem o mercado local e global, em coerência com a lógica financeira e tecnológica. “O global passa a conviver de forma mais plural com o local, o que implica nas políticas editoriais, e conteúdos (conceito de pauta e critérios de noticiabilidade.” (SEIXAS, 2003, p.86).

O jornalismo móvel e o jornalismo 3G têm constituído uma das formas mais recentes de reestruturação das práticas jornalísticas em virtude das relações entre o global e local. Na verdade, estes são fenômenos conseqüentes das novas formas de se lidar com o tempo e o espaço na sociedade contemporânea e a união entre comunicação e mobilidade parece ser fator que generaliza esse quadro de mudanças. Mudanças nas rotinas de produção passam a se constituir a partir da idéia de tempo real e maior cobertura (alcance) espacial sobre o globo, duas fontes de valor cada vez mais almejadas dentro da esfera jornalística.

CAPÍTULO 2

Dinâmicas espaço-temporais e as implicações na produção jornalística

“A velocidade absoluta sucede ao tempo, assim como ao espaço constante. A instantaneidade substitui as durações longas, os séculos dos séculos. A noite dos tempos cede lugar ao nascer do dia do instante presente. Os captadores, os receptores, os diversos aparelhos eletrônicos...de gravação substituem o pêndulo de outrora e de ainda agora. O tempo mostra-se não mais somente no envelhecimento, no desgaste ou na ruína, mas também no brilho da sua juventude, na intensidade de um aparecimento subliminal.”

[Paul Virilio³⁵]

Pensar as implicações da introdução da mobilidade nas redes telemáticas, possibilitando assim o exercício de um maior controle sobre espaço e tempo ao agir “também como ferramentas de territorialização” (LEMOS, 2007c, online), requer a compreensão das noções espaço-temporais aplicadas ao contexto sócio-cultural atual. Se por um lado experiências como a do tempo real estimulam a circulação informacional num ritmo acelerado de fluxos nunca antes visto, por outro, observa-se uma produção descentralizada das estruturas fixas de organizações comunicacionais. Para McLuhan, o que caracteriza a modernidade é a incessante transação de informação no tempo e no espaço (STEVENSON, 1998) e no jornalismo esta transação resulta em novas formas de se produzir, disseminar e consumir informação.

A revolução da informática e o desenvolvimento das redes telemáticas móveis, permitindo o acesso simultâneo ao ciberespaço e transformando o espaço público em verdadeiras zonas de intersecção entre o espaço virtual e o espaço urbano, têm modificado a experiência social do espaço e tempo. Inclusive as barreiras entre emissores e receptores de informação tornam-se cada vez mais tênues e esta dinâmica se reflete também nas próprias práticas jornalísticas e nos sistemas de colaboração na produção de informação.

Neste capítulo serão abordadas as dinâmicas que emergem na sociedade contemporânea e a (re)estruturação jornalística como consequência das novas formas de se lidar com os aspectos espaço-temporais na captação e construção da realidade. Entende-se, sob a perspectiva dos processos semióticos, que o jornalismo atua como participante da construção social da realidade. Sendo os sistemas de signos produtos de processos de produção cultural, como a própria

³⁵ VIRILIO, Paul. O resto do tempo. In: MARTINS, F. M.; SILVA, J. M. (org.). *Para navegar no século XXI*. Porto Alegre: Sulina; Edipucrs, 1999. p. 114.

notícia em si (HENN, 1996), enquanto práticas criadas, reproduzidas e transformadas pelo homem, como se manifesta esta dinâmica na produção de relatos dos acontecimentos – em virtude do tempo e espaço? Quais mudanças cruciais podem ser encontradas? Se agora a própria rua torna-se meio onde a produção, edição e disseminação de conteúdo noticioso acontecem (MACHADO, 2003), como as redações se reestruturam frente ao surgimento de novas práticas que viabilizam não mais uma produção centralizada nas estruturas fixas das empresas jornalísticas?

2.1 A experiência do tempo e do espaço na sociedade contemporânea e as novas tecnologias da comunicação

Para a física moderna, tempo e espaço constituem o palco onde todos os eventos ocorrem. Estes eventos podem ser qualquer fenômeno que ocorra em um determinado espaço-tempo, cujo instante de tempo é único, assim como a posição também é única. O tempo, deste modo, diz respeito ao período, ou intervalo, de duração de algum evento e também é utilizado como medida para localizar este evento dentro de uma linha seqüencial de eventos. A própria concepção acerca da natureza do tempo dentro dos parâmetros da física mudou durante muitos anos, de acordo com Stephen Hawking:

Até o início deste século, as pessoas acreditavam num tempo absoluto. Ou seja, cada evento poderia ser rotulado por um número chamado "tempo" de uma forma única, e todos os bons relógios concordariam sobre o intervalo de tempo entre dois eventos. No entanto, a descoberta de que a velocidade da luz parece a mesma para todo observador, não importa como ele estava se movendo, levou à teoria da relatividade - e nela teve-se de abandonar a idéia de que havia um tempo único e absoluto. Em vez disso, cada observador teria sua própria medida de tempo como registrado por um relógio que ele carregava: relógios carregados por diferentes observadores não precisariam necessariamente concordar. Assim, o tempo tornou-se um conceito mais pessoal, em relação ao observador que o media. (HAWKING, 1988, p. 143)

Na Grécia antiga, a relação entre homem e tempo era entendida sob dois aspectos personificados em dois arquétipos da mitologia grega: *Chronos* e *Kairos*. *Chronos* diz respeito ao tempo cronológico, linear e seqüencial, como o tempo

medido pelo relógio. Portanto, aquele tempo que pode ser quantificado. Já *Kairos* refere-se a um aspecto qualitativo do tempo, a um tempo indeterminado, significando – do grego *καιρός* – o “momento certo”. (SIPIORA; BAUMLIN, 2002).

Não obstante, o tempo aqui abordado diz respeito a uma construção social fundamentada na experiência humana adquirida, assim, por vivência. Isto, uma vez que espaço e tempo são categorias fundamentais da existência humana e, na maioria das vezes, o conceito é tido como algo tão certo, atribulado ao senso comum, que sequer se discute seu real sentido e suas implicações nas mais diversas esferas da sociedade.

Registramos a passagem do tempo em segundos, minutos, horas, dias, meses, anos, décadas, séculos e eras, como se tudo tivesse seu lugar numa única escala temporal objetiva. Embora o tempo na física seja um conceito difícil e objeto de contendas, não costumamos deixar que isso interfira no nosso sentido comum do tempo, em torno do qual organizamos rotinas diárias. Reconhecemos, é verdade, que os nossos processos e percepções mentais podem nos pregar peças, fazer segundos parecerem anos-luz ou horas agradáveis passarem com tanta rapidez que mal nos damos conta. Também podemos aprender a apreciar o fato de diferentes sociedades (ou mesmo diferentes subgrupos) cultivarem sentidos de tempo bem distintos. (HARVEY, 2007, p. 187)

De fato, o sentido de tempo tem sido modificado, sobretudo, pelas novas tecnologias e a forma como o homem passou a lidar com elas. A compreensão do jornalismo 3G dentro desta linha de entendimento, enquanto uma nova modalidade de reportar fatos e fazer jornalístico é intrínseco aos estudos da evolução dos meios de comunicação e a implosão do mundo ocidental graças ao desenvolvimento das novas tecnologias.

McLuhan, nos anos 1960, introduziu o conceito de implosão para retratar o momento atual, a era da co-presença de todos os indivíduos: “a era dos humanos ao instante” (MCLUHAN, 1969, p. 35). Na era do homem pré-alfabético, a linguagem era o meio utilizado para se externar o sistema nervoso central. Na segunda era, a alfabética, o homem se especializou em externar partes de si mesmo, numa primeira tentativa de controlar o espaço e o tempo. Neste momento, acontece a ruptura da barreira do espaço acústico e o sentido principal que passa a predominar é o visual. Com o rompimento da linearidade da segunda era, inicia-se a terceira era descrita pelo autor como a do homem eletrônico.

O oral é o mundo do não linear, da simultaneidade e da percepção extra-sensorial. No espaço acústico não há linhas ou direções, mas sim um campo simultâneo. Não é euclidiano. E, por concentrar uma dúzia de páginas em um único livro, o jornal deu um grande passo para este tipo de simultaneidade e não-linearidade cultural. O telégrafo se espalhou pelo mundo inteiro, provocando assim diplomacia sem paredes.³⁶ (MCLUHAN, op. cit., p. 83).

Todos os novos meios, portanto, tem enriquecido as percepções humanas de linguagem, provocando rupturas com os antigos, geralmente quando estes se encontram em crise. Cada nova tecnologia que surge amplifica os meios que a precedem. Se a imprensa foi a mecanização da escritura e o telégrafo a sua eletrificação, os meios móveis de comunicação digital exprimem mais uma vez a tentativa do homem em dominar os aspectos espaço-temporais do seu ambiente de forma simultânea e cada vez mais comprimida. Estas foram inovações voltadas para o que Harvey chama de “aniquilação do espaço através tempo”:

As inovações voltadas para a remoção de barreiras espaciais em todos esses aspectos têm tido imensa significação na história do capitalismo, transformando-a numa questão deveras geográfica - as estradas de ferro e o telégrafo, o automóvel, o rádio e o telefone, o avião a jato e a televisão, e a recente revolução das telecomunicações são casos em tela. (HARVEY, op. cit., p. 212)

Para Castells, Fernandez-Ardevol, Qiu e Sey (2004), tempo e espaço são dimensões materiais fundamentais da existência humana e as mudanças nas tecnologias da comunicação possuem um impacto crítico nestes dois fenômenos. Aqui se configura o que Castells propõe como espaço de fluxos³⁷, em contraposição ao espaço de lugares. Os locais agora são alcançados em grau cada vez mais rápido; as barreiras espaciais “suprimidas” progressivamente num tempo instantâneo de troca de informação. O espaço de fluxos não chega a substituir o espaço de lugares, mas na verdade o permeia e são as tecnologias móveis

³⁶ Tradução feita pela autora: “El oral es el mundo de lo no lineal, de la simultaneidad y la percepción extrasensorial. En el espacio acústico no hay líneas o direcciones sino más bien un campo simultáneo. Es no euclidiano. Y al concentrar una docena de páginas de libro en una sola, el periódico dio ya un gran paso hacia esta especie de simultaneidad y no linealidad cultural. El telégrafo la extendió al mundo entero, originando así una diplomacia sin murallas.”

³⁷ “Proponho a idéia de que há uma nova forma espacial característica das práticas sociais que dominam e moldam a sociedade em rede: o espaço de fluxos. O espaço de fluxos é a organização material das práticas sociais de tempo compartilhado que funcionam por meio de fluxos. Por fluxos, entendo as seqüências intencionais, repetitivas e programáveis de intercâmbio e interação entre posições fisicamente desarticuladas, mantidas por atores sociais nas estruturas econômica, política e simbólica da sociedade.” (CASTELLS, 1999, p. 436).

convergentes e as conexões sem fio os agentes principais intensificadores desse processo que Paul Virilio denomina de “efeito de encolhimento”³⁸, sem no entanto que haja uma abolição definitiva da significação do espaço e do tempo como McLuhan³⁹ preconizava. Observam-se, pois, diversos setores da sociedade impactados frente a necessidade de se adaptarem a essas mudanças, entre elas, a própria maneira de se produzir e consumir produtos jornalísticos.

Na chamada “Era da Informação” por Castells, o surgimento e consolidação de novas formas e processos espaciais estão baseados na sociedade informacional em espaços de fluxos constituídos “por circuitos de impulsos eletrônicos – microeletrônica, telecomunicações, processamento computacional, sistemas de transmissão e transporte em alta velocidade – nós e centros de comunicação e a organização espacial de elites empresariais tecnocráticas e financeiras (CASTELLS, op. cit., p. 435). Para o autor, o espaço de lugares, no qual o local (em forma, função e significado) tem sua contigüidade dada pelo que está fisicamente unido, hoje cede lugar aos espaços de fluxos, sem o anular, mas sim o subordinando.

Da mesma maneira, o tempo cronológico daria espaço para o tempo intemporal⁴⁰, tempo que torna o futuro um eterno presente e que passa a ser principal fonte de valor na sociedade atual. Paradoxalmente vivemos na cultura do eterno e do efêmero. Esta forma de compressão do tempo visa à instantaneidade e desta maneira induz a acelerada movimentação de produção, consumo, ideologia e política na qual a sociedade está baseada. Nas palavras do autor esta relação dialógica entre espaço de fluxos e tempo intemporal se resume da seguinte maneira:

O tempo intemporal pertence ao espaço de fluxos, ao passo que a disciplina tempo, o tempo biológico e a seqüência socialmente determinada caracterizam os lugares em todo mundo, estruturando e

³⁸ “Uma vez que não fazemos nada mais do que pensar as dimensões que o olho é incapaz de ver, que o espaço e o tempo são para nós nada mais do que intuições, as ferramentas de percepção e de comunicação poderão realizar esse paradoxo das aparências que consiste em comprimir a dimensão do universo em um perpétuo efeito de encolhimento” (VIRILIO, 1996, p. 42)

³⁹ Dentro de sua perspectiva determinista tecnológica, McLuhan projetava que a implosão do mundo, através dos meios de comunicação de massa, aboliria o espaço e o tempo como construções significativas.

⁴⁰ “Proponho a idéia de que o tempo intemporal, como chamo a temporalidade dominante da nossa sociedade, ocorre quando as características de um dado contexto, ou seja, o paradigma informacional e a sociedade em rede, causam confusão sistêmica na ordem seqüencial dos fenômenos sucedidos naquele contexto. Essa confusão pode tomar a forma de compressão da ocorrência dos fenômenos, visando à instantaneidade, ou então de introdução de descontinuidade aleatória na seqüência. A eliminação da seqüência cria tempo não-diferenciado, o que equivale à eternidade.” (CASTELLS, op. cit., p. 489).

desestruturando materialmente nossas sociedades segmentadas. O espaço modela o tempo em nossa sociedade, assim invertendo uma tendência histórica: fluxos introduzem tempo intemporal, lugares estão presos ao tempo. (CASTELLS, op. cit., p. 490)

Com a difusão das tecnologias móveis de comunicação, estas duas dimensões passam a ser intensificadas na vida cotidiana e a co-existência entre espaço físico e virtual, hibridizada. Estas mudanças pressupõem também impactos diretos ou indiretos nas mídias e no cotidiano das redações de jornais. No jornalismo essa relação dualística é ainda mais visível quando se aplicam os conceitos de ordem espaciais e temporais na produção, difusão e consumo da informação na mídia online (internet), levando-se em conta a evolução tecnológica dos últimos anos.

A figura abaixo de ilustra as mudanças espaço-temporais na comparação entre os meios impresso, rádio, TV, e digital/online:

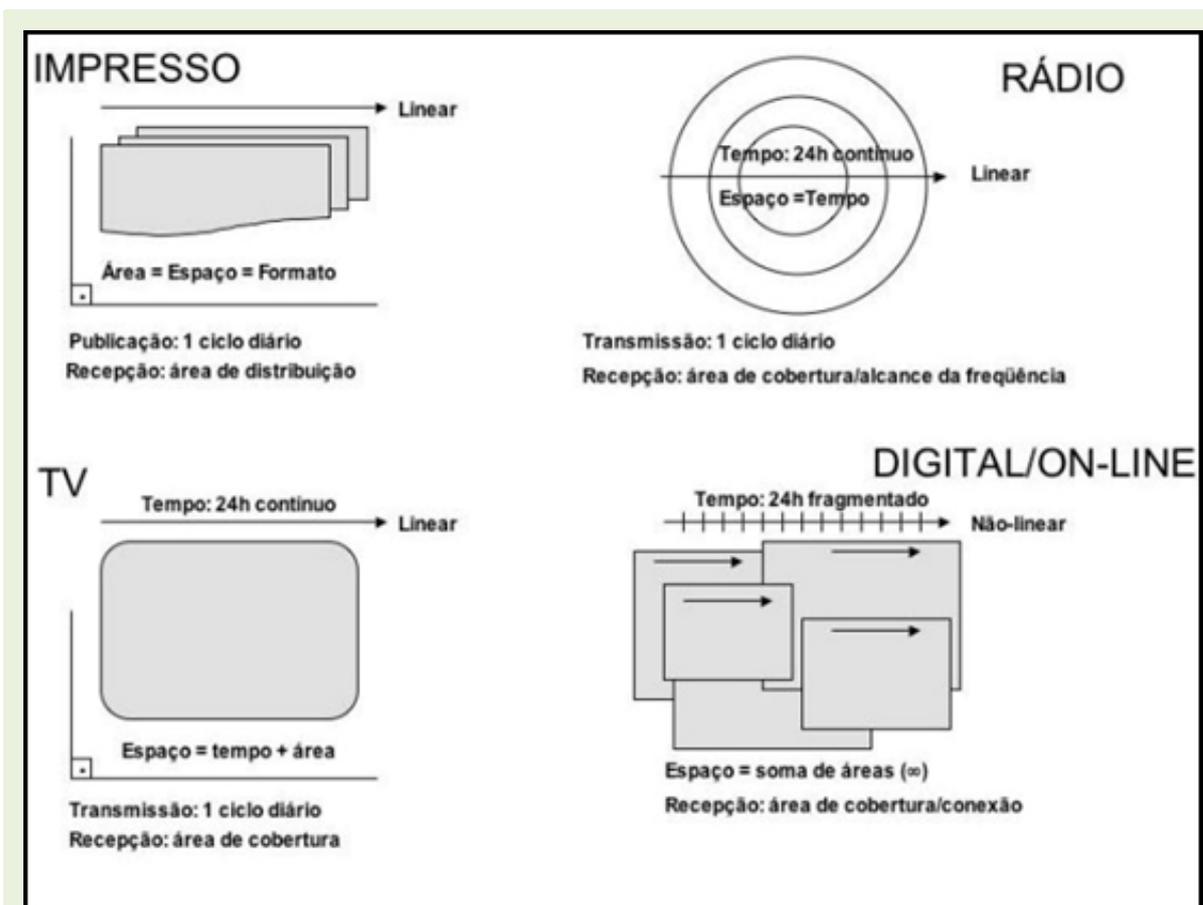


Figura 1- Ilustração comparativa entre as mídias e suas relações tempo-espaciais. Fonte: Mallmann, 2005, online.

2.2 Operações espaço-temporais na produção jornalística móvel

O mundo dos jornalistas é regido essencialmente pelo tempo presente. Esta temporalidade se manifesta em pelo menos três momentos: no tempo dos eventos noticiados; no tempo dos processos produtivos jornalísticos enquanto instituição; e no tempo do receptor. O tempo presente é deste modo,

uma construção significativa por ser determinada por marcos culturais que fundamentam as concepções temporais, possibilitando formas específicas de compreensão do presente em relação a um sentido de passado e de futuro. (FRANCISCATO, 2000 p. 03)

Com o desenvolvimento das novas técnicas de registro de som, imagem e texto e a transmissão mediante ondas eletromagnéticas e redes telemáticas, a temporalidade jornalística passa a operar seguindo também as complexas mudanças que afetam o homem e a sua relação com experiências temporais. A simultaneidade entre os três pólos acima citados, com eventos jornalísticos relatados sem lapsos de tempo entre o acontecimento e sua recepção, significa uma reviravolta nas práticas jornalísticas.

Inserida numa dinâmica pós-moderna, na qual o fazer jornalístico está estritamente vinculado ao mercado em que se insere e às necessidades dos consumidores, a produção jornalística mediante dispositivos que viabilizam a mobilidade digital reflete não somente uma nova técnica na tentativa de registrar o acontecimento, mas também a disputa entre empresas concorrentes, dentro de uma dinâmica da fetichização da velocidade⁴¹ – dar as notícias instantaneamente e em primeira mão.

O jornalismo sofreu a influência do modo de produção capitalista durante praticamente toda a sua história. A partir da organização das empresas jornalísticas e da formatação industrial das atividades dessas, esse relacionamento se tornou mais estreito. Informar passou a ser uma atividade com o objetivo do lucro e da ampliação

⁴¹ De acordo com Sylvia Moretzsohn, “a velocidade é um fetiche, no sentido marxista, segundo o qual o produto do trabalho, tão logo assume a forma de mercadoria, passa a ter ‘vida própria’, a valer por si, escondendo a relação social que lhe deu origem. No jornalismo, passa a ser o principal ‘valor notícia’: antes de tudo, importa chegar na frente do concorrente, e alimentar o sistema com dados novos, num *continuum* vertiginoso a pautar o trabalho nas grandes redações, que além dos tradicionais produtos impressos diários, oferecem simultaneamente serviços de informação em ‘tempo real’.” (MORETZSOHN, 2002. p. 12-13).

do mercado diante da concorrência. Os movimentos que o capitalismo tem realizado para superar suas crises têm sido observados também no webjornalismo. Assim ocorre com o aumento da velocidade da circulação das informações jornalísticas como forma de acelerar o retorno do capital investido nas estruturas produtivas (equipamentos e pessoal). A aceleração se mostra na noção de tempo real, em que o fato é veiculado no menor espaço de tempo possível a partir de sua ocorrência. O termo insinua que o fato é veiculado no momento mesmo em que ocorre, mas isso faz parte mais de uma intenção publicitária do que o que ocorre na grande maioria dos casos (HAMILTON, 2002, p. 108).

Outro fator além do fetiche da velocidade é a constante necessidade de modernização das estruturas produtivas como chave fundamental para manter a vantagem competitiva. Com isso a redação ganha maior agilidade e rapidez nos processos de produção:

Em empresas de comunicação, especialmente as jornalísticas, a atualização tecnológica constante pode assegurar a liderança de público e de mercado. Os dispositivos móveis tornam-se cada vez indispensáveis para um jornalismo que exige tempo real de emissão, atualização constante dos conteúdos exibidos, hibridismo de ferramentas e suportes, sincretismo de linguagens e possibilidade cada vez maior de interação com o público. (AMÉRICO; MAGNONI, 2007, online).

Isto é o que Santos (1997) chama por “aceleração contemporânea”, cujas conseqüências são novos ritmos não só de deslocamento dos corpos, mas também do transporte de idéias e de informação. Estas novas relações entre as dimensões espaciais e temporais da existência humana, impactadas pela comunicação sem fio, são descritas pelos autores Castells, Fernandez-Ardevol, Qiu e Sey (2004) como características da “Sociedade em Rede” em relação ao tempo intemporal e o espaço de fluxos: o espaço passa a ser homogeneizado, uma vez que ser ubíquo significa transcender o espaço; por outro lado, o tempo é comprimido e fragmentado, alterando novas práticas de tempo.

Se a tecnologia configura o processo do fazer, do circular e do consumir informação⁴², a proeminência das novas tecnologias da comunicação no final do século XX e, sobretudo no início do século XXI, passa a modificar a percepção dos fenômenos temporais ao permitir a emergência de novas experiências sociais determinadas pelo tempo, como a do tempo real. Quando o tempo de emissão

⁴² Cf. MCLUHAN, 1969.

passa a ser simultâneo com o tempo de recepção, apresenta-se o tempo de enunciação como um tempo presente ao público (MACHADO, 1995).

Assim como o tempo, o espaço em absoluto se desfaz. Em matéria de duração e de localização, tudo agora passa a depender do olhar que é dado, da maneira como se observa e não apenas mais das condições naturais da experiência. “A ciência e as suas tecnologias sempre contribuem para modificar a observação, a medida e, finalmente, a própria aparência do que é observado” (VIRILIO, 1999, p. 113). Foucault entende que a época atual do ponto de vista diz respeito preferencialmente a época do espaço:

Estamos na época do simultâneo, estamos na época da justaposição, do próximo e do longínquo, do lado a lado, do disperso. Estamos em um momento em que o mundo se experimenta, acredito, menos como uma grande via que se desenvolveria através dos tempos do que como uma rede que religa pontos e que entrecruza sua trama. (FOUCAULT, 2001, p. 414)

Nesta época em que as distâncias parecem ter se dissolvido, tanto para a profissão jornalística quanto para as empresas de jornalismo, o uso de dispositivos móveis como ferramenta de trabalho significa mudanças profundas do profissional e introduz um novo ambiente informacional independente das estruturas redacionais fixas como até então se conhecia. Uma das primeiras mídias impactadas por ferramentas móveis e portáteis, como os celulares, foi a própria rádio, como já mencionado anteriormente. A mobilidade adveio com a invenção do transistor, na década de 1950, o que possibilitou a fabricação de aparelhos bem menores e mais baratos. Os primeiros impactos da inovação puderam ser sentidos tanto na forma de se consumir e produzir informação na rádio:

Ao ficar livre de fios e tomadas, a audiência deixou de ser coletiva e se individualizou, e a linguagem radiofônica passou a explorar a intimidade/proximidade. (ORTRIWANO, 1985: 81). Assim, o rádio atinge milhares de pessoas, mas fala para o indivíduo em particular. A essa característica, LÓPEZ VIGIL denomina linguagem afetiva. Para ele, “no rádio, o afetivo é o efetivo”. (2003, p. 33) A mobilidade também adveio com o transistor: o ouvinte ganhou liberdade para ouvir rádio em qualquer lugar, e o emissor, liberdade de transmitir os fatos a partir de onde eles acontecem. A mobilidade possibilitou o imediatismo, ou seja, a transmissão do fato no mesmo momento em que ele acontece, muito antes do jornalismo impresso, muitas vezes antes mesmo que a televisão (que exige um aparato técnico muito maior e complexo) ou a Internet. (ORTRIWANO, 1990, p. 104-106) A

instantaneidade está ligada às condições de recepção por parte do ouvinte, que é simultânea em relação à transmissão, mas não necessariamente à ocorrência do fato. É a noção de que no rádio o tempo é sempre presente, ainda que a mensagem tenha sido previamente gravada. Ela exige redundância, ou seja, supõe repetição das informações principais para que a mensagem mantenha sua totalidade e compreensão por parte do ouvinte. (FERREIRA, 2008)

Para as demais mídias, como TV e online, no entanto, transformações mais profundas têm surgido apenas nos últimos anos. Até o surgimento dos dispositivos móveis conexos com a internet, a redação era *sui generis* um espaço bem delimitado dentro das estruturas das empresas jornalísticas. Para esta categoria, a noção de espaço tem importância em três esferas que o jornalista passa a viver enquanto profissional: a casa, a rua e a redação ou o trabalho.

Não obstante, se antes a notícia se encontrava na rua e sua elaboração era feita na redação, observa-se agora que a redação virtual e a rua tornaram-se duas dimensões hibridizadas em uma única redação móvel. Antes do advento dos equipamentos móveis e portáteis de conexão sem fio, as redações eram descritas como espaços paradigmáticos no dia-a-dia de um jornal:

Uma redação se resume em: uma enorme sala, bem iluminada artificialmente, cheia de mesas, cadeiras, muitos terminais de computador e vários telefones. Uma sala fechada, com persianas que não permitem a entrada de luz, fazendo com que os que nela trabalham percam a noção de tempo, a não ser pelo relógio da parede e pelo próprio ritmo do trabalho. (TRAVANCAS, 1993, p. 23-24)

É inegável o fato de que esta continua e deverá continuar a ser a realidade da maioria das instituições de jornalismo no mundo. No entanto o jornalismo 3G torna-se mais um aliado na busca tanto pela inovação tecnológica, a qual todas as empresas deste ramo sempre estiveram subjugadas sob as demandas do mercado, e pela tentativa incessante em impor ordem no tempo e espaço. Apesar de seu determinismo tecnológico, McLuhan já entendia que o homem, na tentativa de dominar o ambiente, inventa ferramentas que seriam extensões do seu próprio corpo. A tecnologia, portanto, configuraria o processo do fazer jornalístico, da circulação e do consumo da informação.

2.3 As implicações nos processos produtivos

O trabalho do jornalista é *par excellence* configurado de acordo com o tempo e o espaço e estas duas variáveis remetem a implicações não somente nas rotinas produtivas, mas também nos critérios de noticiabilidade e valor notícia. No ensaio “Os jornalistas e a sua máquina do tempo”, Philip Schlesinger (1999)⁴³ evidencia como este conceito de tempo está embutido nas rotinas de produção e o quanto são fundamentais nas decisões acerca do que é noticiável ou não, dentro de uma dinâmica do imediatismo e das condições de mercado em que as notícias são produzidas.

O conceito do tempo do jornalista é mais do que uma simples resposta aos constrangimentos colocados pelo ciclo de produção do sistema noticioso. Tem um tipo de caráter fetichista. O imediatismo pode ser aceite como uma verdadeira virtude. Existe, é evidente, um conjunto de ligações causais, entre as condições do mercado, dentro do qual a notícia é produzida, o próprio sistema de produção, os conceitos de tempo dos produtores, e o produto. (SCHLESINGER, 1999, p. 189)

De acordo com Tuchman (1983), o tempo determina que mesmo um acontecimento dentro dos critérios de noticiabilidade não seja notícia, como por exemplo, quando algum evento está fora do *deadline*. Fatores que estão fora do alcance temporal, bem como espacial, são itens sempre julgados como pertinentes na decisão daquilo que é ou não notícia. No entanto, as tecnologias de comunicação como computadores e internet propiciam hoje um maior controle sobre todos os fatores dentro das rotinas numa empresa jornalística e os dispositivos móveis parecem exercer um domínio ainda maior sobre o aspecto temporal, alterando algumas noções de valores/notícia.

No centro da atividade humana organizada encontra-se a ordenação do tempo e do espaço como dimensões que atuam entrelaçadas, ou ainda, numa espécie de relação indissociável, como na metáfora utilizada pela autora, de “tempo espacializado”. (TUCHMAN, op. cit., p. 52). Assim como os jornalistas tendem a buscar tipificações espaciais centrais na seleção de acontecimentos informativos⁴⁴, a

⁴³ In: **Jornalismo: questões, teorias e estórias**. 1999, pags. 177-190.

⁴⁴ Conceito de rede informativa.

temporabilidade também é característica fundamental de noticiabilidade e para concluir o seu trabalho diário, as instituições jornalísticas constroem estruturas de organização do tempo.

Associado a essas estratégias, a utilização de aparelhos móveis surge como mais uma ferramenta na tentativa de impor ordem tanto no tempo de produção, quanto ao tempo de relato e recepção da informação. Os valores/notícia são códigos diretamente ligados ao fator temporal. No interior desses códigos encontra-se o suporte. Dentre as categorias de valores/notícia relativos ao produto, a atualidade alcança especificidades marcadas por uma temporalidade do conteúdo e a idéia de ação no tempo presente.

A noção de atualidade no jornalismo se estabelece como um dos primeiros demarcadores das especificidades do conteúdo jornalístico, funcionando como modo de reconhecimento dos eventos como jornalísticos, seja pelo jornalista como pelo 'leitor'. Falar de "atualidade jornalística" parece dar a conhecer algo que possui um sentido de imediatividade para uma coletividade, uma percepção temporal marcada por uma presentificação das coisas, isoladas em acontecimentos noticiosos. (FRANCISCATO, 2000, p. 06).

Para Clóvis de Barros Filho (1995), espaço e tempo são os tópicos do movimento aqui e agora dentro do jornalismo, enquadrando a atualidade noticiosa de modo a delimitar a prática jornalística. A atualidade como ação no tempo presente, portanto, ordenaria a visão do aqui e agora como um referencial de tempo e espaço. A experiência do aqui e agora viabilizado pelas tecnologias eletrônicas é que produz um sentido de presente aos participantes envolvidos nesta dinâmica.

Neste processo, as notícias devem ser subordinadas, pois, a acontecimentos que estejam o mais possível no exato momento de sua transmissão (GOLDIN apud WOLF, 1999, p. 208). O tempo real, desta forma, opera não somente numa maior economia de tempo no processamento de informação, mas também faz com que o critério atualidade, em conformidade com a simultaneidade e imediatismo do relato do evento, ganhe cada vez mais espaço.

No tocante às rotinas produtivas, a estrutura do trabalho do repórter foge à condição territorializada de um ambiente tradicional de redação. Para Castells (1999), a tendência é de que equipamentos de telecomputação portáteis intensifiquem o teletrabalho e a criação de escritórios móveis, como parte de um processo que visa o domínio e organização espacial pelas empresas. Processos que

dizem respeito à experiência do espaço e sua racionalização podem ser encontrados, num âmbito mais amplo, com criação do mercado mundial, segundo Harvey:

O incentivo à criação do mercado mundial, para a redução de barreiras espaciais e para a aniquilação do espaço através do tempo, é onipresente, tal como o é o incentivo para racionalizar a organização espacial em configurações de produção eficientes (organização serial da divisão detalhada do trabalho e aglomeração em grandes cidades), redes de circulação (sistemas de transportes e comunicação) e de consumo (formas de uso e de manutenção das residências, organização comunitária, diferenciação residencial, consumo coletivo nas cidades). (HARVEY, 2007, p.212)

Não muito diferente do que Harvey menciona, nas observações de campo conduzidas por Gaye Tuchman (1983), no final da década de 1960 e anos 1970, a pesquisadora introduziu a noção de rede informativa para explicar como as empresas jornalísticas tentam impor ordem no espaço dentro dos seus processos produtivos. Segundo a autora, existem três estratégias para cobrir o espaço:

- 1) a territorialidade geográfica, espaço de território geográfico.
- 2) especialização organizacional, com cobertura em determinados lugares e pontos estratégicos.
- 3) especialização temática, com divisão em editorias.

Das três estratégias identificadas por Tuchman, a territorialidade geográfica seria a de maior importância nos esforços de cobertura do território face às imprevisibilidades. Os meios de informação dividem, então, o mundo em áreas de responsabilidade territorial, ou seja, questões concernentes ao deslocamento dos repórteres e a localização do acontecimento. Isto é o que Santos irá chamar de “convergência dos momentos”, ocorrendo paralelamente com as técnicas e o seu desenvolvimento, em especial das técnicas da velocidade e da medida do tempo:

A conquista da velocidade permite um deslocamento mais rápido das coisas, dos homens e das mensagens. (...) as novas possibilidades de fluidez que estão na base dessa formidável expansão do intercâmbio. Aumenta exponencialmente o número de trocas e estas ocupam um número superlativo de lugares em todos os continentes, multiplicando-se o número e a complexidade das conexões. Estas

passam a cobrir praticamente toda a superfície da Terra. (SANTOS, 1996, p. 159 e 202).

Na produção jornalística, as decisões tomadas pelos jornalistas acerca do que é noticiável estão subjugadas a critérios de relevância intrínsecos ao processo de produção e, portanto, estão circunscritas à abordagem do *newsmaking*. “Essa abordagem articula-se, principalmente, dentro de dois limites: a cultura profissional dos jornalistas e a organização do trabalho e dos processos produtivos” (WOLF, 1999, p. 188). Na produção informativa, a organização espacial é condição *sine qua non* para a adequação do trabalho jornalístico dentro das rotinas produtivas.

Em resumo, o uso deste tipo de comunicação, seja dentro das rotinas produtivas do jornal ou como forma complementar na produção de matérias, trata-se de um insumo que, no momento em que racionaliza o tempo e desprende o repórter das quatro paredes do ambiente fixo de redação, também potencializa vantagens competitivas para a empresa. Mas até que ponto estas novas tecnologias tem sido exploradas? Quais potencialidades são, atualmente, aplicadas no dia-a-dia dos espaços das redações? Quais as implicações da desterritorialização redacional na produção jornalística?

CAPÍTULO 3

Aportes Empíricos: Explorando o campo

“A paisagem mediática não deve ser julgada pela performance exclusiva de cada meio individual, mas sim como uma rede de conexão cruzada e inter-relacionada. Isto é ainda mais importante para a reportagem criada com um telefone móvel, uma vez que estas são frequentemente transportadas para a visualização em diferentes plataformas (por exemplo, a Internet, ou às vezes até mesmo a televisão), que hoje ainda não são primeiramente acessados via celular.”

[Henrik Schneider]⁴⁵

3.1 Mobilidade em prática

Os primeiros passos da evolução do jornalismo feito em base digital e móvel já podem ser sentidos em profundidade sendo que, a partir das pré-observações realizadas, tanto empresas produtoras e difusoras de material jornalístico quanto operadoras de telefonia móvel e empresas de desenvolvimento de *software* têm se voltando, aos poucos, para iniciativas no suporte. Nos últimos anos diversos projetos jornalísticos para a mídia móvel emergiram no cenário nacional e internacional. Quando se fala em conteúdo elaborado para este suporte (webjornalismo móvel), observam-se inúmeros veículos tradicionais e portais gerindo informação para celular.

Já a prática do jornalismo móvel enquanto produção, em especial o jornalismo 3G, é um fenômeno ainda mais recente do que o citado acima. Nos últimos anos e, principalmente, desde a metade de 2007, diversas iniciativas têm sido elaboradas por empresas do ramo jornalístico no mundo e no Brasil. Uma das primeiras experiências de que se tem notícia ocorreu no dia 17 de fevereiro de 2004 quando o jornal americano *The New York Times* publicou na sua página inicial uma fotografia capturada por um celular (QUINN, 2009). Na ocasião um repórter do grupo cobria o ato da assinatura formal de uma fusão entre dois grupos da telefonia móvel nos EUA.

⁴⁵In: NYÍRI, K. (org.). *Mobile Studies*. Paradigms and perspectives. 1997, p. 162.

Tradução da autora: “The media landscape should not be judged by the sole performance of each individual medium, but rather as a cross-connected and interrelated network. This is even more important for reportage pieces created with a mobile phone, as these are frequently transported for viewing onto different platforms (e.g. the internet, or sometimes even television) which nowadays are still not primarily accessed via mobile.”

De lá para cá, repórteres pelo mundo inteiro têm sido equipados com ferramentas móveis e multimidiáticas cada vez mais aprimoradas na cobertura em tempo real e à distância das redações. Muitos utilizam apenas celulares de conexão 3G para produção de material; outros têm a sua disposição tecnologias das mais sofisticadas, de *palmtops* a *notebooks* e conexões com satélites instalados em veículos automotores que funcionam como verdadeiras estações redacionais móveis.

Um mapeamento geral de algumas experiências e iniciativas encontradas no Brasil e no mundo ajudará a entender como tem progredido esta integração entre as ferramentas móveis e os processos produtivos nas empresas jornalísticas. Com esse levantamento será possível detectar as principais características da prática, assim como os tipos de usos desenvolvidos. A seguir serão abordadas algumas das experiências observadas.

3.2 Mapeando as experiências no mundo

A partir do segundo semestre de 2007 foram empreendidas diversas iniciativas que vão desde páginas na web específicas para atualização via dispositivo móvel, passando pelo jornalismo móvel de caráter participativo até o jornalismo 3G praticado dentro de empresas tradicionais, como a BBC, a BAND e o grupo RBS.

Com o advento da *mobile web 2.0*⁴⁶ e a rápida propagação em alta escala de aparelhos celulares, serviços como o *moblog* e o *microblog* surgiram como demanda do mercado voltado para usuários geradores de conteúdo⁴⁷. O tipo de conteúdo gerido para essas plataformas não são necessariamente produtos jornalísticos. No entanto, com exceção de algumas apropriações feitas pela mídia tradicional, também têm sido utilizados como ferramentas auxiliares na cobertura noticiosa.

⁴⁶ A *mobile web 2.0* pode ser caracterizada como uma aplicação móvel baseada no conteúdo, dos mais variados tipos, gerados por usuários. Os serviços da *mobile Web 2.0* podem ser tanto simples extensões da já existente web 2.0 quanto à criação pura de serviços específicos para as redes móveis (MARTIGNONI; STANOEVSKA-SLABEVA, 2007).

⁴⁷ Alguns exemplos são: o *moblog* da operadora Vivo disponível em < <http://www.moblog.vivo.com.br/> > e o *moblog* multi-operadoras Mandei disponível em < <http://www.mandei.com.br/> >.

Os *microblogs*, por exemplo, possibilitam atualizações rápidas e curtas, geralmente com limite de 140 caracteres, a partir de múltiplos suportes (incluindo celulares) diretamente para uma página na internet. Nos EUA e no Brasil, empresas jornalísticas têm se aventurado pelo *Twitter*, o sistema de *microblogging* mais conhecido. Um exemplo é o jornal *Los Angeles Times*⁴⁸ com a criação de uma página com notícias hiperlocais⁴⁹ sobre as queimadas ocorridas na Califórnia. *New York Times*, *Cable News Network* (CNN), *The British Broadcasting Corporation* (BBC) e *Internet Group* (iG), são outras empresas que também utilizam esta mesma ferramenta. Em outras partes do mundo, já existem inovações na criação de serviços de micropostagens, como é o caso do jornal argentino *20palabras*⁵⁰ e do espanhol *20minutos*⁵¹.

Fora estas apropriações feitas a partir de ferramentas “pré-prontas”, a grande mídia⁵² também tem realizado seus próprios empreendimentos em jornalismo móvel. Uma das incursões de maior repercussão pela produção da notícia em condições de mobilidade que, segundo Silva (2007), se caracteriza pela hibridização da interface entre espaço urbano e espaço virtual, foi a implementação do *Mobile Journalism*⁵³ pela agência internacional de notícias *Reuters*.

3.2.1 O *Mobile Toolkit* da *Reuters*

Desde o final de outubro de 2007, e em parceria com a empresa finlandesa *Nokia*, os repórteres da agência *Reuters* têm utilizado celulares modelo N95, com câmera de alta resolução, como principal integrante do *Mobile Toolkit*, um kit móvel de ferramentas. Desenvolvido especificamente para a apuração, edição e publicação

⁴⁸ Disponível em: < <http://twitter.com/latimesfires> >.

⁴⁹ Segundo Briggs (2007), a distribuição móvel é uma grande oportunidade para as empresas jornalísticas locais. Atualizações quanto a listagens de calendário, resultados de esportes, notícias e meteorologia fazem parte da operação regular que privilegia as publicações noticiosas locais.

⁵⁰ Disponível em: < <http://www.20palabras.com.ar/> >.

⁵¹ Disponível em: < <http://www.20minutos.es/> >.

⁵² Terminologia conceituada pelo sociólogo Manuel Castells (1999) para designar os principais veículos de comunicação hegemônicos ligados aos setores tradicionais como jornais, televisão, revista e rádio.

⁵³ Disponível em: < <http://reutersmojo.com> >.

de material informativo *in loco*, algumas estratégias foram implementadas para resolver determinadas limitações do aparelho: um teclado com conexão sem fio *bluetooth*, um tripé de suporte para gravações de entrevista em vídeo, um microfone Sony unidirecional para captação de áudio e um recarregador solar.

A intenção da empresa é justamente transformar o modo como os jornalistas reportam os fatos. Para Nic Fulton⁵⁴, cientista-chefe da *Reuters*, a tecnologia desenvolvida para realização de cobertura direta do campo economiza tempo e permite criar histórias completas e arquivá-las para distribuição, sem deixar a cena onde se desenrola determinado acontecimento.

Ainda em sua fase de testes, foram realizadas coberturas de eventos como o *New York Fashion Week*, os preparativos para a campanha presidencial nos EUA, a conferência *Nokia World 2007*, entre outros. O material multimídia produzido é direto do local, independente de qualquer ambiente fixo, e enviado para a plataforma de *blogging Wordpress* onde os editores têm acesso ao conteúdo para editar e publicar pelos canais habituais da *Reuters*.

O grande potencial desta tecnologia está centrada na possibilidade de oferecer uma maior personalização do conteúdo produzido e dinamizar o processo de comunicação semelhante ao do crescimento das redes sociais na web. Outro fator determinante na escolha da tecnologia móvel está centrado na extrema rapidez e imediatismo com que se pode relatar eventos, mesmo nos lugares mais remotos. O fotógrafo Finbarr O'Reilly, por exemplo, utiliza o kit móvel para reportar conteúdo diretamente do Afeganistão e do Senegal.

Em geral, o equipamento tem sido usado por jornalistas diversos, com diferentes habilidades – alguns são da televisão, outros são fotógrafos e há também os jornalistas de texto – o que possivelmente acarretará em resultados diferentes tanto na forma de se lidar com a tecnologia quanto no conteúdo gerado.

Com os primeiros resultados obtidos no experimento, a parceria *Reuters/Nokia* já vislumbra o futuro desta tecnologia ao acreditar que em menos de cinco anos os celulares já estarão capacitados com vídeo em alta definição - *High Definition* (HD) –, potentes unidades de processamento visual - *Visual Processing*

⁵⁴ Informações retiradas do artigo de Oliver Luft, "Reuters conducts mobile experiment to 'transform the way journalists file news'". *Journalism.co.uk*. 2007. Disponível em: < <http://www.journalism.co.uk/staging/2/articles/530670.php> >.

Units (VPUs) – e teclados. Essas implementações devem trazer significativos efeitos no jornalismo, ao introduzir não apenas um maior dinamismo no processo de cobertura, mas também pela alta qualidade audiovisual do produto final.



Figura 2 – Kit móvel de ferramentas da agência Reuters.

Fonte: Robert Andrews. Disponível em: < <http://flickr.com/photos/parakeet/2067525132/> >.

3.2.2 Jornalismo 3G na BBCNews

No início de 2008 a inglesa BBC realizou as primeiras experiências com jornalismo 3G para a mídia online. Durante o *Mobile World Congress* em Barcelona, o correspondente Rory Cellan-Jones cobriu o evento utilizando apenas um celular *Nokia N95*, o mesmo usado pela *Reuters*, com conexão 3G como ferramenta na produção e difusão de conteúdo informativo.

A cobertura do congresso foi feita de forma convencional para a TV e rádio e, ao mesmo tempo, com tecnologia móvel para o *blog dot.life* e o *website BBCNews.com*. Rory compartilhou suas experiências sobre o desenrolar da cobertura no blog de tecnologia da BBCNews. Como ele mesmo afirma, vídeos móveis não se destinam a substituir a TV, mas sim possibilitar a captura de imagens oportunas sem ter de esperar por uma equipe televisiva (CELLAN-JONES, 2008).

As eleições nos EUA também foram apontadas como novas possibilidades para a experimentação das tecnologias móveis na cobertura. Na ocasião, a *BBCNews* utilizou a ferramenta de *streaming Qik*⁵⁵ para realizar transmissões ao vivo primeiramente para o perfil da emissora no próprio canal do *Qik*⁵⁶ e, posteriormente, para publicação no website do grupo.

[...] eu posso, em tese, fazer um monte de meu trabalho fora do escritório, sem a cooperação dos colegas. Mas de alguma maneira isso não funciona bem assim. Eu ainda acho que você precisa olhar para o seu chefe nos olhos de vez em quando - e focar com o resto do escritório. Mesmo que a única questão que eles queiram me perguntar seja como usar os seus celulares novos em folha e qual navegador que eu recomendo (CELLAN-JONES, 2008).

⁵⁵ O *Qik* é um dos serviços mais populares de gravação e *streaming* de vídeo ao vivo, especializado em transmissões por celulares. Este *software* permite tanto que o vídeo seja produzido em tempo real e disponibilizado no mesmo instante no próprio site do *Qik*, ou de determinada empresa jornalística, quanto também *off line*, gravado sem ser imediatamente disponibilizando na rede.

⁵⁶ Disponível em: < http://qik.com/BBC_HaveYourSay >.

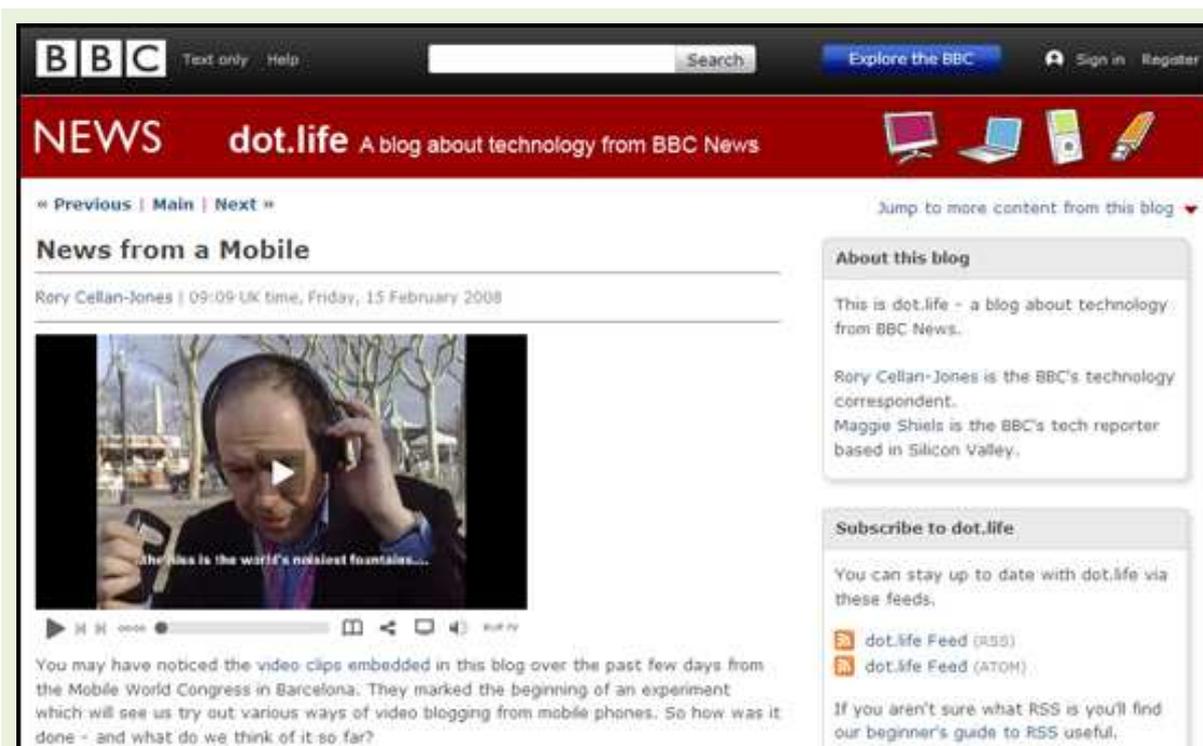


Figura 3 – Experiência em jornalismo móvel na BBCNews.com.
 Fonte: < <http://www.bbcnews.co.uk> >.

3.2.3 Todas as vozes da África ao alcance da palma da mão

Do continente africano também surgiram experiências muito bem elaboradas, como é o caso do projeto *Voices of Africa* do portal *Africa News*. A principal característica está centrada na utilização de celulares *Nokia* modelo E61 equipados com GPRS, o que possibilita a cobertura mesmo em lugares mais longínquos dos países que participam do projeto: África do sul, Moçambique, Gana e Kenia. Cada repórter responsável por sua área de abrangência produz fotos, vídeos, áudios e textos para publicação instantânea no site do portal, sem qualquer tipo de filtragem.

Segundo a gerente de programa do *Voices of Africa*, Annelies van Velden (2009)⁵⁷, o telefone celular foi escolhido como ferramenta principal por razões como

⁵⁷ Informações retiradas do artigo de Anne-Ryan Heatwole, "Voices of Africa: Citizen Journalists Reporting with Mobile Phones". *MobileActive.org*. 2009. Disponível em: < <http://mobileactive.org/voices-africa-citizen-journalists-africa-use-mobile-phones-report-their-communities> >.

maior portabilidade em relação a equipamentos de câmera completos, facilidade na transmissão de informações e menor intimidação na abordagem dos entrevistados:

O uso do telefone celular é uma ferramenta muito útil para a comunicação. O que temos observado é que as pessoas não se sentem intimidadas ao serem entrevistadas por um telemóvel, ao contrário de ter uma equipe de câmera completa por uma vila. [...] Quando as pessoas são entrevistadas por alguém apenas carregando um celular é menos intimidante, elas são acostumadas com telefones - todos estão andando por aí com um telefone. Especialmente quando eles são entrevistados por uma pessoa da própria comunidade, falando sua própria língua, eles são capazes de contar suas próprias histórias e se sentem confortáveis. Então nós percebemos que o celular é uma ferramenta útil para trazer histórias locais. (Idem, online)⁵⁸



Figura 4 – Website do canal Voices of Africa.

Fonte: < <http://www.africanews.com/site/page/voicesofafrica> >.

⁵⁸ Tradução da autora: “The use of the mobile phone is a very useful tool for reporting. What we have noted is that people don’t feel intimidated when being interviewed by a mobile phone; as opposed to having a complete camera crew that walks into a village. [...] When people are interviewed by someone just carrying a mobile phone it’s less intimidating, they’re used to phones – everyone is walking around with a phone. Especially when they’re interviewed by a person from their own community, speaking their own language, they are able to tell their own stories, and they feel comfortable. So we have really realized that the mobile is a useful tool for bringing out local stories.”

3.2.4 *News-Press* e os repórteres *MoJo's*

Em Fort Myers, na Flórida, o jornal *News-Press* foi um dos primeiros veículos a reportar fatos locais apurados no próprio local com tecnologia móvel. Foi com esta experiência que surgiu o termo *MoJo*, uma abreviatura para *mobile journalists*, cunhado pelo próprio jornal *News-Press*. Diferentemente dos casos citados anteriormente, os repórteres não utilizam a telefonia móvel como suporte de redação. A exemplo da redação interativa móvel do jornal americano *The Star*, em Cleveland, e do projeto RJ-Móvel do RJTV no Rio de Janeiro, conforme será abordado adiante, os jornalistas são equipados com outros tipos de aparatos móveis: câmeras digitais, gravadores, *laptops* conectados à internet por *wireless*, sistemas de transmissão via satélite e até mesmo ilhas de edição.

Seguindo o exemplo da Reuters, esses novos repórteres não têm mesa de escrever e a locomoção é feita de forma livre pelo espaço urbano, geralmente com o auxílio de um automóvel. O grande diferencial, além de fazerem uso de *notebooks* ao invés de celulares apenas, está na delimitação da área geográfica de cobertura. Raramente possuem uma tarefa específica fora desses limites.

O jornalista Chuck Myron (2007), um dos *MOJO's* da *News-Press*, entende que esse é um passo necessário na evolução da profissão e as empresas jornalísticas necessitam estar preparadas para absorver as oportunidades que surgem com as tecnologias e a internet:

É a forma mais esperta de se fazer negócio. Eu estou no campo onde as estórias estão acontecendo ao invés de estar sentado na minha mesa, esperando um telefone tocar. [...] A tecnologia trouxe maior mobilidade para as pessoas e o jornalismo precisa reagir.⁵⁹

No que diz respeito aos conteúdos gerados, as matérias são produzidas em primeiro lugar para a mídia online e depois para a mídia impressa. Os conteúdos online geralmente contêm apenas título, dois ou três parágrafos de texto e foto (ou *infobox*) e são postados diretamente no website da *News-Press*. Ocasionalmente

⁵⁹ Tradução feita pela autora: "It's a smarter way of doing business. I'm in the field where stories are happening instead of sitting at my desk, waiting for a phone to ring.[...] Technology has made people more mobile, and journalism has to react."

podem ser acrescentados, quando necessário, uma galeria de imagens ou ainda um link para um fórum no qual os leitores podem dar o seu *feedback*.



Figura 5 – MoJo Chuck Myron na sua redação móvel sobre quatro rodas.
Fonte: Frank Ahrens, *The Washington Post*.

3.2.5 Kevin Sites: o primeiro jornalista "*backpack*"

Kevin Sites é jornalista *freelancer*, nascido na cidade de Geneva (EUA) e famoso por realizar cobertura de guerras e catástrofes para a *American Broadcast Television Network and The Walt Disney Company* (ABC), *National Broadcasting Company* (NBC), *Yahoo! News* e CNN. Sites foi um dos primeiros jornalistas "*backpack*" (mochila em inglês), a cobrir totalmente sozinho, sem nenhuma equipe auxiliar, eventos em áreas de risco ao redor do mundo. Na execução do trabalho, o repórter vai a campo em total mobilidade com apenas uma mochila para carregar tecnologias digitais portáteis e de funções multimídia (câmera de vídeo digital, *laptop* e modem satélite) na produção, edição e transmissão de informação jornalística.

No livro *"In the Hot Zone"* lançado em 2007, Sites descreve suas jornadas como primeiro correspondente online para o *Yahoo! News*. O relato começa a partir de setembro de 2005, com a viagem até a Somália, e encerra com a guerra Israel-Hezbollah, no verão de 2006. Neste período, ele teve contato com rebeldes locais, tropas do governo e "crianças-soldado", muitas vezes até mesmo em meio ao fogo cruzado. No website⁶⁰ do jornalista é possível encontrar galerias com as principais imagens e material das coberturas.

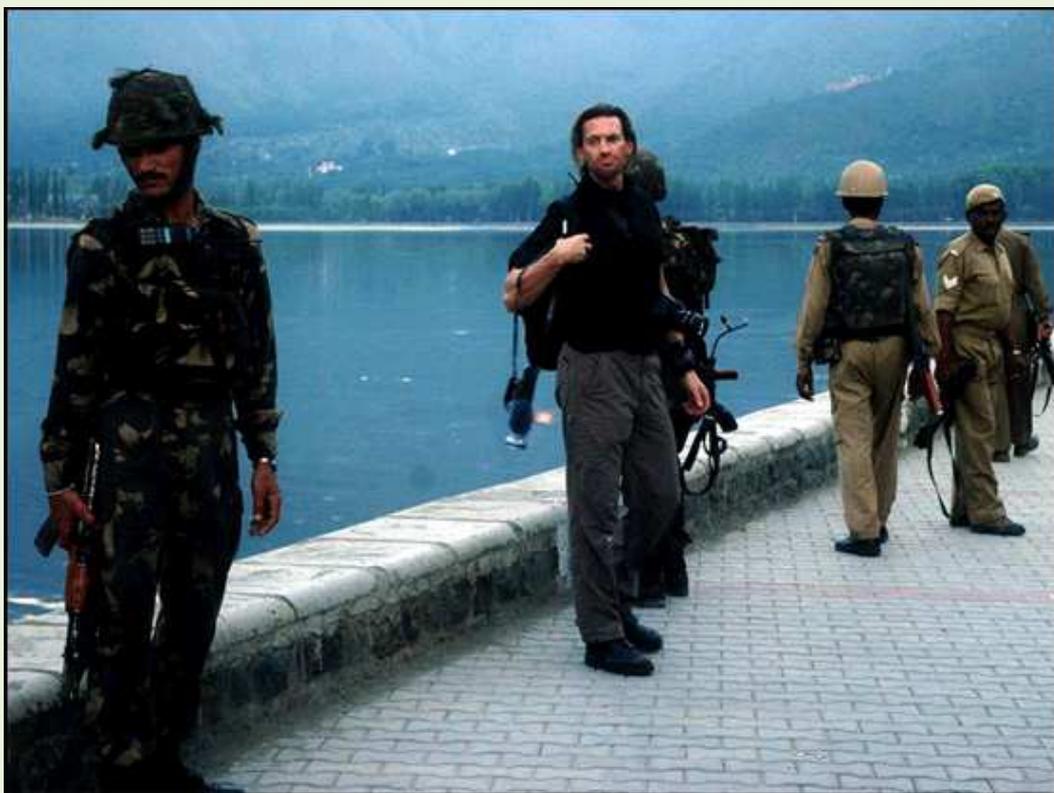


Figura 6 – Kevin Sites com a tropa indiana na região da Cachemira.
Fonte: Dar Yasin. Disponível em: < <http://kevinsitesreports.com> >.

3.2.6 *The Star Car*

Na cidade de Cleveland, em Ohio nos EUA, uma versão ainda mais sofisticada que a do *News-Press* foi concebida pelo jornal *The Star*. Trata-se de uma verdadeira estação interativa com uma ampla infraestrutura tecnológica móvel e

⁶⁰ Disponível em: < <http://kevinsitesreports.com> >.

digital estruturada em um automóvel, chamada *The Star Car*. O tipo de uso assemelha-se com o feito por Chuck Myron no *News-Press*: os repórteres se locomovem com o veículo pelos espaços urbanos da cidade, deslocando-se até o lugar onde se desenrola determinado evento para que, então, se possam relatar os acontecimentos diretamente para o website do *The Star* de forma instantânea.

A redação interativa móvel é composta por um *notebook Dell* que possibilita a edição de vídeos, áudios e imagens e *upload* do material produzido. Também conta com uma filmadora *Sony* de alta resolução, uma câmera *Nikon* de 7,2 megapixels com conectividade sem fio para transferência de arquivos diretamente ao computador, uma câmera *Linksys* instalada na parte superior externa do automóvel para transmissão ao público em tempo real da rotina seguida pelos repórteres, um gravador digital de áudio, um servidor para gerenciamento remoto e um *hotspot*⁶¹ para cobertura de toda a cidade permanentemente, possibilitando assim, o acesso à internet simultaneamente em diversos computadores e dispositivos móveis.



Figura 7 – Alguns dos equipamentos móveis utilizados pelo jornal.
Fonte: < <http://www.shelbystar.com/> > (reprodução).

⁶¹ Ponto de acesso à internet.

O carro equipado é ao mesmo tempo uma espécie de símbolo e um instrumento que possibilita a fusão dos processos produtivos entre o impresso e o online. As publicações são feitas primeiramente para a web e, em seguida, para a mídia impressa.



Figura 8 – *The Star Car*, a redação interativa móvel do jornal *The Star*.
Fonte: < <http://www.shelbystar.com/> > (reprodução).

3.2.7 Cobertura móvel da RTP nas eleições em Portugal

Uma das mais recentes empreitadas pelo universo das tecnologias móveis foi a cobertura das eleições na Europa pela Rádio e Televisão de Portugal (RTP) e *Antena 1*. Ao todo foram acionados 18 profissionais de jornalismo para acompanhar a campanha a partir de telefones celulares de conectividade 3G. Para além do trabalho diário realizado pelos vários jornalistas para a televisão e rádio, o uso do celular 3G em tempo real, diretamente da rua, possibilitou o encontro de outras

impressões não captadas pelos meios tradicionais e novas interpretações das votações e resultados europeus.

Para que isso fosse possível, a RTP disponibilizou dentro de seu próprio website uma página de acesso exclusiva para o projeto com espaços destinados à transmissão ao vivo, galeria de imagens e o uso do *Twitter* para atualizações em pequenos *drops*. Além disso, também foram disponibilizados mapas de localização dos lugares atingidos pelos repórteres com o horário de envio do material. Neste caso nota-se a nítida fusão entre o jornalismo locativo (*LoJo*) e o jornalismo móvel (*MoJo*) de qual Lemos fala.

Acredito que em pouco tempo haverá uma grande quantidade de experiências fundindo os dois tipos. O "Mojo" usa as redes sem fio e dispositivos móveis e ferramentas da "Web 2.0" para produção, consumo e distribuição de notícias na "Web", em plataformas móveis ou impressa, incluindo aí o jornalismo cidadão. Jornalistas usam celulares para cobrirem acontecimentos, cidadãos enviam fotos e vídeos para jornais, rádios e televisões, etc. O "LoJo" é o jornalismo hiperlocal propriamente dito, onde a produção jornalística utiliza tecnologias e serviços baseados em localização, como mapas e mídias locativas como celulares equipados com *GPS*, para criar serviços de informação hiperlocalizado ao cidadão. (LEMOS, 2009, online).

Jornalismo locativo é, sobretudo, caracterizado pelo hiperlocal, enfatizado com o uso das tecnologias na inserção de *tags* de geolocalização (*geotagging*) ou simplesmente aquele jornalismo especializado em um contexto local, comunitário. Em outras palavras, baseado na proximidade (SILVA, 2009). A geolocalização dos repórteres da RTP foi feita mediante o *Google Maps*, uma aplicação de mapa que demarca o lugar, conforme ilustra a figura abaixo.

The image shows a screenshot of the RTP website's 'Mapa de Fotos' (Map of Photos) section for the 2009 legislative elections. The page features a map with numerous red location pins indicating where photos were taken. A callout box for 'CDU, Alcácer do Sal' is visible, dated 9-18-2009. The page also includes a search bar, a Twitter feed, and various advertisements.

Figura 9 – Mapa de fotos da RTP.
 Fonte: < <http://ww1.rtp.pt> >.

3.2.8 Al Jazeera Mobile Reporter

A *Al Jazeera*, emissora de televisão do Catar, tem implantado uma solução de produção móvel jornalística que permite seus repórteres enviarem as matérias produzidas diretamente do campo de cena para a redação. De acordo com Muhammad Basheer (2009), no website da *Al Jazeera Labs*, as principais características do *Mobile Reporter* incluem:

- Suporte para imagens, vídeos e áudio e qualquer material que requeira metadado⁶²
- Capacidade de edição de vídeo dentro do aplicativo
- Envio de múltiplas mídias (muitas imagens e vídeos em simultâneo)
- Código de geolocalização para dar o posicionamento do repórter, exibido em um mapa dentro da redação console
- Habilidade para retomar um *upload* interrompido
- E-mail e alertas SMS para notificar a redação, equipe da web de conteúdo de entrada do aplicativo *Mobile Reporter*

Stephen Quinn (2009) conta que nas primeiras experiências, os repórteres da *Al Jazeera* acompanharam tuaregues, grupo étnico nômade da região do Saara, para estudar como os telefones móveis podiam ser utilizados na captura de imagens de alta qualidade com *geotagging* para mostrar a exata localização de onde foram tiradas. Na ocasião eles utilizaram um celular Nokia N95 e a sua função de GPS para traçar a rota da viagem através do Saara em um mapa interativo.



Figura 10 – Website da *Al Jazeera Labs*

Fonte: < <http://labs.aljazeera.net> >.

⁶² Dados sobre outros dados. Exemplo: posição geográfica e horário de uma determinada foto.

3.2.9 Jornalismo em 360º pelas ruas do Haiti

Alguns dias após o terremoto ocorrido no Haiti, em 12 de janeiro do início desse ano, a rede de televisão americana CNN aproveitou para experimentar uma nova tecnologia de vídeo que possibilita a visualização em 360 graus do cenário encontrado. Assim que o vídeo é totalmente carregado na página especial elaborada pela CNN.com⁶³, o usuário pode interagir no controle do ângulo de visão que deseja enxergar, numa verdadeira experiência imersiva de exploração do local filmado. Na matéria⁶⁴ produzida pela CNN, um repórter demonstra como funciona o equipamento pouco usual, mas que permite o registro em 360 graus sem impedimentos na mobilidade ao transitar pelas áreas atingidas.



Figura 11 – Repórter da CNN demonstra como funciona o equipamento.
Fonte: < <http://www.cnn.com> > (reprodução).

⁶³ Disponível em: < <http://www.cnn.com/interactive/2010/01/world/haiti.360/index.2.html> >.

⁶⁴ Disponível em: < <http://www.youtube.com/watch?v=b0PKxdbP0sI> >.



Figura 12 – Tela de controle em 360° do vídeo.

Fonte: < <http://www.cnn.com> >.

3.2.10 *MoJo Revolution* na cobertura das olimpíadas de inverno

A mais recente experiência mapeada tem sido desenvolvida para a cobertura dos Jogos Olímpicos de Inverno no Canadá. Em parceria com a *Digital Media and Wireless Association of British Columbia* (DigiBC), a *VeriCorder Technology* criou o *MoJo Revolution*, uma plataforma que permite captar e distribuir informação jornalística com apenas um aparelho *smartphone*. O *MoJo Revolution* consiste em uma rede esportiva de transmissão alimentada apenas por um *software* desenvolvido especificamente para *iPhones*. Trata-se de uma aplicação ainda em versão beta que viabiliza a gravação, edição e envio de áudio, vídeo e arquivos de fotos através da mídia móvel.

Desde o início dos Jogos Olímpicos de Inverno em 12 de fevereiro desse ano, em Vancouver no Canadá, um grupo de jornalistas profissionais e estudantes de jornalismo da Universidade de Missouri, *Fanshawe College, Walter Cronkite School of Journalism*, entre outras mais, têm gravado, editado e arquivado o material produzido na web. *Streamings* de áudio e vídeo também podem ser acessados no website *MoJo-Revolution.com*.



Figura 13 – Entrevista móvel do dia no *MoJo Revolution*.
Fonte: < <http://www.mojo-revolution.com> >.

3.3 Experiências brasileiras

Mas estas novas tecnologias na produção jornalística não têm despontado apenas no exterior. No Brasil, algumas iniciativas têm se destacado até o momento: o *Notícia Celular*, produzido pelos repórteres da TV Jornal (retransmissora do SBT em Pernambuco), a *BandNews*, com sua recente estréia em *live streaming*, e o *Jornal NH Online*, primeiro jornal brasileiro impresso/online a transmitir reportagens de vídeo para a internet em tempo real através da rede de telefonia móvel 3G.

Tanto o primeiro quanto o segundo projeto citados possuem características semelhantes na utilização de celulares com tecnologia 3G como plataforma de produção e difusão da notícia televisiva. Munidos destas tecnologias móveis digitais,

os repórteres relatam em vídeos situações inusitadas, como acidentes e incêndios ou outros flagrantes de teor jornalístico da vida cotidiana das cidades.

3.3.1 Band Repórter Celular

A Band e o Jornal NH Online são ótimos exemplos do uso de telefones celulares como plataforma de produção da notícia e mediador instantâneo de informação. A exemplo de outras iniciativas anteriormente descritas, a Band firmou uma parceria inédita com a operadora TIM no lançamento do projeto em telejornalismo móvel chamado Band Repórter Celular. Se, por um lado, isto remete às relações conjuntas entre empresas jornalísticas e demandas corporativas, seja por parte dos fabricantes de aparelhos, das operadoras ou ambas, por outro, faz repensar novos contextos de produção e circulação da notícia.

Segundo reportagem do jornal da Band (2008) “o jornalismo da Band passa a contar com uma ferramenta que é o jornalismo em tempo real transmitido pelo celular”. Trechos do vídeo descrevem a iniciativa como aliada na difusão rápida e precisa da informação. Com celulares de tecnologia 3G, os repórteres da emissora efetuam entradas ao vivo a qualquer hora e de qualquer lugar que possua cobertura 3G. As matérias ou entradas ao vivo são veiculadas no telejornal da emissora "Primeiro Jornal".

Os fatos relatados pelos repórteres da Band, em entradas ao vivo na programação da emissora, são da ordem dos eventos inesperados, geralmente situações emergenciais, como incêndios e acidentes pela cidade de São Paulo. Apesar da baixa qualidade de imagem de vídeo, esta prática tem possibilitado com que a emissora realize a cobertura de forma muito mais rápida do que uma equipe tradicional televisiva demandaria no deslocamento e preparo para a entrada ao vivo. No website também é possível encontrar os vídeos produzidos para *streaming*, conforme mostra a figura:

BAND

Rio de Janeiro / RJ
Pancadas de chuva
min: 19°C max: 23°C
mais cidades

Cotações

	Valor	Var.
Ibovespa:	53055,38	9,57
Dólar Com.:	R\$ 1,83	-4,73
Dólar Tur.:	R\$ 1,96	0,51

JORNALISMO

PRIMEIRO JORNAL

Programa | Notícias | Vídeos | Entrevistas | Últimos Especiais | Equipe | Fale Conosco

» Segunda-feira, 28 de abril de 2008 - 11h16

Band repórter celular: acidente no centro de SP

PRIMEIRO JORNAL FLAGRANTES DO BAND REPÓRTER CELULAR

BOTAFOGO. NO MINEIRÃO, CRUZEIRO I

00:29 01:06

Jornalismo

- Brasil Urgente
- Canal Livre
- Jornal da Band
- Jornal da Noite
- Primeiro Jornal
- São Paulo Acontece

Culinária

- Entretenimento
- Esporte
- Filmes
- Interatividade
- Passatempos
- Por Dentro da Band

Programação

- Cadastro

enquete

STJ decide que notorista embriagado pode perder seguro de vida, você concorda?

Figura 14 - Cobertura do Band Repórter Celular em São Paulo.
Fonte: < <http://www.band.com.br> >.

3.3.2 Real time streaming no Jornal NH

Já o Grupo Sinos de Novo Hamburgo tem incorporado as tecnologias móveis na produção de matérias transmitidas ao vivo instantaneamente para o site do Jornal NH Online. Ainda em fase de aprimoramento, os repórteres fizeram cobertura no ato do acontecimento munidos de um celular Nokia N95 (o mesmo utilizado pela *Reuters*) com tecnologia 3G. A notícia veiculada no Jornal ABC (2008,

p. 25) explica que as reportagens ao vivo são enviadas para a página do grupo em *real time streaming*, um tipo de transmissão de dados que viabiliza a captação em tempo presente do vídeo, simultaneamente reproduzido na internet, no mesmo momento de sua produção. Neste processo, não há etapas intermediárias e os internautas podem acessar a matéria tanto no mesmo momento de sua transmissão quanto mais tarde, pelo conteúdo arquivado.

Apesar de não fazer parte do conglomerado de grandes empresas da mídia brasileira, o Grupo Sinos tem, ao longo dos anos, vislumbrado nos avanços tecnológicos uma de suas características mais marcantes. A utilização de computadores portáteis em meados da década de 1980 possibilitou a realização de entrevistas nas ruas, com transmissão direta para a redação através de telefone via modem acústico. Esta tecnologia já apontava tendências para a prática do jornalismo móvel no jornal, porém ainda de forma analógica.

Em janeiro de 1986, a cobertura da Feira Couromoda, em São Paulo, foi enviada diretamente para a redação, em Novo Hamburgo. Textos completos foram transmitidos para o jornal *Exclusivo Couros e Calçados*, outro veículo do Grupo Sinos. Na sucursal do Grupo, em Tramandaí, o computador passou a ser utilizado diariamente, substituindo o telex, nos contatos instantâneos com o parque gráfico. (VIANNA, 1992, p. 102)

A última recente implementação tecnológica do Grupo foi de destaque nacional. Desde maio de 2008, a empresa vinha investindo em transmissões de vídeo em tempo real diretamente para o site do Jornal NH Online com tecnologia 3G, pioneiro no país nesta modalidade, pela operadora Claro. No dia 30 de maio daquele ano, internautas que estavam conectados no Jornal NH Online puderam presenciar a transmissão ao vivo, do centro de Novo Hamburgo, da entrevista com o meteorologista Nilson Wolf sobre a nova onda de frio que atingiu o estado e prometia neve para a região.

O projeto de jornalismo móvel do Grupo surgiu a partir de pesquisas e participações em feiras de tecnologias. A principal motivação para a implementação foi o lançamento do *Mobile Toolkit* da Reuters, anteriormente citado. Com uma certa curiosidade em relação a esta nova modalidade de produção jornalística e com a introdução do 3G no Rio Grande do Sul, o Grupo Sinos aos poucos sentiu-se motivado a trabalhar com uma nova ferramenta que possibilita, nas palavras do

diretor executivo Fernando Gusmão⁶⁵, “operar em qualquer condição, de dia ou de noite, longe da redação, e que possa ser imediata, instantânea”, com publicação no exato momento da execução da reportagem.

Até a introdução dos telefones móveis como plataforma de gravação de vídeos em tempo real, o único meio de produção se concentrava em uma área chamada *Videocast*, na qual a equipe do setor online e alguns repórteres do impresso dispunham apenas de mini DVs e máquinas digitais para publicação *off line* no website. Neste setor multimídia, o material é editado, com legendas e aberturas, e posteriormente colocado para acesso no site. Geralmente são questões locais, como enchentes, acidentes de trânsito, flagrantes do cotidiano. Com o jornalismo 3G, praticado por aparelhos de celulares e através das redes 3G de telefonia móvel, um dos grandes diferenciais está no tempo real e no limite de transmissão, conforme relata Gusmão:

Uma câmera de mini DV hoje é pequena e compacta. Com bateria, a fita é limitada, no celular ou na câmera digital tu vais ter o cartão limitado. Já no caso do 3G eu não fiz mais do que vinte minutos de transmissão, mas já vi transmissão de uma hora e meia. É só ter bateria no celular e tocar. Na máquina digital tu tens que ter cartão disponível, porque vídeo consome memória de cartão e bateria. (GUSMÃO, 2008, entrevista)

Apenas munidos de um único aparelho celular os jornalistas do grupo executaram até o mês de julho de 2008 oito reportagens em tempo real. Após este período, houve uma descontinuidade do projeto dentro da empresa por problemas devido à instabilidade das redes 3G. De todo modo, não houve nenhuma periodicidade na produção de reportagens e, portanto, não se pode falar em rotinas produtivas. Em sua fase experimental, o projeto em jornalismo móvel do Jornal NH Online trabalhou com transmissões pré-agendadas, como no caso da reportagem sobre o clima, primeira realizada com tecnologias móveis digitais.

⁶⁵ Cf. Apêndice 1.

3G em alguns bairros de Novo Hamburgo tem algumas vezes inviabilizado a cobertura em determinados locais.

No dia da entrevista sobre o clima, o Grupo cogitou ambientar o vídeo na estação climatológica da cidade. Sem acesso ao sinal 3G, entretanto, Gusmão explica que a equipe teve de trazer o entrevistado para o centro de Novo Hamburgo e buscar artifícios que propiciassem uma cobertura mais adequada ao tema em questão.

Nós tivemos de trazer o entrevistado para mais próximo do centro, onde pegava o sinal e também onde se via as pessoas ali com casacos, com gorro, com luva. Nós filmamos inclusive o termômetro para mostrar a baixa temperatura que tinha naquele dia. [...] Tudo ainda tem a ver com a questão do local aonde pega o sinal. (Idem).

Para todas estas matérias elaboradas até então, as reuniões de pauta foram feitas informalmente entre o diretor executivo e o diretor de conteúdos multimídia, Nelson Ferrão. A idéia inicial era de que com o tempo os vídeos produzidos em condições de mobilidade entrassem na reunião de pauta diária da empresa, onde já se estipula a inclusão de vídeos produzidos *off line*. Uma vez que a banda 3G estivesse estável em toda a cidade e o *software Qik* totalmente adaptado às necessidades técnicas exigidas para a produção móvel, o Grupo Sinos pretendia investir em mais aparelhos de telefones celulares e mandar seus repórteres para as ruas.

Atualmente o Grupo Sinos passa por um processo de integração das redações. A previsão é de que as redações do online e impresso se concentrem no mesmo ambiente e que toda a equipe esteja habilitada a trabalhar com recursos multimidiáticos para gerir e produzir também matérias completas com foto, vídeo e texto feitos totalmente a partir de celulares.

3.3.3 TV Jornal “Noticia Celular”

Uma das primeiras experiências com a tecnologia de terceira geração no Brasil começou em Pernambuco, com o Sistema Jornal do Comercio de Comunicações (SJCC). A parceria com a operadora Claro e a *Nokia* possibilitou o

lançamento do projeto “Notícia Celular” pela TV Jornal em 2007, considerado o pioneiro no país a gerar vídeos e fotos para um canal televisivo e para o portal JC Online (SILVA, 2008). A TV Jornal e o portal JC Online fazem parte do SJCC, sendo a TV Jornal afiliada ao SBT.

A equipe de reportagem é equipada com celulares do modelo Nokia N95 para transmitir vídeos em alta velocidade no momento em que a notícia acontece. O público também pode fazer a sua participação contribuindo com o envio de vídeos que poderão ser inseridos tanto num programa jornalístico quanto na programação geral da emissora. Já os vídeos produzidos pelos profissionais são transmitidos de forma intercalada no decorrer do dia e também postados no portal.

Em agosto de 2008 o JC Online aderiu à transmissão em *streaming* com o *software Qik*. Na cobertura do evento *Oi Fashion Music* e também no debate para as eleições em 2008 foram utilizados celulares 3G, câmeras digitais e *notebooks* pelos repórteres para produzir e publicar fotos, textos e vídeos ao vivo. Ao mesmo tempo em que os vídeos eram transmitidos, enquetes eram realizadas com a participação do público.

3.3.4 RJTV Móvel

Desde agosto de 2007 o RJTV, telejornal da Rede Globo do Rio de Janeiro, tem utilizado uma redação móvel estruturada num veículo equipado com *notebooks*, ilha de edição, câmeras de vídeo digitais e transmissão por satélite. O RJTV Móvel tem uma rotina diária, começando a funcionar desde cedo da manhã por volta das 6 horas e 30 minutos, percorrendo as ruas do Rio de Janeiro e os municípios do Grande Rio.

O repórter Vandrey Pereira explica que a grande diferença deste veículo de reportagem em relação aos demais é a possibilidade de se fazer uma pré-edição e mandar a matéria praticamente pronta para a emissora. “Esse carro aqui tem uma vantagem: a gente para onde for, seja ali mesmo e a gente faz o nosso ao vivo [...] as notícias podem estar em qualquer lugar.” (PEREIRA, 2009, audiovisual). As reportagens também ficam disponíveis para acesso no website do RJTV e contam, para além da reportagem em vídeo, com reportagem escrita.



Figura 16 – Estrutura de redação do RJTV Móvel.

Fonte: Vídeo Show. Disponível em: < <http://youtube.com/watch?v=88CaeSD-sjM> >.

3.3.5 Extra “Repórter 3G”

A partir da integração das redações, impresso e online, o jornal Extra do Rio de Janeiro, pertencente às Organizações Globo, passou a utilizar as tecnologias móveis para dar conta da demanda de produção do conteúdo para suas diversas plataformas. Assim como alguns exemplos citados anteriormente, os repórteres 3G, como são chamados pelo veículo, são tanto responsáveis pela apuração da informação para o impresso quanto pela produção de conteúdo multimídia para o Extra Online.

Munidos com um *notebook* e um celular 3G com câmera, os jornalistas vão para a rua com a missão de não apenas priorizarem o vídeo, mas também a fotografia e a apuração para que se possa publicar a matéria no jornal, no dia seguinte. Os responsáveis pelo Repórter 3G, Fernando Torres e Fábio Gusmão, explicam que a proposta do Extra Online não é seguir o mesmo padrão de vídeo da televisão convencional. Segundo eles, não basta ser multimídia, mas também estar muito atento a tudo que ocorre ao seu redor, saber dar a melhor notícia com maior riqueza de conteúdo e guardar o *lead* para o dia seguinte (MOURA; CASTRO; CAZES, 2009).



Figura 17 – Vídeo capturado pelo Repórter 3G.
 Fonte: < <http://extra.globo.com/multimedia> >.

3.3.6 *Urblog*: revista época pelas ruas de São Paulo

Seguindo a mesma linha de fusão entre jornalismo móvel e jornalismo locativo da RTP, o *Urblog* da revista *Época* e o projeto *Locast* são dois bons exemplos da ênfase no hiperlocal. O *Urblog* é um blog móvel atualizado remotamente pelas ruas de São Paulo pela repórter Juliana Vilas e seu celular Nokia N95 de tecnologia 3G. Sob o slogan "Histórias escondidas no cotidiano da metrópole", a ideia é relatar diariamente histórias, vídeos e percepções do contexto urbano da cidade sem uma rota pré-definida.

Ou seja, a repórter transita pelos espaços públicos de São Paulo sem uma pauta prévia, em busca de outros olhares que não podem ser pautados com antecedência como matéria prima das transmissões feitas ao vivo. A utilização de *geotagging*, portanto, otimiza a associação da informação com sua localização geográfica, disponibilizando num mapa o local exato de onde a *blogueira* se encontra.



Figura 18 – *Urblog*: outro olhar sobre as ruas de São Paulo.
Fonte: < <http://urblog.com.br> >.

3.3.7 *Locast*: o mapa de onde as notícias acontecem

O *Locast* é um projeto desenvolvido em parceria entre a Faculdade dos Meios de Comunicação Social (Famecos) da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), o *Massachusetts Institute of Technology* (MIT), jornalistas do Grupo RBS e a operadora TIM. Trata-se de uma plataforma de aplicação móvel como lugar para conteúdo gerado nos espaços urbanos e a sua geolocalização.

Desde o dia 23 de novembro de 2009 o jornal Zero Hora Online de Porto Alegre vem contando com a possibilidade de registrar no mapa do *Locast* o local

exato de onde foram registradas as notícias. O *Locast* também tem sido abastecido com vídeos produzidos por sete jornalistas da Zero Hora Online e 25 alunos da PUC-RS. Os repórteres utilizam *smartphones* com a plataforma *Android* conectado à rede 3G. No website, os conteúdos são identificados com um ponto verde marcado no mapa. Dessa forma, o usuário pode acessar as notícias de acordo com o local, como, por exemplo, aquelas que acontecem no seu bairro⁶⁶. Os mapas gerados pelo *Locast* enquanto produto de mídia locativa, termo cunhado por Karlis Kalnis, abre possibilidades para se pensar a relação do sujeito com o espaço físico por intermédio de interfaces tecnológicas. A finalidade de projetos cuja produção se baseia em tecnologias móveis e locativas está “na criação de uma série de atividades que visam expandir a experiência urbana cotidiana” (SANTAELLA, 2007, p. 227).

Durante os quatro dias do Fórum Social Mundial, no mês de janeiro de 2010, a repórter Letícia Duarte realizou cobertura do evento pela Zero Hora Online utilizando um *smartphone*, um *laptop* e uma mochila para acomodar o equipamento no transporte. Acostumada com a produção tradicional de texto, a repórter conta ao Blog do Editor (2010, online) do clicRBS, que se deparou com o dilema sobre como relatar os fatos:

Como a internet possibilita uma atualização imediata, instantânea, será que as pessoas se interessariam por saber em detalhes tudo o que os palestrantes falavam? Ou será que gostariam apenas de receber as frases de efeito? Ou quem sabe queriam interpretações, curiosidades? Para ser sincera, ainda não tenho a resposta.

O *Locast* também deverá servir como plataforma de *civic media*. A idéia é conectar experiências numa interação entre pessoas engajadas no espaço físico e os participantes online no website. Os contextos podem ser os mais variados: jornalismo cidadão, turismo, jogos urbanos, entre muitos outros. Conforme a explicação na página do projeto, a iniciativa possibilitará uma "interligação entre conteúdos, espaços e pessoas" de forma "simultânea e onipresente" (LOCAST, 2009). Qualquer usuário pode criar uma conta no website ou na rede social

⁶⁶ Universidades e RBS lançam projeto inédito de jornalismo local. Zero Hora. 22 nov. 2009. Disponível em: < <http://zerohora.clicrbs.com.br/zerohora/jsp/default2.jsp?uf=1&local=1&source=a2724751.xml&template=3898.dwt&edition=13572§ion=1003> >. Acesso em 02 fev. 2010.

Facebook. Deste modo o usuário poderá instalar o aplicativo *Locast mobile* no seu celular e efetuar o *login* que permite publicar conteúdo diretamente das ruas.



Figura 19 – Vídeo produzido por celular e a sua geolocalização no *Locast*.
 Fonte: < <http://www.locast.mit.edu/> >.

3.4 Apropriações pelos “repórteres de ocasião”: outras dinâmicas emergentes

Como pôde ser observado até o momento, o telefone celular em especial, munido com câmeras digitais fotográficas e vídeo, é importante instrumento no registro de material inusitado e de alto teor jornalístico, sobretudo por ser discreto e pela sua crescente popularização. Esse dispositivo inaugura uma nova possibilidade: a de manter o contato visual perpétuo (KONDOR, 2007). Até então, desde simples flagras do cotidiano até os atentados aos metrô londrinos em julho de 2005, seriam de difícil captura *in loquo* e no exato momento de sua ocorrência.

Casos mais recentes como o conflito na Faixa de Gaza e os protestos no Irã também não teriam a visibilidade global alcançada se não fosse a constante participação de testemunhas, “Repórteres de Ocasão” (REBELO, 2006), com o

envio de material informativo direto para a rede. Por isto, o grande diferencial desses dispositivos concentra-se também na tamanha rapidez com que a informação se espalha, alcançando milhões de pessoas em todo o mundo em questão de instantes através do ciberespaço. Com o desenvolvimento e a disseminação de novos aparatos tecnológicos de registro de som, imagem e texto e a transmissão mediante ondas eletromagnéticas e redes telemáticas móveis, urge também a necessidade de se pensar as dinâmicas que emergem com as novas práticas comunicacionais exercidas pelos sujeitos em relação aos espaços públicos na sociedade contemporânea e a grande mídia.

Todas as principais características dos dispositivos móveis juntas articuladas têm resultado no surgimento de outras práticas comunicacionais na cena urbana sendo que o jornalismo contemporâneo encontra desta forma um meio alternativo de se obter material informativo e potencialmente jornalístico que antes dificilmente teria acesso. A apropriação destes meios possibilita que qualquer um, que não apenas o profissional de jornalismo, faça parte dos processos jornalísticos ao testemunhar um fato relevante.

Através de um computador portátil ou, o que é ainda mais extraordinário, através de um simples telemóvel, qualquer pessoa poderá então aceder à Internet esteja onde estiver, em qualquer ponto dessas cidades: num café, num jardim, na praia...E aceder à Internet não significará apenas capacidade de receber conteúdos. Significará, também, capacidade de emitir conteúdos que, em seguida, circularão, ou pelos tradicionais meios de comunicação de massa ou em rede. Extensão do sujeito, assim conectado com todos os lugares. Recebendo e enviando sinais, de e para todos os lugares. (REBELO, 2006, p. 22).

O telefone celular oferta a possibilidade de fotografar ou filmar um evento no mesmo ato, acrescentar um texto curto e informativo e imediatamente transmitir o material para sua rede de relacionamento ou mesmo para serviços de jornalismo colaborativo oferecidos pelas empresas jornalísticas. Pode-se dizer que a adoção crescente das tecnologias móveis de comunicação está mudando não apenas a maneira como os usuários recebem informação, mas também a maneira de se fazer jornalismo.

Tendo em vista a apropriação popular destas ferramentas por diversos atores sociais “levando ao estabelecimento de novos padrões de comunicação e

trocas informacionais entre os sujeitos” (MANTOVANI, 2005, online), diversos jornais têm aberto a colaboração na produção de conteúdo. As redações tendem a ser ampliadas para satisfazer a demanda por oferta informativa do seu público sendo que, este mesmo público, agora, está munido não apenas de computadores pessoais, mas também de telefones celulares e uma rede de telecomunicações cada vez mais sofisticada.

Se uma equipe de cobertura jornalística pode levar algo entre 30 minutos a seis horas para chegar, por exemplo, com uma câmera num local de desdobramento de algum evento, em apenas alguns minutos também pode receber e difundir conteúdo amador direto deste mesmo local a partir de um dispositivo móvel. Observa-se agora um novo movimento estratégico de apropriação do material gerado por não-jornalistas. Firmino da Silva (2007) salienta duas vertentes através das quais o jornalismo móvel emerge: de dentro das próprias estruturas da mídia convencional e por parte de sujeitos amadores que se apropriam das ferramentas móveis, em especial os celulares, para produção e publicação de material dos mais diversos tipos, inclusive também com características jornalísticas.

A popularização e a sofisticação de aparatos tecnológicos, bem como a capacidade de domínio de suas funcionalidades e serviços, têm possibilitado com que o receptor, cada vez mais, se aproxime das mesmas condições técnicas de produção e publicação dos profissionais. Surge então um jornalismo feito por transeuntes, anônimos ou não, funcionando numa estrutura que Costa (2003, online) chama de nuvem de informação: “os fatos estarão em permanente estado de latência para se transformar em notícia”.

Este material pode ser produzido tanto para as mídias independentes que utilizam o modelo *open source*⁶⁷ na elaboração do conteúdo noticioso quanto para as próprias empresas convencionais em projetos de jornalismo participativo. Neste caso, estes projetos são frutos de uma estratégia da grande mídia, na qual o autor cede seus direitos sobre o material enviado, para aproveitar conteúdos elaborados em situações inusitadas e que provavelmente não haverá um repórter realizando cobertura (SILVA, op. cit.). São geralmente situações do cotidiano, como acidentes.

⁶⁷ O modelo *open source* é baseado no sistema colaborativo e de publicação aberta a todas as pessoas. “No jornalismo *open source*, o sujeito que lê é o mesmo que escreve as notícias, compartilhando responsabilidades e tendo no envolvimento pessoal sua principal moeda de troca” (BRAMBILLA, 2005, p.6)

Na Itália, a primeira plataforma de jornalismo participativo *You Reporter*⁶⁸, apresentada como um *website* independente e que busca “expandir horizontes da comunicação, vários pontos de vista sobre todos os eventos e notícias”⁶⁹ (YOU REPORTER, 2010, online). O canal estimula o envio de fotos e vídeos em mobilidade para um endereço de *e-mail* com o qual o usuário somente poderá realizar o *upload* se estiver usando um celular ou *smartphone*.



Figura 20 – *You Reporter*: plataforma participativa.

Fonte: < <http://www.youreporter.it> >.

Já dentro da mídia tradicional outros exemplos têm emergido. A emissora alemã de televisão *Zweites Deutsches Fernsehen* (ZDF) tem aberto sua redação para que os usuários também possam contribuir com o envio de vídeos e fotos de celulares sobre temáticas atuais para o *website* *ZDF Heute*⁷⁰. A empresa oferece ainda um curso relâmpago sem custos sobre como gerir fotos para o site. Outros exemplos de projetos elaborados pela grande mídia incluem o *iReport*⁷¹ da CNN, o *eyeMobile*⁷² da *Columbia Broadcasting System* (CBS) e o *uReport*⁷³ da *Fox News*.

⁶⁸ Disponível em: < <http://youreporter.it> >.

⁶⁹ Tradução da autora: “ampliare gli orizzonti della comunicazione, moltiplicando i punti di vista su ogni evento e notizia”.

⁷⁰ Disponível em: < <http://www.heute.de> >.

⁷¹ Disponível em: < <http://www.ireport.com> >.

⁷² Disponível em: < <http://www.cbseyemobile.com> >.

No Brasil, esse tipo de produção iniciou-se com o FotoRepórter, projeto no qual o cidadão-repórter tem a possibilidade de produzir fotos e vídeos diretamente do seu celular para publicação no site ou nos jornais impressos do grupo O Estado de São Paulo. Outros exemplos de projetos similares ainda são o *Yo Periodista*⁷⁴ do jornal espanhol *El País* e Eu-Repórter⁷⁵ do O Globo.

Em casos de emergência estudos realizados por Cohen e Lemish (apud SCHNEIDER, 2007), sobre o uso de celulares em situações de emergência em Israel, demonstram que as pessoas tendem a utilizar telefones móveis com maior frequência por motivos de segurança. Isto pode implicar, na dedução de Schneider, que se qualquer um pode vir a ser um repórter de eventos na posse de um celular, a natureza dos eventos reportados serão geralmente mais aqueles não esperados do que os da vida ordinária.

Por facilitar o registro e divulgação de fatos no mesmo momento da ocorrência, estes dispositivos móveis de comunicação possibilitam que as empresas jornalísticas contem "com a pulverização de fontes de imagens e informações, mesmo onde não haja qualquer jornalista ou repórter-fotográfico." (PRIMO; TRÄSEL, 2006, online). Bons exemplos desta ampliação das grandes coberturas jornalísticas foram o tsunami no sudeste asiático (as primeiras imagens foram capturadas pelo celular de um turista); o furacão Katrina (as primeiras imagens foram capturadas pelo celular de habitantes das regiões atingidas) e o atentado ao metrô em Londres (as primeiras imagens foram capturadas pelo celular de um passageiro).

Estas testemunhas estavam lá, no momento exato do acontecimento. Já não são mais simples "fotógrafos de ocasião"⁷⁶, limitados apenas a fotografar a família ou grupos mais próximos. Estes portadores de celulares que encontramos no metrô de Londres ou de férias no sudeste asiático são hoje verdadeiros 'repórteres de ocasião': "...é o 'fotógrafo de ocasião' contemporâneo.[...] Dirigi-se ao Universo tomado em sua globalidade. Em vez de preencher álbuns de família intervém no campo dos *media*." (REBELO, 2006 p. 23).

⁷³ Disponível em: < <http://ureport.foxnews.com> >.

⁷⁴ Disponível em: < <http://www.elpais.com/yoperiodista/> >.

⁷⁵ Disponível em: < <http://oglobo.globo.com/participe/> >.

⁷⁶ Termo designado por André Gunthert (1999), durante sua tese de análise da gênese e desenvolvimento da fotografia instantânea.

Os atentados aos metrô de Londres, em 2005, ilustram muito bem este papel de “repórter de ocasião” desempenhado por um passageiro. Na manhã do dia 07 de julho, a capital inglesa foi alvo de uma série de explosões em seu sistema público de transporte. Ao todo quatro bombas atingiram três trens e um ônibus no centro da cidade. Quando as redações foram informadas das explosões, ainda que tivessem enviado seus profissionais ao local o mais rápido possível, os túneis do metrô londrino já estavam bloqueados pela polícia britânica e tudo que puderam registrar com suas lentes eram as vítimas do lado de fora sendo resgatadas.

Enquanto a maioria das grandes redes de informação noticiava com extrema cautela os ataques, por alegadas razões de segurança e para evitar o pânico, internautas disponibilizavam, através de suas câmeras, em Blogs e Fotologs, uma grande quantidade de dados e imagens, fornecendo, on-line e em tempo real, um detalhado panorama de suas experiências e dos acontecimentos, diretamente dos locais dos atentados. Milhões de pessoas, espalhadas pelo mundo, recorriam àqueles sites em busca de informações que não estavam circulando pelos canais noticiosos tradicionais, que minimizavam e até ocultavam fatos (PALÁCIOS; MUNHOZ, 2007, p. 67).

As principais imagens surgiram de dentro do próprio metrô, produzidas pelas próprias vítimas que, com seus telefones celulares capacitados com câmera digital, registraram a tragédia em primeira mão no próprio ato do acontecimento. Para as principais cadeias britânicas de comunicação, a cobertura realizada pelas pessoas que se encontravam nas áreas afetadas foi a alternativa exclusiva. Na televisão, os canais noticiosos BBC, CNN e *Sky News* passaram a transmitir cenas escuras de baixa qualidade e curta duração produzidas pelos próprios transeuntes sob a legenda *mobile phone image*.

Também através dos *moblogs* inúmeras imagens em primeira mão do atentado logo se alastraram pela *web*. A primeira e principal delas, uma das mais reproduzidas, foi enviada diretamente do local, perto da estação *King's Cross*, pelo londrino Adam Stacey. No dia seguinte esta mesma foto estava estampada nos principais jornais de todo mundo e mais tarde seria eleita uma das melhores do ano pela revista *Time* (2005, online). A *BBC News* foi uma das principais empresas a solicitar o envio de material, relatos e fotos dos leitores sobre a tragédia. Vicky Taylor, editor do setor de interatividade dos sites da *BBC News* definiu a posição do jornal ao afirmar que “o que estamos fazendo é juntar material que jamais

poderíamos conseguir a não ser que nosso repórter, por acaso, se encontrasse no meio da situação” (ASSOCIATED PRESS, 2005, online).



Figura 21 – Foto de Stacy originalmente publicada no seu próprio moblog⁷⁷.
Fonte: reprodução.

Mais recentemente, a guerra deflagrada por Israel contra o grupo radical palestino Hamas, em janeiro de 2009, junto com as eleições no Irã, tem sido um bom exemplo de como a mídia tradicional vem contornando a difícil cobertura na Faixa de Gaza. A proibição aos jornalistas estrangeiros de acesso à região onde ocorre o conflito não teve o efeito de isolamento supostamente desejado por Israel por um único motivo: os residentes dos 360 quilômetros quadrados de extensão da Faixa de Gaza e a publicação de vídeos e fotos dos ataques em serviços online. Entre as principais ferramentas comunicacionais utilizadas pelos moradores se destacam o *Twitter*, o *YouTube* e os telefones celulares. A associação *Allvoices.com*, por exemplo, criou a página *The Events in Gaza* (2009, online)

⁷⁷ Disponível em:< <http://moblog.net/view/77571/> >.

possibilitando a publicação de textos, fotos e vídeos via telefone celular por pessoas que estejam no local.

Os protestos no Irã também motivaram a criação de outras formas de visibilidade global para as manifestações contra a reeleição de Ahmadinejad, em junho de 2009. No vázio de notícias causado pela censura do governo à mídia estrangeira, fotos e vídeos amadores produzidos por testemunhas se tornaram as únicas fontes factuais de informação para os sites de grandes veículos como o *New York Times*, *Atlantic Magazine*, *Huffington Post* e o *Guardian*. O símbolo do protesto, as imagens de uma jovem iraniana chamada Neda sangrando até a morte, foram capturadas por duas pessoas com câmeras de celulares e postadas no *YouTube* (CNN, 2009, online).

CAPÍTULO 4

As experiências em Jornalismo 3G no portal clicRBS

“Eu não tinha cabo, eu não tinha impedimento nenhum. Eu consegui me virar, enquanto, os outros não.”

[Rafael Soares]⁷⁸

4.1 Contextualização do Objeto: portal clicRBS

O clicRBS é um portal de internet pertencente ao Grupo RBS. Integram o clicRBS os sites dos veículos de mídia impressa e eletrônica do grupo RBS como os jornais impresso Zero Hora, Diário Gaúcho, Pioneiro, Diário Catarinense; as rádios Atlântida FM, Gaúcha AM/FM, Cidade FM, Farroupilha AM; e as emissoras RBS TV, Canal Rural e TVCOM.

O clicRBS também possui canais próprios de notícias e serviços, produzidos por profissionais de jornalismo e *webdesigners*, como o Comunidades, Blogs, Donna, Esportes, Games, Anonymus Gourmet, entre vários outros. No clicRBS, portanto, convergem conteúdos atualizados continuamente durante o dia com conteúdos de todos esses variados veículos que compõe o grupo. Através do portal o usuário participa da maior parte das ações de interatividade dos veículos.

A primeira idéia de criação de um portal integrado que unificasse as empresas do grupo surgiu no final de 1999. Nessa época, a RBS na mídia online se limitava ao website de caráter institucional da RBS TV e à Zero Hora Digital. Este segundo veículo transitava do webjornalismo de primeira geração para o de segunda geração, restringindo-se basicamente à transposição de boa parte do conteúdo da versão original impressa e a algumas poucas notícias produzidas especificamente para o suporte. Hoje, uma década depois, o clicRBS conta com uma infraestrutura dinâmica e auto-suficiente, desenvolvendo soluções específicas para o portal internamente. São servidores de *streaming*, de *webcast*, de aplicações, de banco de dados e das mais diversas funções (MOSIMANN, 2007, online).

A maior parte das estruturas físicas do grupo se concentra em um único grande centro, na cidade de Porto Alegre. Um andar inteiro é dedicado em específico à redação do clicRBS. Portanto boa parte da equipe responsável pela produção e publicação do material jornalístico para o clic encontra-se localizado

⁷⁸ Cf. Apêndice 2.

neste ambiente redacional fixo. Passados oito anos desde sua inauguração, em 2000, o clic deu início a mais um empreendimento de caráter tecnológico ao utilizar dispositivos móveis interligados com conexão 3G para a transmissão de vídeo ao vivo para o website clicRBS.com.

A introdução da mobilidade nas práticas jornalísticas tem permitido a emergência de novas práticas e novos modos de produção da informação jornalística dentro dos grandes veículos de imprensa. O jornalismo móvel, enquanto prática que viabiliza a cobertura de eventos diretamente do local de acontecimento ao mesmo tempo em que também permite a conexão 3G online do repórter em campo, é uma das manifestações mais recente da reconfiguração do jornalismo face o desenvolvimento das novas tecnologias de comunicação.

Em decorrência, várias das iniciativas encontradas pelo mundo e descritas anteriormente têm apontando para diversos usos e apropriações na esfera jornalística. Como puderam ser identificadas, estas adaptações e novas formas de lidar com as tecnologias e conexões móveis variam de acordo com as necessidades de cada empresa e as especificidades de cada meio em que elas atuam.

Com a possibilidade de publicação em múltiplas plataformas, são experiências geralmente realizadas para as mídias online, mas também, em escala menor, para as mídias televisivas ou mesmo em *cross-media*⁷⁹. De fato o Jornalismo 3G tem se destacado, sobretudo por lidar com uma tecnologia de última geração e possibilitar a convergência multimidiática em suportes como celular, *smartphones* e *notebooks*.

Anteriormente, um jornalista fazia-se acompanhar do seu equipamento básico. O jornalista de imprensa com um bloco de notas e caneta, o da rádio com microfone e gravador e o de televisão com câmara de vídeo. Hoje em dia, basta uma nova tecnologia de topo, como um telemóvel 3G, para fazer tudo isso (AROSO; CORREIA, 2007, online).

Na tentativa de compreender o impacto da comunicação móvel, em especial o 3G e os webjornais, sobre a produção jornalística, o recorte do corpus empírico ficou delimitado na pesquisa de um veículo de jornalismo que procedesse mediante

⁷⁹ *Cross-media* neste caso diz respeito à possibilidade de uma empresa distribuir a mesma informação simultaneamente em diferentes tipos de mídia, como TV e *online*.

estas tecnologias. O objetivo será analisar como a redação do Portal clicRBS tem se reestruturado frente ao surgimento de novas práticas que viabilizam uma produção de conteúdo online, em tempo real e multimídia descentralizado das estruturas fixas da empresa.

4.2 Processualidades da pesquisa empírica no portal clicRBS

Inicialmente trabalhou-se com o Jornal NH Online como objeto empírico de pesquisa. Desde maio de 2008, a empresa vinha investindo em transmissões de vídeo em tempo real diretamente para o site do Jornal NH Online com celulares de conexão 3G. A iniciativa foi pioneira no país nesta modalidade. Em julho de 2008 realizou-se a primeira aproximação efetiva com ida a campo em encontro realizado na sede do Grupo Sinos, Novo Hamburgo. Na ocasião, pôde-se coletar uma quantia significativa de dados referente às experiências na empresa.

Contudo, desde o início de 2009 o Jornal NH Online demonstrou certa desmotivação em relação a este novo tipo de jornalismo e não investiu mais em novas transmissões. Na mesma época, o portal de notícias clicRBS, pertencente ao Grupo RBS, colocou em prática a primeira experiência definitiva em jornalismo 3G. Por ser a segunda empresa jornalística gaúcha a experimentar transmissões ao vivo para a web com tecnologia 3G e também a única ainda em plena atividade, definiu-se o Portal clicRBS como objeto empírico da pesquisa desenvolvida para o PPGCCOM da Unisinos.

A partir disto, foram estabelecidos alguns problemas específicos de pesquisa decorrentes da problemática principal “O que muda na prática jornalística quando ele é produzido mediante plataformas móveis de conexão 3G como ferramenta de trabalho?”:

- Como o clicRBS está se apropriando das ferramentas móveis de conexão 3G na produção de conteúdo informativo?

- De que forma são produzidos estes conteúdos?

- Quais os critérios de noticiabilidade utilizados numa cobertura com 3G?

- O que a mobilidade pode alterar e/ou afetar nas rotinas produtivas do portal e valores/notícia?

Num segundo movimento, selecionou-se dentro do método qualitativo, de acordo com a natureza da pesquisa, a entrevista semi-estruturada como principal técnica para o estudo. Formuladas as questões norteadoras do estudo e definida a principal técnica, foram estabelecidas algumas aproximações através de buscas na web e contatos por e-mail com os editores responsáveis pelo projeto.

Em maio de 2009 realizou-se a ida a campo para a aplicação das entrevistas, com roteiro de perguntas previamente elaborado, com os dois editores do clicRBS, Fabiane Echel, editora geral, e Rafael Soares, editor multimídia. A entrevista⁸⁰ foi conduzida com perguntas do tipo aberta que ofereceram maior flexibilidade na obtenção de informações importantes mediante descrição verbal e contato presencial entre a entrevistadora e os dois entrevistados.

Com abordagem do tipo em profundidade, a entrevista abordou, dentre outras questões, os seguintes aspectos:

- como surgiu esta proposta.
- quais idéias iniciais até a primeira transmissão.
- como é feita a produção.
- quais os passos desde a concepção até a difusão da matéria.
- como se insere, ou não, dentro das rotinas produtivas.
- como são feitas as reuniões de pauta.
- quais as perspectivas futuras.

Nesse encontro foram utilizadas anotações e gravação digital no registro das entrevistas. De forma complementar a esse procedimento, também ocorreram conversas informais para a tomada de conhecimento da parte técnica envolvida na

⁸⁰ Cf. Apêndice 2.

produção jornalística do clicRBS e levantamento de dados (data/local/tema) sobre as transmissões ocorridas até o presente momento. Posteriormente, foram realizadas entrevistas pelo MSN⁸¹ com o jornalista Rafael Soares, igualmente semi-estruturadas.

4.3 “Quem sabe faz ao vivo”: análise descritiva do corpus obtido

Desde junho de 2008, após o advento das redes 3G no Rio Grande do Sul no final de 2007, a área multimídia do clicRBS vinha trabalhando na transmissões de eventos através de chamadas de vídeo. A idéia original, de acordo com Rafael (2009, online)⁸² “era fazer dois celulares ‘conversarem’, como uma chamada de uma pessoa para outra” só que, no caso, a câmera do celular seria apontada para o alvo a ser transmitido. No final de 2008 este sistema foi utilizado na transmissão de uma entrevista coletiva. Entretanto, a experiência não foi bem sucedida e a baixa qualidade do vídeo foi considerada imprópria pelos editores.

Esta proposta antiga da editora Fabiane Echel evoluiu no início de 2009 para a criação de um kit móvel de conexão 3G exclusivo para o Portal, que será denominado aqui de “Kit 3G”. Ao invés de um celular com conexão 3G, o grupo adaptou uma câmera de vídeo a um notebook Dell com modem 3G⁸³. Apesar de o equipamento representar um volume consideravelmente maior do que um telefone celular, o processo técnico ainda é simples: com uma câmera conectada ao computador portátil dentro de uma mochila nas costas, o repórter captura as imagens e as envia diretamente para o servidor de vídeos do clicRBS. Ocasionalmente, dependendo da necessidade, um microfone externo é acoplado ao kit.

⁸¹ Cf. Apêndice 3.

⁸² Cf. Anexo 1.

⁸³ O clicRBS tem trabalhado com o modem 3G de diversas empresas telefônicas sem se limitar à adoção de uma operadora específica, ao contrário da maioria dos projetos similares desenvolvidos nas empresas de jornalismo. A intenção é testar o modem que ofereça a melhor conexão.



Figura 22 - Kit 3G clicRBS: *notebook* Dell, câmera de vídeo Sony e modem 3G.
Fonte: reprodução.

Em janeiro de 2009 o grupo realizou a primeira transmissão efetiva, direto de Bento Gonçalves, com as integrantes do blog Clube da Bolinha⁸⁴ enquanto elas apresentavam o programa na Rádio Rural. O êxito desta primeira experiência e a abertura do Gauchão três dias depois motivou os editores do clicRBS a realizar uma nova transmissão ao vivo, direto do estádio Beira-Rio em Porto Alegre. A movimentação dos torcedores antes da partida foi transmitida por Rafael Soares e pelo repórter Juliano Schüller. Na ocasião, a equipe da televisão não teria condições de fazer a cobertura devido à impossibilidade de deslocamento da unidade.

Já no dia 26 do mesmo mês, a equipe do clicRBS foi surpreendida pelo incêndio da vila Chocolatão, no centro de Porto Alegre. Com o Kit 3G acomodado em uma mochila nas costas, Rafael Soares demorou apenas o tempo de montar o equipamento e chegar até o local. Com este equipamento, o jornalista conseguiu burlar o bloqueio, adentrar a Vila e capturar ao vivo as primeiras imagens do foco do incêndio, uma área até então de acesso restrito à imprensa. As cenas registradas renderam meia-hora de cobertura do evento diretamente para o site do clicRBS e também ao vivo para o canal TVCOM em *cross-media*⁸⁵.

⁸⁴ O Clube da Bolinha é um blog de abordagem feminina sobre o futebol publicado no portal clicRBS. Disponível em: <<http://www.kzuka.com.br/clubedabolinha>>.

⁸⁵ Cf. Anexo 2.

No dia 27 de janeiro a equipe de Jornalismo 3G voltou ao estádio Beira-Rio para a cobertura da apresentação de dois novos jogadores no clube de futebol Internacional. Com este vídeo ao vivo, o Portal obteve em torno de 12 mil acessos em pouco mais de uma hora de transmissão. As coberturas posteriores em sua maioria foram dedicadas aos eventos esportivos, a principal linha editorial do clicRBS, em especial aqueles envolvendo a dupla gaúcha de futebol Grêmio e Inter. A tabela a seguir sistematiza todas as transmissões feitas de janeiro a março de 2009:

Tabela 2 – Transmissões clicRBS

Transmissão	Data
1º Clube da Bolinha ao vivo de Bento	17/01/09
2º Abertura do Gauchão, inter x santa cruz no Beira-Rio	20/01/09
3º Incêndio na Vila Chocolatão	26/01/09
4ª Apresentação jogadores alecsandro/kleber no inter	27/01/09
5ª Apresentação jogador Herrera no Grêmio	30/01/09
6ª Sala de Redação velório Candido Norberto	02/02/09
7ª Lançamento camisetas 2009 inter	04/02/09
8ª Lançamento camisetas 2009 Grêmio	10/02/09
9ª Pré-jogo Grêmio x juventude	12/02/09
10ª Apresentação jogador Maxi Lopez no Grêmio	16/02/09

11ª Pré-jogo Grêmio x juventude	21/02/09
12ª Pré-jogo Grêmio x U. de chile	25/02/09
13ª Pré-jogo Grenal	01/03/09
14ª Seqüestro presidente Corsan	09/03/09
15ª Acidente na Protasio Alves	12/03/09
16ª Clube da bolinha no hotel da seleção	30 e 31/03

Fonte: clicRBS.

Semanalmente, às segundas-feiras, os editores da empresa realizam a reunião de pauta geral na qual decidem se haverá vídeos *off line* e/ou online nas edições da semana. O que define a produção ou não de vídeos ao vivo são critérios que dizem respeito à viabilidade técnica e ao potencial de audiência.

Em termos técnicos, as gravações são veiculadas em *Real-time Video Streaming*, uma tecnologia de transmissão de dados que possibilita a disponibilização pela Internet do vídeo que está sendo captado no local do acontecimento ao mesmo tempo em que é produzido. Ou seja, a informação é exibida ao usuário em *streaming*, na medida em que é recebida, combinada com a produção ao vivo. Até a introdução das redes 3G no Rio Grande do Sul, o clicRBS já contava com a transmissão de vídeos ao vivo para o Portal, como a previsão do tempo todas as quintas-feiras por Leo Kuhn direto da Rádio Gaúcha⁸⁶. Entretanto, esta produção não possui a mesma mobilidade que o Kit 3G propicia e se limita apenas às estruturas físicas da redação no prédio do Grupo RBS.

Sempre que houver uma transmissão ao vivo em andamento, uma chamada com destaque para o “AO VIVO” redigido em caixa alta deverá aparecer simultaneamente, indicando o acesso ao vídeo. O destaque em vermelho na figura abaixo ilustra o exemplo da cobertura ao vivo das preliminares para a partida final do gauchão, no Beira-Rio:

⁸⁶ A Radio Gaúcha é uma estação de radio também pertencente ao Grupo RBS.



Figura 23 - Chamada na capa informa sobre o transcorrer da transmissão ao vivo.
 Fonte: < <http://www.clicrbs.com.br/esportes> >.

Em abril de 2009 o clicRBS foi obrigado a descontinuar o projeto devido à problemas técnicos na câmera de vídeo que inviabilizaram o seu funcionamento. Neste meio tempo o *blog* Pré-Jogo, também pertencente ao portal clic, porém atualizado pela equipe da Zero Hora, estava realizando cobertura diária dos treinos da dupla Grêmio e Internacional. Desde então a ferramenta utilizada, o *Cover it Live*, tem possibilitado aos repórteres a atualização do blog diretamente do local onde ocorrem os treinos de futebol. O *Cover it Live* é uma solução gratuita desenvolvida para a cobertura ao vivo em weblogs. Inserido na página como um widget (uma espécie de janela), ele automatiza todo o processo com os horários corretos em cada linha de postagem, chat para a participação do público, arquivo de toda a narração e um sistema de busca interno. Com apenas um notebook, textos e imagens são enviados diretamente para o website do *blog* com esta ferramenta (ANEXO 3).

PRÉ-JOGO

Quinta-feira, 25 de fevereiro de 2010

Tarde de trabalho no Estádio Olímpico

O técnico Silas dá sequência à semana de trabalhos para a final do primeiro turno do Gauchão, no domingo, contra o Novo Hamburgo. Nesta quinta, a atividade do **Grêmio** começa às **16h**. O repórter do clicEsportes Juliano Schüller vai conferir a atividade postando informações e imagens direto do Estádio Olímpico (se o treino for aberto, claro).

Confira!

Grêmio treina na tarde de quinta

[Entradas adicionais] 16:04 - 18:32

18:37 @clicEsportesRS: #inter Inter lança jingle para a Libertadores 2010 <http://bit.ly/99aM6Y>

18:40

Perfil

O acompanhamento e a cobertura diária dos estádios da dupla Gre-Nal. Os repórteres do clicEsportes postam as informações sobre os treinos e conversam com os internautas.

E também as emoções, notícias e ambiental nos dias de grandes jogos: de Grêmio e Inter.

clic esportes

Receba as atualizações no seu e-mail:

Assine

TEMPO clicRBS

HOJE
Capão da Canoa

Sol e poucas nuvens

Umidade Rel. Ar: 48%

Figura 24 – Blog do Pré-Jogo e o Cover it Live.
Fonte: < <http://www.clicrbs.com.br/prejogo> >.

Em outubro de 2009 o clic reiniciou testes em jornalismo 3G, só que desta vez utilizando outras tecnologias. Ao invés de câmera de vídeo conectada a um *notebook*, optou-se por um aparelho Nokia de celular N95, conexão 3G e o *software Qik* para as transmissões em *live streaming*. Em novembro foi feita uma nova ida a campo para entrevista informal com Rafael Soares e conversas com outros jornalistas que se encontravam na redação do clicRBS

Na ocasião também foram realizados testes com o celular utilizado pelo site do *Qik*. O *Qik*, solução escolhida pelo portal, é um dos serviços mais populares de gravação e streaming de vídeo ao vivo, especializado em transmissões por celulares. Este software permite tanto que o vídeo seja produzido em tempo real e disponibilizado no mesmo instante no próprio site do clic quanto também *offline*, gravado sem ser imediatamente disponibilizando para que somente depois, ao chegar na redação, o repórter possa o publicar quando bem desejar. Neste segundo

4.4 Interpretação dos dados

Alguns aspectos na produção em Jornalismo 3G do clicRBS chamam a atenção para três reconfigurações importantes do jornalismo: 1) Novos usos e apropriação de dispositivos tecnológicos móveis na cobertura; 2) Convergência multimidiática; 3) Implicações nos processos de produção informativa e newsmaking – noticiabilidade.

Os novos usos e o emprego de dispositivos móveis no clicRBS revelam diferentes formas de lidar com o ambiente urbano e com a informação em tempo real. Agora a própria rua torna-se meio aonde a produção, edição e disseminação de conteúdo noticioso acontecem (MACHADO, 2003). A convergência multimidiática em apenas uma única plataforma móvel capaz de enviar imagem, som e texto diretamente para o ciberespaço possibilita o clicRBS chegar a lugares e de forma muito mais rápida que a própria televisão. Se antes o olho eletrônico televisivo chegava aonde o olho humano não podia chegar (ALSINA, 1989), agora pode-se dizer que o olho digital móvel do Kit 3G formado por equipamentos capacitados com câmeras de vídeo chega aonde o olho eletrônico convencional não consegue chegar.

O caso do incêndio na Vila Chocolate exemplifica bem esta possibilidade técnica viabilizada pelas tecnologias móveis. Durante esta cobertura, as emissoras de televisão foram impedidas de entrar no local do incêndio e apenas o jornalista Rafael Soares do clicRBS conseguiu gravar imagens ao vivo diretas do local: “Eu não tinha cabo, eu não tinha impedimento nenhum. Eu consegui me virar, enquanto, os outros não”.

O que para a televisão se torna evento de difícil cobertura, para um “Repórter 3G” pode ser muito mais prático. Dispositivos móveis de comunicação como os usados pelo Grupo, e principalmente os celulares, estão se aproximando do que Weiser propunha já em 1994 como a mídia ideal de comunicação. Sua presença passa a ser cada vez menos percebida, tornando-se praticamente “invisível” pelo uso.

Uma boa ferramenta é uma ferramenta invisível. Por invisível, eu quero dizer que a ferramenta não intervém na nossa consciência; você se concentra na tarefa, não na ferramenta. Óculos são boas ferramentas – você olha para o mundo e não para os óculos⁸⁷ (WEISER, 1994).

Desta forma o jornalista conseguiu entrar no local juntamente com uma família de moradores da vila sem que pudesse ser notada a presença do Kit 3G carregado dentro da mochila. A racionalização do tempo assim como a presença quase “invisível” do Kit 3G, também coloca esta tecnologia um passo a frente da mídia televisiva. Enquanto a produção televisiva demanda certo tempo para realizar uma transmissão ao vivo, com o deslocamento de aparelhos volumosos e uma equipe numerosa, a transmissão do clicRBS demora em média no máximo entre 10 a 15 minutos para ir ao ar. A equipe para este tipo de produção é consideravelmente menor – no mínimo um profissional realizando a cobertura em campo, outro profissional para a sincronia da transmissão diretamente para o Portal e mais um para acompanhar a qualidade da transmissão.

Em outros casos, como o a cobertura da apresentação dos jogadores do Internacional no estádio Beira Rio, a equipe de televisão do Grupo RBS não pode descolar uma unidade inteira para o local. Geralmente, este tipo de cobertura se adapta melhor à rádio, no entanto sem a possibilidade de oferecer aos ouvintes as imagens do evento. Nestas qualidades de transmissões, como a cobertura pré-jogo, o Jornalismo 3G do clicRBS transmite o que a TV não pode e a imagem que falta para a rádio.

A mesma característica que conferiu maior furtividade ao repórter do clicRBS foi responsável por surpreender doze políticos do Congresso americano em 2008 com a transmissão ao vivo do local após o fim da sessão oficial. Na ocasião já não havia mais repórteres com câmeras e parafernalias tradicionais que chamam a atenção principalmente pelas suas dimensões. Entretanto, com apenas um celular Nokia N95 e um aplicativo para publicação de streaming em tempo real na internet, o republicano John Culberson assumiu a posição de repórter e transmitiu a

⁸⁷ Tradução feita pela autora. “A good tool is an invisible tool. By invisible, I mean that the tool does not intrude on your consciousness; you focus on the task, not the tool. Eyeglasses are a good tool -- you look at the world, not the eyeglasses.”

discussão sobre políticas de energia entre os congressistas que permaneceram no local sem que eles pudessem notar.

Para Braiker (2008, online), em matéria publicada na *Newsweek* esclarecendo o ocorrido, os celulares estão se tornando verdadeiras estações móveis televisivas e é apenas questão de tempo para que todos estejam carregando o que ele chama de “estúdio de televisão portátil”. Em casos como o ocorrido no Congresso fica implícito um exercício de vigília sem, no entanto, que esta seja a função primária do dispositivo telefônico celular – simples comunicação e registro visual. Este é um aspecto diversificado da vigilância urbana contemporânea, exercida direta ou indiretamente, permeando diversas práticas e processos cujos propósitos e funções são variados. (BRUNO, 2008).

Em 2006, imagens gravadas contendo a execução de Saddam Hussein já alertavam para esta potencial característica dos dispositivos móveis, em especial os celulares. Em menos de 24 horas após o enforcamento do ex-ditador circulava pela internet o vídeo de pouco mais de dois minutos capturado por um dos guardas no seu telefone móvel sem que ninguém no local pudesse perceber. No jornalismo praticado em especial pelas empresas de comunicação, esta prática inaugura novas discussões para se pensar dilemas éticos, assim como as câmeras ocultas no jornalismo televisivo, uma vez que o repórter do clicRBS negligenciou a ordem de autoridades para entrada no local. O fato de o equipamento não possuir impedimentos, como cabos, e passar despercebido por assumir a característica de “invisibilidade”, não justifica o não cumprimento de uma ordem legal.

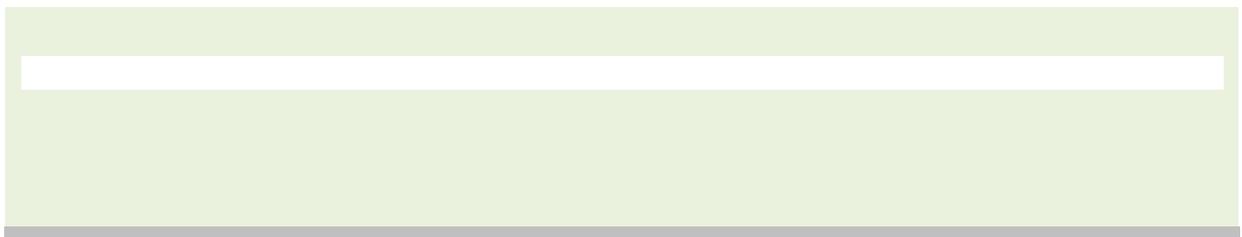




Figura 26 – Imagens da execução de Saddam Hussein.

Fonte: < <http://www.youtube.com/watch?v=AfJrZSRj-fE> >.

Outras reconfigurações da produção jornalística dizem respeito ao espaço de atuação do profissional e a sua relação com o tempo real de transmissão e recepção da informação. São as redes comunicacionais digitais móveis determinantes na concretização do tempo real.

O Jornalismo 3G do clic tem sido tanto um aliado na busca pela inovação tecnológica quanto na possibilidade de *streaming* de vídeos em tempo real, diretamente do local do acontecimento, em tentativa de domínio dos aspectos espaço-temporais. A presença *in loco*, com o profissional trabalhando desde a apuração, edição e publicação da notícia, passa a refletir sobre alguns dos valores/notícia. Com uma maior flexibilidade no exercício do jornalismo, coberturas de eventos que antes não estavam nos critérios do clicRBS agora recebem outros valores/notícia, caso do incêndio na Vila Chocolate.

Entretanto algumas dificuldades técnicas inviabilizam determinadas transmissões realizadas pelo portal. A falta de cobertura em alguns pontos de Porto Alegre e a instabilidade das redes 3G, com cortes súbitos da conexão, ainda limitam a atuação nesta área. As qualidades gráficas da imagem também ainda não superaram a imagem televisiva. De todo modo, este novo tipo de jornalismo,

praticado com a disponibilidade de ferramentas móveis e conexões móveis, já aponta para reconfigurações não só no modo de produção da informação na mídia online, mas também na função até então exercida pelas outras mídias, como a televisão. Assim como o jornal impresso diário vem sofrendo reconfigurações no conteúdo em decorrência do webjornalismo, é provável que, com a consolidação do jornalismo 3G e o *streaming* de vídeo em tempo real, a televisão passe também a sofrer um mesmo tipo de reconfiguração quanto ao formato.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Provavelmente o mais significativo avanço das comunicações desde a invenção dos tipos móveis, a internet não só influenciou interação diária entre as pessoas, mas também tem remodelando a prática e até mesmo a própria definição de jornalismo. Por outro lado, não é simplesmente a difusão de informação através da internet o motor da mudança, e sim a base de avanços computacionais que têm proporcionando uma nova dimensão à comunicação, desafiando velhas suposições, implicando em novas formas de os jornalistas relatarem os fatos.

A crescente adoção das tecnologias móveis da comunicação não apenas estão transformando a maneira como é recebida a informação, mas também a maneira como as produzir, relatar e disseminar nos mais variados suportes a partir de apenas uma única plataforma portátil e multimidiática. Nos capítulos anteriores foram demonstradas as novas relações entre o jornalismo, o tempo e o espaço, enquanto fatores intrínsecos à produção de conteúdo com a utilização de ferramentas móveis de conexão sem fio (em especial a 3G) nos processos de produtivos de variadas empresas no mundo e no Brasil. São com estas duas variáveis, tempo e espaço, que “a informação jornalística se alicerça na sociedade urbana e industrial” (MEDINA, 1978, p.15).

As tecnologias de comunicação como computadores e internet, propiciam hoje um maior controle sobre o aspecto temporal dentro das rotinas numa empresa jornalística e os dispositivos móveis convergentes parecem exercer um domínio ainda maior sobre o aspecto temporal, invertendo, subvertendo ou intensificando algumas noções de valores/notícia.

São estas tecnologias também os agentes principais intensificadores de um processo em que o momento, o aqui e agora, passam a ser/valores notícia. Estas são qualidades dos acontecimentos ou da sua construção jornalística que operam de maneira peculiar quando se fala da introdução de novas técnicas e tecnologias na produção da notícia.

Um maior domínio sobre o espaço viabilizado pelos aparelhos móveis como ferramentas de produção da notícia podem influenciar na hierarquização dos valores/notícia mediante a distribuição de um espaço que, com a mobilidade, a portabilidade e a conexão com o ciberespaço, possibilitam um novo tipo de experiência em relação ao espaço urbano. A compressão do espaço, o maior

alcance geográfico e o ambiente urbano como redação móvel noticiosa acrescentam outras perspectivas aos processos produtivos e abrem novas visibilidades para se repensar o *newsmaking* em tempos de mobilidade das redes.

Nota-se uma tendência na exploração do uso desse tipo de tecnologia focada para a produção de conteúdo em plataformas diversas, como internet, TV e impresso. Ainda assim, a mídia online parece ser a que mais se beneficia, sobretudo, do maior alcance espacial e das transmissões em tempo real para a internet. Ainda assim, dependerá essencialmente do tipo de uso dado pelo jornalista/organização à plataforma escolhida, bem como a consideração de qual forma mais adequada para contar uma história, ao invés de simplesmente adaptar conteúdos produzidos de um meio para outro.

Baseado nos conceitos trabalhados durante o primeiro capítulo, e com base na pesquisa empírica, estipulou-se um quadro de aplicações das terminologias no jornalismo móvel da seguinte maneira:

Tabela 3 – Definições do jornalismo na era da mobilidade e exemplificação.

	Breve definição	Exemplos
Jornalismo móvel eletrônico	Utiliza equipamentos e recursos eletrônicos móveis, incluindo celulares analógicos, com algum sistema de conexão ou envio de informação.	Computadores portáteis na década de 80 com transmissão via modem acústico; cobertura móvel ao vivo nas rádios com celulares, nos anos 90; contato do repórter por celular com a redação.
Jornalismo móvel digital ou multimídia	Emprega tecnologia digital móvel para todo e qualquer procedimento jornalístico (captura, processamento ou	Projetos de jornalismo participativo como o <i>eyeMobile</i> da CBS e <i>iReport</i> da CNN; <i>MoJo's</i>

	disseminação) que implica no tratamento da informação (texto, áudio, vídeo, imagem) em forma de <i>bits</i> .	e <i>backpack journalists</i> como Kevin Sites.
Ciberjornalismo móvel	Envolve tecnologias que utilizam o ciberespaço.	Consulta a um banco de dados em um <i>palmtop</i> para elaboração da matéria.
Jornalismo móvel online e jornalismo 3G	Produção jornalística com tecnologias de transmissão de dados em redes móveis e em tempo real.	Band Repórter Celular, clicRBS, <i>Al Jazeera Mobile Reporter</i> , Extra Reporter 3G, etc.
Webjornalismo móvel	Jornalismo feito para mídias móveis como celulares e <i>smartphones</i> . Diz respeito à utilização da <i>mobile web</i> , como suporte para publicação de conteúdo.	Os periódicos de domínio <i>.mobi</i> . Globo.mobi,, Terra Celular, entre vários outros portais móveis.

Fonte: elaboração própria.

Vídeos de curta duração filmados por um telefone móvel 3G parecem capturar um aspecto da história que tende a funcionar bem com o caráter fragmentário da mídia online. Para a TV, o quesito “ao vivo”, considerado aspecto de relativa importância pelas emissoras, ganha um aliado na captura mais rápida e ágil do que uma equipe tradicional televisiva. Os webjornais com serviços de live streaming, como o próprio caso do clicRBS e a cobertura do incêndio na vila Chocolate, significariam uma ameaça à televisão tradicional? Ao menos são estes fatores, ligados aos aspectos espaço-temporais e que garantem maior velocidade na transmissão, que fazem atualmente o valor comercial da informação. Segundo

Ramonet, o elemento decisivo no valor de uma determinada informação está centrado na rapidez de difusão dela.

Ora, a “boa rapidez, agora é a instantaneidade que, é claro, para a qualidade é um critério perigoso. Entretanto, etimologicamente, o termo “jornalista” significa exatamente “analista de um dia”. Supõe-se portanto que ele analisa o que se passou no próprio dia, ainda que deva ser muito rápido para consegui-lo! Mas hoje, com a transmissão direta, e em tempo real, é o instante que é preciso analisar. A instantaneidade tornou-se o ritmo normal da informação. Portanto, um jornalista deveria chamar-se “instantaneísta”, ou um “imediatista”. (RAMONET, 1999, p. 74)

Para o jornalista e sociólogo, o grande problema na extrema velocidade entre o evento e seu relato pelo jornalista reside na falta de distanciamento na medida indispensável para que seja feita uma análise, antes de tudo mais. Ao contrário, o profissional de jornalismo contemporâneo tem se dissolvido, tornado um simples vínculo, como se fosse um fio (ironicamente, justo no momento em que se vislumbram as conexões sem fio na produção da informação) que conectasse o fato em ocorrência diretamente com sua difusão.

Outras questões sobre a qualidade da informação, levando adiante o pensamento de Ramonet para além dos critérios de verdade, como questões gráficas que dizem respeito à qualidade audiovisual do material ainda precisam ser mais bem estudadas e exploradas. De fato, numa era em que os usuários estão acostumados com vídeos de baixas qualidades, como os assistidos diariamente nos canais do *YouTube*, incitam a pensar no que de fato passa a ser determinante na escolha do que é ou não informação de valor jornalístico. Se por um lado subentende-se que a informação em si passa a ter maior importância do que sua forma expressa, por outro, verifica-se o privilégio à fragmentação, instantaneidade e heterogeneidade com ênfase no processo ao invés do desempenho do objeto final.

Além disso, é de grande importância repensar as implicações destas introduções tecnológicas nas linguagens de outros meios. Novos índices relacionais são estabelecidos não apenas para nossos sentidos peculiares, as extensões dos nossos sentidos conforme McLuhan, mas também na medida em que as variadas mídias passam a se inter-relacionar. “O rádio alterou a forma das histórias noticiosas, bem como a imagem fílmica, com o advento do sonoro. A televisão provocou

mudanças drásticas na programação do rádio e na forma das radionovelas.” (MCLUHAN, 1964, p. 72). Gradim corrobora a idéia de McLuhan ao afirmar que com

a convergência, estas novidades introduzidas pelo jornalismo multimídia acabarão inevitavelmente por contaminar a linguagem dos outros meios. É difícil, pois, prever o futuro dos gêneros num quadro marcado pela generalização de tais práticas e linguagens, essencialmente porque este é um caminho ainda em pleno experimentalismo, e que se fará ao andar. (GRADIM, 2002, online).

Pensar a mobilidade ainda como propiciadora de outros padrões de coleta, produção, disseminação e recepção da informação, é também confrontar a situação atual da grande mídia que, segundo Castells, se trata de “um sistema de comunicação de mão-única” (1999, p. 359). Em um primeiro momento, as tecnologias móveis aliadas à participação de sujeitos na construção da informação jornalística parece romper com o clássico fluxo de informação emissor-receptor, explorando os recursos potenciais de interatividade entre os dois elementos do processo de comunicação em sua plenitude, aproximando-se cada vez mais com a comunicação real.

Quando isso ocorre, os papéis tradicionalmente estabelecidos tendem a se diluir, complexificando as relações entre emissor e receptor, tornando a fronteira entre essas duas variáveis cada vez mais tênue. Neste sentido, a popularidade e onipresença dos aparelhos móveis como celulares agem de forma intensificadora deste fenômeno. Nas mãos de transeuntes, indivíduos nômades, o celular desempenha um papel estratégico para a grande mídia que se apropria do material gerado pelo receptor, agora também emissor. O poder de flagra contido nas imagens do dia 07 de julho é algo de exclusividade nômade capturada pelos celulares com câmeras digitais. Jamais poderiam ser obtidos pela mídia convencional, a não ser que um repórter por acaso estivesse no local dos atentados.

Em acontecimentos como o acima citado, as qualidades gráficas das imagens foram postas em um segundo plano dado o *timing* com que chegou aos olhos do mundo e o flagra nela contido. O mesmo ocorre nos casos do conflito na Faixa de Gaza e os protestos no Irã. Impedida de realizar cobertura, a mídia internacional não teve outro modo de obter informação e conteúdo se não mediante a colaboração por celulares e outras ferramentas tecnológicas.

A produção participativa e o jornalismo móvel revelam novas possibilidades estratégicas para a rede informativa dos jornais, conceito cunhado por Tuchman (1983), para explicar como as empresas jornalísticas tentam impor ordem no espaço dentro dos seus processos produtivos. Face às imprevisibilidades, os meios de informação dividem, então, o mundo em áreas de responsabilidade territorial, ou seja, questões concernentes ao deslocamento dos repórteres e a localização do acontecimento. É neste momento que emerge o potencial do aparelho de telefone celular portado pelas pessoas no espaço urbano. Desta maneira as empresas de jornalismo conseguem um domínio ainda maior na cobertura dos eventos a partir do momento em que estes cidadãos passam a estar conectados, direta ou indiretamente, a esta rede informativa, como no caso da *BBC News* e a solicitação de imagens e relatos do atentado. Ou mesmo o *New York Times* e o *Guardian* em busca de material na cobertura dos acontecimentos no Irã.

REFERÊNCIAS

ABRIL, Gonzalo. *Cortar y pegar, La fragmentación visual em los orígenes del texto informativo*. Madrid: Cátedra, 2003.

ALLVOICES.COM. *The Events in Gaza*. Disponível em: <<http://www.allvoices.com/contributed-news/2122268-the-events-in-gaza>>. Acesso em 23 mai. 2009.

ALSINA, Miguel Rodrigo. *La construcción de la noticia*. Barcelona: Paidós, 1989.

ALVES, Rosental Calmon. *Jornalismo Digital: Dez anos de web...e a revolução continua. Comunicação e Sociedade*. Vol. 9-10, 2006, p. 93-102. Disponível em: <http://revcom.portcom.intercom.org.br/index.php/cs_um/article/viewPDFInterstitial/4751/4465>. Acesso em 02 ago. 2009.

ANATEL - Agência Nacional de Telecomunicação. *Relatório de Acessos Móveis em Operação e Densidade por UF*. 2010. Disponível em: <<http://sistemas.anatel.gov.br/SMP/Administracao/consulta/AcessosMoveisOpDensidade/tela.asp>>. Acesso em 30 jan. 2010.

AROSO, Inês; CORREIA, Frederico. A Internet e os novos papéis do jornalista e do cidadão. *Revista Eletrônica Temática*. n.7, 2007. Disponível em: <<http://www.insite.pro.br/2007/35.pdf>>. Acesso em 14 jul. 2009.

AUCHARD, Eric; CAREW, Sinead. Google entra no mercado de telefonia móvel. In: *Reuters Brasil*. San Francisco/Nova York. Disponível em: <<http://br.reuters.com/article/internetNews/idBRN0635265020071106?pageNumber=1>>. Acesso em 08 nov. 2007.

BAHIA, Juarez. *Jornal, história e técnica*. Vol. 2. Ática, 1990, p. 38

BALDESSAR, Maria José. Jornalismo e tecnologia pioneirismo e contradições. Um breve relato da chegada da informatização nas redações catarinenses. *3º Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho*. Novo Hamburgo, 2005.

BAND. Band repórter celular: acidente no centro de SP. Reportagem. 2008. Disponível em <<http://band.com.br/conteudo.asp?ID=79599>>. Acesso em 94 ago. 2008.

BARBOSA, SUZANA. *Modelo JDBD e o ciberjornalismo de quarta geração*. Grupo de Pesquisa em Jornalismo On-line, FACOM-UFBA. Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/JOL/pdf/2008_Barbosa_RedUCMx.pdf>. Acesso em 08 nov. 2009.

BARROS FILHO, Clóvis. *Ética na Comunicação: da informação ao receptor*. São Paulo: Moderna, 1995.

BASHEER, Muhammad. Mobile Reporter. *Al Jazeera Labs*. 30 dez. 2009. Disponível em: <<http://labs.aljazeera.net/services/mobile-reporter>>. Acesso em 21 jan. 2010.

BASTOS, Helder. VÍDEO: Helder Bastos explica o que é Jornalismo 3G. *I Congresso Internacional de Ciberjornalismo*. 2008. Universidade do Porto. Disponível em: <<http://blogciber.wordpress.com/2008/12/11/video-helder-bastos-explica-o-que-e-jornalismo-3g/>>. Acesso em 14 jul. 2009.

BIANCO, Neila del. Radiojornalismo em mutação era digital. In: *XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Porto Alegre: Intercom, 2004. p. 87.

BLOG DO EDITOR. Letícia no Locast. *clicRBS*. 28 jan. 2010. Disponível em: <<http://wp.clicrbs.com.br/editor/2010/01/28/leticia-no-locast/?topo=77,1,1>>. Acesso em 02 fev. 2010.

BOLTER, David; GRUSIN, Richard. *Remediation*. Understanding New Media. Cambridge Mass.: MIT Press, 1999.

BRAGINSKI, Ricardo. Celulares, los suportes Del periodismo digital móvil. In: *Periodistas online*. Buenos Aires, Argentina, 2004. Disponível em: <http://www.periodistaonline.com.ar/uvirtual/uvir06_072004.htm>. Acesso em: 23 out. 2007.

BRAIKER, Brian. Live From Your Phone - Broadcasting video direct from your cell. *Newsweek*. 06 ago. 2008. Disponível em: <<http://www.newsweek.com/id/151139>>. Acesso em 27 ago. 2008.

BRAMBILLA, Ana Maria. *A reconfiguração do jornalismo através do modelo open source*. Porto Alegre, 2005. Disponível em: <<http://www6.ufrgs.br/limc/PDFs/reconfig.pdf>>. Acesso em 10 set. 2007.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. *Uma história social da mídia: de Gutenberg à internet*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2004. 377 p.

BRIGGS, Mark. Journalism 2.0. How to Survive and Thrive. A digital literacy guide for the information age. *J-Lab*. 2007. Disponível em: <http://www.j-lab.org/Journalism_20.pdf>. Acesso em 18 out. 2007.

BRUNO, Fernanda. Controle, flagrante e prazer: regimes escópicos e atencionais da vigilância nas cidades. *Revista FAMECOS*, nº 37. Porto Alegre, dezembro de 2008. p. 45-53.

CANAVILHAS, João Messias. A internet como Memória. *UBI/BOCC*, 2004. Disponível em: < <http://www.bocc.uff.br/pag/canavilhas-joao-internet-como-memoria.pdf> >. Acesso em 27 set. 2009.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. A era da informação: economia, sociedade e cultura ;v.1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTELLS, Manuel. *A galáxia da internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CASTELLS, Manuel; FERNÁNDEZ-ARDEVOL, Mireia; QIU, Jack Linchua; SEY, Araba. *The Mobile Communication Society: A cross-cultural analysis of available evidence on the social uses of wireless communication technology*. Los Angeles: Annenberg School for Communication, University of Southern California, 2004. Disponível em: < <http://arnic.info/workshop04/MCS.pdf> >. Acesso em 23 set. 2009.

CELLAN-JONES, Rory. News from a Mobile. *BBCNews.com*. 15 fev. 2008. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/blogs/technology/2008/02/news_from_a_mobile.html>. Acesso em 20 set. 2009.

CELLAN-JONES, Rory. The era of the Mobile Reporter. *BBCNews.com*. 11 jun. 2009. Disponível em: < http://www.bbc.co.uk/blogs/bbcinternet/2009/06/mobile_day_rory_cellanjones_on.html >. Acesso em 20 set. 2009.

CNN. Death Of Neda Video Becomes Symbol of Iranian Protests. *YouTube*. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=yjBKHkoDgCM>>. Acesso em 02 jul. 2009.

COSTA, Cíntia. *O celular com câmera e o fotojornalismo: uma análise do papel do aparelho dentro do jornalismo nos dias de hoje*. 2007. Monografia enviada por e-mail. Recebido em 29 abril 2008.

COSTA, Luciano Martins. Vem aí a nuvem da imprensa móvel. In: *Observatório da imprensa*. 2003. Artigo disponível em: <<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/sai260820031.htm>>. Acesso em 02 nov. 2007.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3. ed., rev. e ampl Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. 2128 p.

FERREIRA, Gisele Sayeg. Convergências e divergências em uma RadCom na web. In: *IV ComCult - Cultura da Imagem (CISC)*. São Paulo, 2008. Disponível:

<<http://www.scribd.com/doc/11470887/Convergencias-e-divergencias-em-uma-RadCom-na-web-CISC2008>>. Acesso em 02 nov. 2009.

FIDLER, Roger. *Mediamorphosis*. Thousand Oaks, Ca: Understanding New Media Pine Forge Press. 1997.

FIGUEIREDO, Carlos Maurício; NAKAMURA, Eduardo. Computação Móvel. Novas Oportunidades e Novos Desafios. In: *T&C Amazônia*, 2003.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. *A atualidade no Jornalismo*. 2000. Artigo disponível em: < http://www.facom.ufba.br/pos/compos_gtjornalismo/doc/2000/franciscato2000.doc >. Acesso em 26 jul. 2008.

FORSBERG, Kerstin. Mobile newsmaking. In: *Paper in informatics*, paper 9, dez. 2001

FOUCAULT, Michel. Outros espaços. In: MOTTA, M. B. (org.). *Ditos & Escritos*, vol. III. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

FRAGOSO, Suely Espaço, Ciberespaço, Hiperespaço. In: *Textos de Comunicação e Cultura*, n. 42, UFBa, 2000, p. 105-113. Disponível em: < <http://www.midiadigitais.org/2000/01/espaco-ciberespaco-hiperespaco/> >. Acesso em 18 set. 2008.

GRADIM, Anabela. *Os gêneros e a Convergência: o jornalista multimídia do século XXI*, 2002. Disponível em: < <http://www.labcom.ubi.pt/.../gradim-anabela-generos-convergencia.pdf> >. Acesso em 20 dez. 2009.

GRUPO SINOS. Homepage institucional do Grupo Sinos. Disponível em: < <http://www.gruposinos.com.br/> >. Acesso em 31 dez. 2008.

GRUPO SINOS inova com jornalismo móvel pela internet. Notícia publicada no Jornal ABC. 01 jun. 2008. p. 25.

GUNTHERT, André. *La Conquête de L'instantané*. Archéologie de l'imaginaire photographique en France (1841-1895). 1999. 373 f. Tese (Doutorado em História da Arte) – École des hautes études en sciences sociales (EHESS), França. Disponível em: < <http://www.lhivic.org/info/recherches/la-conquete-de-linstantane> >. Acesso em: 13 jul. 2009.

HAMILTON, Fernando Arteché. *Caiu na rede é notícia*. Uma análise sociológica do Webjornalismo. 2002. Dissertação de mestrado recebida por correio eletrônico em 05 jan. 2010.

HARVEY, David. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. 16 ed. São Paulo: Loyola, 2007.

HAWKING, Stephen. *Uma breve história do tempo: do big bang aos buracos negros*. 8. Ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

HEATWOLE, Anne-Ryan. Voices of Africa: Citizen Journalists Reporting with Mobile Phones. In: *MobileActive.org*, 11 nov. 2009. Disponível em: < <http://mobileactive.org/voices-africa-citizen-journalists-africa-use-mobile-phones-report-their-communities> >. Acesso em 14 dez. 2009.

HENN, Ronaldo. *Pauta e notícia: uma abordagem semiótica*. Canoas: ULBRA, 1996.

LAGE, Nilson. *Ideologia e técnica da notícia*. Petrópolis: Vozes, 1979.

LEMOS, André. *Cibercultura e mobilidade: A era da conexão*. Salvador, 2005. Disponível em: < <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R1465-1.pdf> >. Acesso em 09 nov. 2007.

LEMOS, André. *Cidade e Mobilidade*. Telefones Celulares, Funções pós-massivas e territórios informacionais. Matrizes, v. 1, p. 121-138, 2007a.

LEMOS, André. *Comunicação e práticas sociais no espaço urbano: as características dos Dispositivos Híbridos Móveis de Conexão Multiredes (DHMCM)*. São Paulo. 2007b. Artigo disponível em: < <http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/DHMCM.pdf> >. Acesso em 19 set. 2007.

LEMOS, André. *Ciberespaço e Tecnologias Móveis: Processos de Territorialização e Desterritorialização na Cibercultura*. Porto Alegre. 2007. Artigo disponível em: < <http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/territorio.pdf> >. Acesso em 09 nov. 2007c.

LEMOS, A. L. M. Nova Esfera Conversacional. In: *Carnet de Notes*, 2009. Disponível em <<http://www.andrelemos.info/artigos/NovaEsferaConversacional.pdf>>. Acesso em 12 dez. 2009

LÉVY, Pierre. A Revolução contemporânea em matéria de comunicação. In: MARTINS, F. M.; SILVA, J. M. (org.). *Para navegar no século XXI*. Porto Alegre: Sulina; Edipucrs, 1999a. p. 195-216.

LÉVY, Piérre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999b.

LOCAST. Website do projeto Locast. 2009. Disponível em: < <http://www.locast.mit.edu> >. Acesso em 03 jan. 2010.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo. *Pesquisa em comunicação*. 8. ed. São Paulo: Loyola, 2005. 171 p.

LUFT, Oliver. Reuters conducts mobile experiment to 'transform the way journalists file news'. *Journalism.co.uk*, 23 out. 2007. Disponível em: < <http://www.journalism.co.uk/staging/2/articles/530670.php> >. Acesso em 06 mai. 2008.

LYYTINEN, Kalle; YOO, Youngjin. *The Next Wave of Nomadic Computing: A Research Agenda for Information Systems Research*. 2001. Cleveland. Paper disponível em: < <http://sprouts.case.edu/2001/010301.pdf> >. Acesso em 08 mai. 2008.

MACHADO, Arlindo. *A arte do vídeo*. São Paulo: Ed. Brasiliense. 1995.

MACHADO, Elias. *La estructura de la noticia em las redes digitales*. Um estúdio de las consecuencias de las metamorfosis tecnológicas em el periodismo. Tese de doutorado. 2000. Disponível em: < http://tede.ibict.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=171 > . Acesso em 15 jan. 2009.

MACHADO, Elias. *O ciberespaço como fonte para os jornalistas*. Salvador, BA: Editora Calandra, 2003. 183p.

AMÉRICO, Marcos; MAGNONI, Antônio Francisco. O uso de dispositivos móveis para o ensino de jornalismo. In: *10º Encontro Nacional de Professores de Jornalismo*, 2007. Disponível em: < <http://www.fnpj.org.br/soac/ocs/viewpaper.php?id=16&cf=1> >. Acesso em 25 set. 2007.

MALLMANN, Andréia Denise. O fluxo das Informações Jornalísticas no Tempo-Espaço das Mídias Digitais/Online. In: *Intercom*: Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: < <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R2035-1.pdf> >. Acesso em 03 out. 2009.

MANTOVANI, Camila Maciel Campolina Alves. Telefonia Celular: Informação e Comunicação em Novo Espaço de Fluxos. In: *CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO*, 28., 2005. Rio de Janeiro. Artigo disponível em: < <http://reposcom.portcom.intercom.org.br/bitstream/1904/16845/1/R2607-1.pdf> >. Acesso em 19 set. 2007.

MARCHEZAN, Isabel. Nova geração de celular sai do forno. *Zero Hora*, 23 de Outubro de 2007. p. 18.

MARTIGNONI, Robert; STANOEVSKA-SLABEVA, Katarina. Mobile Web 2.0. In: *20th Bled eConference eMergence: Solvenia, 2007*. Disponível em: < <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.86.6777&rep=rep1&type=pdf> >. Acesso em 03 out. 2009.

MATEUS, Geraldo Robson; LOUREIRO, Antônio Alfredo. Introdução à Computação Móvel. In: *11a Escola de Computação*, COPPE/Sistemas: NCE/UFRJ, 1998. Disponível em: < http://homepages.dcc.ufmg.br/~loureiro/cm/docs/cm_livro_1e.pdf >. Acesso em 16 jan. 2010.

MCLUHAN, Marchal. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix, 1964. 407p

MCLUHAN, Marchal. *Contraexplosión*. Buenos Aires: Paidós, 1969.

MEDEIROS, Marcelo. Celular é caminho para fim da exclusão digital, segundo o Fórum Econômico Mundial. In: *Observatório do direito à comunicação*, 28 jan. 2010. Disponível em: < http://www.direitoacomunicacao.org.br/content.php?option=com_content&task=view&id=6085 >. Acesso em 30 jan. 2010.

MEDINA, Cremilda de Araujo. *Notícia: um produto à venda*. Jornalismo a sociedade urbana e industrial. 6. ed. São Paulo: Summus editorial, 1978.

MELO, José Marques de. *A opinião no jornalismo brasileiro*. 2. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1994. 208 p.

MIELNICZUK, Luciana. Sistematizando alguns conceitos de jornalismo na web. In: MACHADO, Elias; PALACIOS, Marcos (orgs). *Modelos de jornalismo digital*. Salvador: Calandra, 2003.

MIELNICZUK, Luiana. Webjornalismo de Terceira Geração. Continuidades e rupturas no jornalismo desenvolvido para a web. In: *XXVII INTERCOM*: Porto Alegre, 2004. Disponível em: < <http://galaxy.intercom.org.br:8180/dspace/bitstream/1904/17332/1/R0816-1.pdf> >. Acesso em 16 jan. 2009.

MORETZSOHN, S. *Jornalismo em "tempo real": o fetiche da velocidade*. Rio de Janeiro: Revan, 2002. 189 p.

MOSIMANN, Rogério de Souza. *Implicações da Internet nos Jornais e a Presença da RBS na Web*. 257 f. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Pós-Graduação em Geografia, UFSC, Florianópolis, 2007. Disponível em: < <http://www.floripaadventure.com/internet/> >. Acesso em 03 out. 2009.

MOURA, Athos; CASTRO, Juliana; CAZES, Leonardo. Repórter 3G: trabalho multimídia direto da rua. *Blog Amanhã no Globo*, 29 abril 2009. Disponível em: < http://oglobo.globo.com/blogs/amanhanoglobo/post.asp?t=reporter-3g-trabalho-multimidia-direto-da-rua&cod_post=181559 >. Acesso em 05 out. 2009.

MYRON, Chuck. Journalism From Inside a Car. In: *Mediabistro.com*, 11 jan. 2007. Disponível em: < <http://www.mediabistro.com/articles/cache/a9435.asp> >. Acesso em 26 out. 2007.

NELSON, Ted. A File Structure for the Complex, the changing and the indeterminate. In: *ACM National Conference*, Aug. 1965. Disponível em: < <http://www.scribd.com/doc/454074/A-File-Structure-for-the-Complex-The-Changing-And-the-Indeterminate> >. Acesso em 26 set. 2009.

PALÁCIOS, Marcos. Ruptura, continuidade e potencialização no jornalismo on-line: o lugar da memória. In: MACHADO, Elias; PALACIOS, Marcos (org.). *Modelos de Jornalismo Digital*. Salvador: Edições GJOL, 2003, p. 13- 36.

PALÁCIOS, Marcos; MUNHOZ, Paulo. Fotografia, blogs e jornalismo na Internet: oposições, apropriações e simbioses. In: Barbosa, Suzana. (Org.). *O jornalismo digital de terceira geração*. Covilhã: LaBcOM bOOKS, 2007, p. 57-77.

PAVLIK, John. *El periodismom y los nuevos medios de comunicación*. Barcelona: Paidós, 2005. 351 p.

PRIMO, Alex. A emergência das comunidades virtuais. In: *Intercom - XX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, Santos, 1997. Disponível em: < http://www.pesquisando.atraves-da.net/comunidades_virtuais.pdf >. Acesso em 23 dez. 2009.

PRIMO, Alex; TRÄSEL, Marcelo. Webjornalismo participativo e a produção aberta de notícias. In: *VIII Congresso Latino-americano de Pesquisadores da Comunicação*, 2006, São Leopoldo. Anais, 2006. Disponível em: < <http://www.scribd.com/doc/230636/Webjornalismo-participativo-e-a-producao-aberta-de-noticias> >. Acesso em 23 dez. 2009.

QUINN, Stephan. *MoJo - Mobile Journalism in the Asian region*. Singapura: Konrad-Adenauer-Stiftung, 2009. Disponível em: <http://www.kas.de/wf/doc/kas_18599-544-1-30.pdf>. Acesso em 21 jan. 2010.

RAMONET, Ignácio. *A tirania da comunicação*. Petrópolis: Vozes, 1999. 141 p.

REBELO, José. Prolegómenos à Narrativa Mediática do Acontecimento. In: *Trajeto - Revista de Comunicação, Cultura e Educação*, Lisboa, n. 8-9, p. 17-27, 2006.

REUTERS mobile journalism. *Reuters*. 2007. Disponível em: <<http://reutersmojo.com>>. Acesso em 08 nov. 2007.

RHEINGOLD, Howard., *Smart Mobs. The next social revolution.*, Perseus Publishing, 2003.

RIZZINI, Carlos. *O jornalismo antes da tipografia*. São Paulo: Nacional, 1977. 204 p.

SANTAELLA, Lucia. *Linguagens líquidas na era da mobilidade*. São Paulo: Paulus, 2007.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço*. 2. ed. São Paulo: HUCITEC, 1996.

SANTOS, Milton. *Técnica, espaço, tempo: Globalização e meio técnico-científico informacional*. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1997. 190 p.

SCHLESINGER, Philip. Os jornalistas e a sua máquina do tempo. In: TRAQUINA, N. (org.). *Jornalismo: questões, teorias e "estórias"*. Lisboa: Veja Ltda, 1993, p.177-190.

SCHNEIDER, Henrik. The reporting móbile. A new Plataform for citzizen media. In: NYÍRI, K. (org.). *Mobile Studies. Paradigms and perspectives*. Vienna: Passagen Verlag, 1997, p. 159-197

SEIXAS, Lia. Gêneros jornalísticos digitais: critérios para definir os produtos do webjornalismo. In: MACHADO, Elias; PALACIOS, Marcos (org.). *Modelos de Jornalismo Digital*. Salvador: Edições GJOL, 2003, p. 77-100.

SILVA, Adriana de Souza e. *Interfaces móveis de comunicação e subjetividade contemporânea: de ambientes de multiusuários como espaços (virtuais) a espaços (híbridos) como ambientes de multiusuários*. Rio de Janeiro, 2004. Tese (Doutorado) UFRJ/CFCH/ECO. Disponível em: < http://www.souzaesilva.com/Tese_SouzaeSilva161004.pdf >. Acesso em 06 set. 2007.

SILVA, Adriana de Souza e. Do ciber ao híbrido: tecnologias móveis como interfaces de espaços híbridos. ARAUJO, Denize Correa (org.). *Imagens (Ir) realidade: comunicação e cibernmídia*. Porto Alegre: Sulina, 2006, p. 21-51.

SILVA, Fernando Firmino da. Tecnologias móveis na produção jornalística: do circuito alternativo ao mainstream. In: *V Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo*. Aracaju, 2007. Disponível em: < <http://fernando.milanni.googlepages.com/FernandoFirminodaSilvaTecnologiasMve.pdf> >. Acesso em 03 mai, 2008.

SILVA, Fernando Firmino da. Jornalismo reconfigurado: tecnologias móveis e conexões sem fio na reportagem de campo. In: *Intercom*. Natal, RN: 2008. Disponível em < <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0652-1.pdf> >. Acesso em 20 abril 2008.

SILVA, Fernando Firmino da. Jornalismo e tecnologias portáteis na cultura da mobilidade: Tipologias para pensar o cenário. In: *VII Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo - SBPJor*, São Paulo, 2009. Disponível em: < http://sbpjor.kamotini.kinghost.net/sbpjor/admjor/arquivos/fernando_firmino_da_silva.pdf >. Acesso em 03 jan. 2010.

SILVA JR., José Afonso da. A relação das interfaces enquanto mediadoras de conteúdo do jornalismo contemporâneo. Agências de notícias como estudo de caso. In: *XI Encontro Anual da Compós*. Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: < <http://www.bocc.ubi.pt/pag/junior-jose-afonso-interfaces-mediadoras.pdf> >. Acesso em 16 jan. 2009.

SIPIORA, Philip; BAUMLIN, James. *Rhetoric and Kairos: Essays in History, Theory, and Praxis*. Albany: State University of New York Press, 2002. Disponível em: < <http://books.google.com.br/books?id=XZ6r7ozilPMC&printsec=frontcover#v=onepage&q=&f=false> >. Acesso em 03 out. 2009.

SOARES, Rafael. Quem sabe faz ao vivo. *Blog.com.editor*, Porto Alegre, jan. 2009. Disponível em: < <http://www.clicrbs.com.br/editor> >. Acesso em: 15 jul. 2009.

SOUZA, Leandro; TORRES, Sara; JAMBEIRO, Othon. Cidade, Tecnologia e Cultura: o serviço de telefonia móvel e a mudança da interação social na sociedade brasileira contemporânea. In: *Intercom*: São Paulo, 2005. Disponível em: <<http://www.cesnors.ufsm.br/professores/chmoraes/comunicacao-digital/04cidtec-cul.pdf>>. Acesso em: 04 out. 2007.

STEVENSON, Nick. *Culturas mediáticas, teoria social y comunicación masiva*. Buenos Aires: Amorrortu, 1998.

TIME. *The Best Photos of the Year 2005*. 2005. Disponível em: < <http://www.time.com/time/yip/2005/> >. Acesso em: 17 de Nov. 2007.

TRAVANCAS, Isabel Siqueira. *O mundo dos jornalistas*. São Paulo: Summus, 1993. 114 p.

TUCHMAN, Gaye. *Producción de la noticia: studio sobre la construcción de la realidad*. Barcelona: Gustavo Gili, 1983.

UNIVERSIDADES e RBS lançam projeto inédito de jornalismo local. *Zero Hora Online*. 22 nov. 2009. Disponível em: < <http://zerohora.clicrbs.com.br/zerohora/jsp/default2.jsp?uf=1&local=1&source=a2724751.xml&template=3898.dwt&edition=13572§ion=1003> >. Acesso em 02 fev. 2010.

VIANNA, Ruth Penha Alves. *A informatização da imprensa brasileira*. São Paulo: Loyola, 1992. 169 p.

VIDEO SHOW. Vídeo Show mostra os bastidores do RJTV Móvel [Globo] by:Igor. *YouTube*. Rio de Janeiro: 30 set. 2009. Disponível em: < <http://www.youtube.com/watch?v=88CaeSD-sjM> >. Acesso em 20 out. 2009.

VIRILIO, Paul. *A arte do motor*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996. 134p

VIRILIO, Paul. O resto do tempo. In: MARTINS, F. M.; SILVA, J. M. (org.). *Para navegar no século XXI*. Porto Alegre: Sulina; Edipucrs, 1999. p. 113-118.

WEISER, Mark. *The Computer for the 21st Century*. Xerox Palo Alto Research Center. 1991. Disponível em: <http://www.media.mit.edu/resenv/classes/MAS961/readings/weiser_reprint.pdf>. Acesso em 08 maio 2008.

WEISER, Mark. The World is not a Desktop. In: *The ACM Digital Library*. 1994. Disponível em: < <http://portal.acm.org/citation.cfm?id=174801>>. Acesso em: 15 jul. 2009.

WIENER, Norbert. *Cibernética ou Controle e Comunicação no Animal e na Máquina*. São Paulo: Polígono: EDUSP, 1970. 257p.

KONDOR, Zsuzsanna. The Mobile Image: Experience on the Move. In: NYÍRI, Kristtóf (ed.). *Mobile Studies: Paradigms and Perspectives*. Vienna: Passagen Verlag, 2007. p. 25-33.

WOLF, Mauro. *Teorias da comunicação*. 5. ed Lisboa: Presença, 1999. 271 p.

YOU REPORTER. Plataforma de jornalismo participativo. 2010. Disponível em: < <http://www.youreporter.it> >. Acesso em 02 jan. 2010.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 – ENTREVISTA JORNAL NH – 2008

Transcrição da entrevista com Fernando Alberto Gusmão, diretor executivo do Grupo Sinos. 09 de julho de 2008 - Grupo Sinos, Novo Hamburgo.⁸⁸

Quais as funções que desempenha no Grupo Sinos?

Eu sou diretor executivo e atualmente estou trabalhando exclusivamente com a área de TI que envolve os provedores Sinosnet (provedor de acesso residencial) e o Sinoscorp (provedor de acesso corporativo). Fora isso também há a área de sistema que desenvolve soluções para a empresa. Também sou coordenador do projeto de jornalismo móvel. A partir de dados que a gente acabou recebendo do meio, pois eu fui a campo pesquisar o que estava acontecendo em feiras e outros jornais também, nós iniciamos esse projeto.

Poderia me dizer, então, quais as principais motivação na implementação do projeto?

Foi com o surgimento do móvel tool kit da Reuters. Isso foi uma novidade, nós estamos falando aqui de coisas de nem um ano. Nós já tivemos acesso à informação de que a Reuters estaria trabalhando com jornalismo móvel desde o final de 2007. Olhamos com um a certa curiosidade, por que a partir da li essa coisa ia vim e não ia mais voltar. Mas como no Brasil ainda, principalmente aqui na região, nós não tínhamos 3g, nós não tínhamos esse equipamento, não dava ainda para sonhar em ter algo efetivamente palpável na mão. Então como a coisa foi evoluindo e aqui no sul recentemente recebeu essa planta de 3G e não são todos os municípios (no caso a gente ta trabalhando com a claro aqui) eu acho que são no máximo oito municípios próximos à região metropolitana que tem acesso ao 3G. E mesmo aqui em Novo Hamburgo tem bairros que eu não consigo pegar o 3G. É limitado isso então tem que cuidar. Mas o equipamento como trabalha também com WI-FI tu pode estar próximo também a um hotspot. Então nós podemos estar em gramado, por exemplo, que não tem o 3G mas próximo a um hotspot utilizando a estruturada de internet. Porque o *software* e o telefone são flexíveis ao ponto de

⁸⁸ Entrevista transcrita na íntegra.

selecionar que tecnologia tu quer utilizar. Então voltando a tua pergunta, a motivação justamente foi essa, foi a novidade foi aquela vontade de conhecer uma ferramenta totalmente móvel que tu possa operar em qualquer condição, de dia ou de noite, longe da redação, e que possa ser imediata, instantânea. Que tu possa publicar exatamente naquele momento. Esse *software* permite que tu grave em tempo real e já ponha no site e também permite que eu grave e não disponibilize esse tempo real e que depois eu chegar na redação eu posso colocar ele quando eu quiser.

Como é exatamente o nome do *software*? Quais as especificidades dele?

Qik. É um *software* americano que a empresa ta baseada na Califórnia. Nós pesquisamos aqui outras soluções mas o Qik me pareceu mais inteligente de todas inclusive com a melhor qualidade. Não é a mesma solução que a Reuters usa até porque a Reuters desenvolveu uma parceria com uma empresa, essa empresa nós mantivemos contato, mas eles não tem esse *software*, porque é propriedade da Reuters (vamos dizer assim), eles tem uma outra solução, eu testei essa solução e não me agradou muito. As pessoas também que participaram do projeto também acharam que a qualidade do Qik em termos de vídeo, em termos de resposta, é melhor do que os outros.

Vocês não pretendem no futuro desenvolver um *software* específico dentro da própria empresa?

Nós estamos trabalhando já para isso. Já estamos iniciando esse trabalho e por ser uma coisa nova as pessoas também tem que entender o que a empresa quer, quais são as necessidades, e entender essas tecnologias e desenvolver o aplicativo para isso. É claro que tem como eu te falei, nós encontramos mais de 10 soluções prontas pra isso mas não aquela ainda desenhada pra ti, que é aquilo específico pra ti. Então o Qik pra mim foi o *software* que mais se aproximou.

Poderia falar um pouco das técnicas que vocês utilizam?

O kit da Reuters. É composto pelo celular (Nokia N95) tripé, carregador solar, microfone e o teclado. Eu ainda estou para adquirir o teclado. A solução do tripé a gente foi tentar encontrar uma aqui no local que possa trabalhar com ele no caso.

Mas por enquanto todas foram feitas utilizando manualmente segurando na mão. O microfone nós utilizamos o microfone que vem junto com ele, o acoplado.

E como ficou o áudio?

Ficou boa. Tanto é que qualquer pessoa pode acessar o site e ver a qualidade. Dá para desenvolver um melhor, a gente também tem a idéia de desenvolver um melhor porque esse da Nokia é muito pequeno, é menor do que uma caixa de fósforos. Então pra tu segurar ele é muito leve. A idéia também é desenvolver algo mais robusto que te dê condições assim de fazer uma boa entrevista.

A periodicidade que vocês têm utilizado por enquanto?

Foram três vezes até agora. Não há por enquanto uma periodicidade, até porque só há um equipamento na empresa. Nós estamos também num processo cultural aqui de integrar redação. Essa cultura politicamente já acontece, nós já temos hoje as redações, só que por uma questão de negócios elas estão separadas no momento. Então tem redação online num lugar, redação impressa no outro. Nos próximos meses todas vão estar no mesmo ambiente. E com isso também o pessoal vai estar habilitado e mais envolvido a trabalhar com mais recursos multimídia. Então hoje temos um equipamento, não há uma periodicidade “vamos fazer um vídeo por dia, vamos fazer um vídeo por semana”, não há. O que eu tenho particularmente mantido é a cada quinze dias é fazer algum vídeo. Tanto é que na semana que vem a gente deve fazer esse das eleições.

No caso no site tem vídeo, tem um parágrafo que vocês utilizam de introdução.

Como vocês enviam essas informações?

Não é pelo celular por enquanto, isso é pré-elaborado. Por exemplo, nós fizemos a primeira matéria que foi sobre a previsão do tempo na cidade e a gente já tinha o entrevistado, já sabia do tema, enfim, então se desenvolveu um texto inicial, dizendo que daqui a alguns momentos, naquele dia, iria ocorrer uma transmissão com o fulano de tal falando sobre isso. Depois da entrevista nós fizemos uma outra matéria que ele falou das condições do tempo que era propício pra neve, utilizando esse vídeo. Então não foi utilizado texto para enviar.

Vocês pretendem depois com o teclado direto do local enviar?

Sim, textos curtos, porque o teclado do Nokia ele não é muito amigável. Ele é mais para um torpedo. A nossa visão é que com um teclado que trabalha com Bluetooth tu consiga trabalhar mais confortavelmente pra fazer um texto e mandar pra empresa, pra redação.

Quais seriam os retornos que o jornal já pode vislumbrar até então desde a implementação desta prática?

Tem um primeiro retorno que é o reconhecimento da comunidade em relação ao pioneirismo. O grupo dos sinos sempre foi tradicional na área, na questão de off-set nos anos 60, depois na eliminação do fotolito nos anos 80, mais recentemente nós adquirimos o CTP (computer to play) ou seja tu grava direto do computador para a chapa, ou seja, tu elimina o processo do filme 100% porque vai direto para a chapa, ou do intermediário que seria um papel, no caso no lugar do filme que seria o original, então tu manda isso direto para a chapa. E nós somos pioneiros a nível de Brasil, na indústria de Jornal, neste quesito, vamos dizer assim, só não fomos pioneiros no Brasil inteiro porque já tinha uma editora que fazia livros. Agora de jornal, o grupo do sinos foi pioneiro.

Então a comunidade viu isso, a gente recebeu muito elogio, o pessoal ligando, mandando e-mail e o segundo retorno claro que foi a visitação daquilo que foi visto. Aquele vídeo ali foi visto por mais de 300 pessoas. Então acaba gerando também um conteúdo rico pra ti e conseqüentemente audiência. Retorno financeiro praticamente nenhum teve. Nós não estamos comercializando este espaço, mas talvez venhamos a fazer isso no futuro. “A transmissão tal vai ter o patrocínio de tal operadora ou de tal fabricante de celular”. Mas imediatamente foi isso. E claro, a questão de tu ta assim com a coisa acontecendo naquele exato momento, pô o jornal NH estava naquele fato e possibilitou que todos os usuários da internet no site do NH pudesse ver aquele vídeo. Então foi assim uma coisa muito interessante, muito positiva, muito gratificante pra nós.

Quantos profissionais estão envolvidos?

Basicamente nós temos cinco pessoas. Eu, duas pessoas na área de sistemas, uma trabalhou bem especificamente para entender o script, como era a questão de colocar isso na página, entender como era o fluxo do processo todo através do qik já o outro trabalhou mais na parte de design da página, e duas pessoas na redação: o

repórter que fez, e o próprio diretor de conteúdos multimídia que participou de todo o processo também. Nós olhamos juntos as soluções, avaliamos o que era mais importante.

Esse repórter é do impresso ou do online?

Ele é do impresso hoje, mas ele desenvolve também matérias para o online. É o João Ávila.

O que essa prática tem modificado nas rotinas?

Na rotina produtiva não se pode falar porque ainda não virou uma rotina. É uma coisa muito insipiente esta recém começando, todas as transmissões são negociadas, ou seja, aconteceu um evento agora eles não tão ainda ligados “vamos levar o celular pro centro ou pra esse evento e fazer cobertura”, por enquanto é tudo programado. Mas agora a idéia é, nós ainda estamos na fase de ajustes, experimental. Uma vez que o *software* qik esteja ok, a banda 3g ta estável, então nós vamos investir agora e adquirir mais equipamentos para o pessoal poder sair a rua. Não sei quantos equipamentos serão, mas certamente não vai ser um pra cada um. Mas dois ou três equipamentos a gente terá aqui em Novo Hamburgo pra fazer esse tipo jornalismo. Também temos que ter o critério de seleção, não vai ser qualquer evento tu vai sair transmitindo ao vivo.

Vocês pretendem então no futuro disponibilizar esses aparelhos para um número maior de repórteres e enviar às ruas?

Em alguns meses sim, aí vai entrar com pauta, a matéria vai ter foto, vídeo, além do texto,. Então essa busca da integração que é uma novidade para todos da empresa, a redação multimídia onde toda a concentração de conteúdo passa a ser gerido e produzido por essa equipe toda.

Por enquanto quais critérios de noticiabilidade vocês tem utilizado?

A primeira foi a do tempo, a segunda reportagem foi mais para manter a questão do pioneirismo. O pessoal ligou perguntando quando teria a próxima, ficaram curiosos. Pensamos em transmitir um programa da rádio um programa bem descolado. Tanto é que durante o programa teve várias ligações pra rádio, o pessoal tava ligando elogiando, “bah, legal, nós estamos te vendo aqui na rádio!”. Então houve uma

interatividade maior também em relação com isso. O terceiro foi durante um evento realizado num hotel de novo Hamburgo no dia dos mídias. Então pra fechar essa apresentação eu falei sobre o 3g e fiz lá pra eles uma transmissão em tempo real. Então eles também ficaram bem surpresos aonde a coisa estava chegando. E o interessante foi que originalmente foi que essa apresentação estava sendo prevista para outro local em novo Hamburgo e eu tinha que ver se o 3g estava funcionando bem lá. E não estava. E hotel deles não tinha a infra-estrutura wi-fi. Então eu acabei vetando a apresentação naquele hotel e fomos para hotel aonde possuía wi-fi. Esse seria também um critério.

Quais as principais dificuldades? Então seria essa?

É, eu diria que é essa. E como eu te falei esse *software* te permite que tu abra uma conexão ao vivo, pra isso tu tem que ter uma coordenação (sincronização) importante com a redação. As três vezes que nós fizemos eu particularmente estava em contato com a coordenação da redação enquanto a pessoa estava filmando. Porque quando é uma transmissão ao vivo, tu tem que disponibilizar naquele momento o script da tela aonde vai aparecer. Então tu não pode abrir muito antes, nem muito depois. Tem que ser praticamente junto. Tanto é que se tu olhares o primeiro vídeo que nós fizemos, o João ficou filmando a rua até ter o retorno. Porque tem um delay de uns 10 segundos, desde o início da transmissão até o retorno.

Então sobre o 3g, nem todos os bairros em Novo Hamburgo tem cobertura. Por exemplo eu posso ir no centro, o centro pega 3g, mas se eu me enclausurar num prédio, talvez o sinal do 3g já não vai passar ali. Então qual seria a solução que nós estamos vendo também: esse telefone, ele pode gravar vídeo. Mas é uma coisa nativa, que vem no aparelho. Então eu gravo o vídeo, eu não perco aquele momento jornalístico, posso transmitir ele por 3g ou posso vir até a redação descarregar ele. O equipamento em si não me deixaria na mão. A grande sacada porém é o tempo real. Depende do evento, do editor, da pauta, eu posso gravar ao vivo, gravo em tempo real mando para o servidor, mas ele não é disponibilizado em tempo real. Ao chegar na redação tu tem acesso a tua página, tu te loga nela e daí tu libera aquele vídeo para o público. Tu pode editar ele, mas é muito complexo pois tem que converter uma vez que o formato é em flash. Nós não editamos nenhum vídeo até agora, tanto é que não aplicamos nenhuma legenda do entrevistado ou algum logo do grupo.

O Qik possibilita que tu ponha um título para o teu trabalho junto a esse vídeo. Mas esse título tu só vai ver ele na página do próprio fabricante. Agora tu botar o título fundido na imagem ele por enquanto não faz isso.

Vocês pretendem trabalhar isso só com a mídia online ou também com a mídia impressa?

Não, a gente tem a visão de atender num todo, tanto é que essa primeira matéria que foi feita já serviu de conteúdo para o jornal. O assunto daquele dia foi o tempo, estava propício a neve, tanto é que nós cogitamos fazer a entrevista na estação climatológica para ser uma coisa mais ambientada. Só que lá não tem sinal 3g. Então nós tivemos de trazer o entrevistado mais próximo do centro, onde pegava o sinal, onde tu vê as pessoas ali com casacos, com gorro, com luva, nós filmamos inclusive o termômetro para mostrar a baixa temperatura que tinha naquele dia. Então nós buscamos alguns artifícios pra criar uma ambientação. Tudo ainda tem a ver com a questão do local aonde pega o sinal.

A gente está prevendo a aquisição de novos aparelhos, o pessoal que vai operar tem que ter uma noção de operar isso, então não é só dar o celular na mão.

O pessoal recebeu algum treinamento?

O João não recebeu. Mas eu expliquei pra ele rapidamente as funções, o que ele fazia para ele entender o processo todo, foi uma novidade pra ele e também se sentiu muito orgulhoso de ser a pessoa eleita na empresa pra fazer essa transmissão.

Por enquanto vocês fazem uma reunião de pauta?

A gente faz uma reunião informal entre duas pessoas, por mim e o Nelson Ferrão que é o diretor de conteúdos multimídias, então a gente troca uma idéia.

Como tu imaginas depois quando os repórteres tiverem seus celulares e saírem nas ruas? Como serão tratadas as pautas?

Eu acredito assim como nós temos reunião de pauta diariamente na empresa aonde é verificado os principais acontecimentos, ali a gente estipula se vamos ter vídeo ou não. Até porque, o pessoal do online já produz vídeo hoje offline. Eles gravam em máquinas digitais em mini dv (quatro) e alguns fotógrafos do impresso gravam na

própria máquina digital, no cartão. Então nós temos duas fontes de entrada hoje. Esses vídeos são editados, com legendas e aberturas, nós temos uma área chamada de videocast. Por exemplo recentemente nós tivemos um casamento entre duas meninas. Fizemos uma cobertura no jornal e fizemos uma cobertura multimídia. Não foi feito em tempo real. A cobertura foi feita no cartório. Foi presenciado o ato da união estável. O vídeo, o assunto, nós monitoramos as matérias mais lidas, e essa foi uma das mais lidas. E o vídeo também foi um dos mais acessados. Não foi previsto um vídeo ao vivo.

Nós temos outros vídeos aí que a gente andou fazendo sobre a questão da enchente, acidente de trânsito, flagras do cotidiano, nós estamos trabalhando exatamente com jornalismo local e é isso que cada vez mais as pessoas tem buscado acesso. Nós temos feito esse registro e essa questão do vídeo em si não é novo para nós na empresa, só que o celular agora é bem a possibilidade do ao vivo, se eu fizer ele offline eu vou me igualar ao mini dv ou uma câmera digital. O diferencial é o ao vivo. Porque uma câmera de mini dv hoje ela é pequena compacta, com bateria, a fita é limitada, no celular ou na câmera digital tu vai ter o cartão limitado, no caso do 3g eu não fiz mais do que 20 minutos de transmissão, mas eu já vi transmissão de uma hora e meia. É só ter bateria no celular e tocar. Na máquina digital tu tem que ter cartão disponível, porque vídeo consome memória de cartão e bateria.

Vocês pensam em trabalhar somente com o celular como dispositivo móvel ou também com notebooks?

Nós já trabalhamos com notebooks numa pequena escala dependendo do evento, por exemplo, feiras. A gente fez umas coberturas aqui na área do calçado e feiras em São Paulo, feiras em gramado. Dependendo, nós tivemos alguns eventos em Novo Hamburgo que foram feitos em lugares públicos se utilizou o note inclusive com a tecnologia 3g com cartão transmitindo o texto em tempo real pra cá. Então sim, o notebook faz parte de tudo isso, eu acho que tu tem várias ferramentas ou várias armas pra tu enfrentar determinada luta. Então se de repente eu vou à câmera de vereadores hoje à tarde, eu sei que lá tem um computador pra eu utilizar que tem acesso a internet. Eu preciso levar um 3g? Eu preciso levar um note? Acho que não. Eu preciso levar uma digital, descarrego direto de lá. Agora não, nós vamos fazer uma cobertura de um acidente que deu agora. Pô, melhor coisa tu pega

o celular e vai. Celular tu transmite pra rádio, inclusive isso é uma coisa que nós estamos integrando também é o conteúdo redacional da rádio, tu transmite pra rádio.

APÊNDICE 2 – ENTREVISTA CLICRBS – 2009

Transcrição da entrevista com o editor de multimídia do clicRBS, Rafael Soares.

27 de maio de 2009 - Grupo RBS, Porto Alegre.⁸⁹

Como é feito o preparo do equipamento para sair à campo?

Eu coloco ele (se referindo ao notebook) na mochila. Ele vai assim né, vai ficar conectado aqui. Daí eu configuro para a tampa não desligar ele. Pego, boto ele aqui dentro, sai o cabo daqui – pena que eu não estou com ele aqui para te mostrar... Vamos supor que este cabo saia daqui ó, fica uma pontinha para fora. E essa pontinha eu ligo na câmera ali do lado. Claro, ela é curtinha, dá só o comprimento do braço até as costas. E dá para fazer bem tranqüilo. Único porém é se cai a conexão.

Já aconteceu disso, uma transmissão ao vivo em que o sinal caiu?

Já. A grande limitação desse sistema ainda é esse. Na teoria ele funciona perfeitamente. Grande limitação desse sistema é essa cara aqui (apontando para o modem 3G). Porque é uma coisa razoavelmente nova aqui. Eles não te garantem velocidade, tanto de download quanto de upload, enfim. A conexão é instável. Tu tá em alguns lugares onde tem muito tráfego de celulares e ele dá problema. Por exemplo, alguns dias em que a gente foi fazer essas coberturas dos estádios aqui, como é muita gente usando celular as estações sobrecarregam. O que acontece? As estações de celular elas funcionam assim, elas dão prioridade para transmissão de voz do que de dados. Então tem um monte de gente ligando ao mesmo tempo, eles vão derrubar a minha conexão para dar prioridade a deles. Então essa é a limitação básica por enquanto. No momento em que a gente, daqui a um ano, dois, três ou cinco, tiver uma conexão violenta, a televisão vai ter problemas. Ou não...

Talvez vá ter que se readaptar?

É, porque o que acontece: quando a gente foi fazer esse tipo de coisa aqui pela primeira vez, que foi em janeiro, um dia depois do “Chocolatão”, teve uma apresentação dos jogadores do inter no beira rio e o pessoal da televisão não ia ter

⁸⁹ Entrevista transcrita na íntegra.

condições de fazer porque eles não tinham como deslocar a unidade. Teria que levar uma van, tem toda uma função, não é tão simples assim, eles levam um certo tempo, mesmo que já tenham os equipamentos todos nas mãos. Então desde “ok” até a hora da transmissão tem muita gente envolvida, muito equipamento envolvido, tem que ligar muita coisa... Até fazer funcionar leva tempo. Nós não! Nós levamos o tempo de ligar os equipamentos, conseguir estabelecer a conexão, ela estabilizar e fazer esta “conversa” aqui. Que também leva 10 15 minutos, mas que não é tanto quanto a TV. Se nós tivéssemos uma dedicação integral com um profissional fazendo só isso agora neste momento, eu acho que questão de 10 ou 15 minutos está no ar, isto contanto desde a hora do “ok” (o “vamos fazer”), até aparecer a imagem. Claro que não com a mesma qualidade da TV. Eles têm várias câmeras, nós temos uma; eles têm qualidade de imagem, nós não. Mas talvez daqui a dois, três ou cinco anos a gente tenha uma conexão muito boa aqui a gente pode melhorar o equipamento, a gente pode melhorar nossos recursos...e a gente continua com essa mesma mobilidade. Então a gente já teve aqui o Gerson da TVCOM, o Renato da RBSTV...eles já nos procuraram para saber “como é que vocês fazem isso? A gente quer saber, a quer usar, a gente quer tentar...”. Só que ainda é um pouco complicado para eles, eles não têm condição agora de colocar isso no ar. A não ser que tenha um caso como aquele lá (se referindo ao incêndio na vila Chocolatão). Eles (se referindo às equipes de emissoras de televisão) realmente não conseguiram entrar no local... só eu, porque eu não tinha nada. Eu não tinha cabo, eu não tinha impedimento nenhum. Eu consegui me virar, enquanto, os outros não. Inclusive a brigada não deixou eu entrar. Eu quando cheguei, desci do taxi e lá liguei o equipamento todo, encontrei uns moradores. Comecei a conversar com eles e disse “olha, eu queria chegar lá”. Daí me disseram que eu não ia conseguir porque a brigada não estava deixando passar. Então eles me sugeriram fazer o seguinte: dar a volta por traz de onde ficava a entrada da imprensa e entrar junto com os moradores, claro eu estava só com uma mochila, e fui bem devagarzinho, entrei no meio dos casebres, passei no meio de umas toras queimadas.

Uma coisa que o pessoal da TV jamais iria conseguir...

Jamais. Então tem isso, tem o pró e tem o contra. Tem o lado bom e tem o lado ruim. Então tudo uma questão de, quem sabe daqui um tempo, com a coisa melhorando, tu consegue fazer “chover”.

A primeira experiência de fato foi com o Clube da Bolinha, certo?

Isto, em 17 de janeiro.

E como foi esta experiência?

A gente já estava fazendo alguns testes aqui dentro a tempo. A gente vem desde junho de 2008 fazendo estes testes. A gente conseguiu fazer antes disso, claro, algumas transmissões, mas não era numa qualidade que a gente tivesse confiança. O próprio caso da bolinha foi uma experimentação do tipo “vamos ver se dá”. Como elas conseguiram um sinal estável, era um ambiente bom, uma sala fechada, com luz boa, sem nenhuma interferência externa, ficou uma imagem boa o suficiente para ser colocada no ar. Só que de novo, ainda estamos longe do ideal. Isso foi uma coisa de urgência. “Tá acontecendo, então vamos lá.”, “tá funcionando? Tá funcionando, então vamos lá”. E a gente começou. O clic tem uma característica diferente, ele não tem o *hardnews*, ele não é uma coisa de instantaneidade, a não ser a área de esportes. E aí sim né, a gente vai fazer a apresentação dos jogadores, ambientar os estádios que tem jogos importantes. Esse tipo de coisa nos interessa. E até porque é a nossa linha editorial. A gente poderia, digamos, estar todo o dia na rua, fazendo qualquer coisa. Fazendo desde uma batida de carro aqui na esquina até um seqüestro do governador no Piratini. Mas daí não é a nossa aplicação por enquanto. A gente ta focado no esporte, até por uma característica do veículo. E tentando ainda ver formas de melhorar mais. Porque como eu te disse, nos últimos meses a gente tem experimentado mais problemas. A gente tem visto que o sinal cai, que ta lento...agora, porquê? “Ene” motivos, pode ser as estações de celular, pode ser alguma interferência de momento, pode ser alguma coisa que em algum dos estádios em que a gente está que foi instalada e que está interferindo no sinal. Então a gente sofre muito com isso. Não é uma coisa garantida que vai estar sempre bom.

Em ordem, a primeira experiência então foi o clube da bolinha, depois o Chocolatão...

Isto, foi o Chocolatão. Depois a gente fez uma apresentação de jogador no inter, uma apresentação de jogadores no grêmio...

Quais seriam as datas exatas? Quantas transmissões até o momento?

Agora eu não saberia te dizer, mas eu posso te mandar isso. Até final de março a gente deve ter uma média de 20 transmissões. De lá pra cá eu não atualizei a lista.

Qual a motivação que impulsionou o clicRBS a experimentar esta tecnologia na produção?

Eu na verdade já entrei no projeto em andamento. Talvez a Fabiane possa te dizer, a origem. Quando eu entrei aqui ela já tinha esse projeto. Mas acredito o seguinte: a gente viu que tinha na mão uma ferramenta que poderia ser usada. A gente não sabia se ia dar certo ou não.

Vocês chegaram a tomar conhecimento do jornalismo móvel praticado pela Reuters?

Não...o que eu vi quando entrei foi que o Jornal NH fez uma transmissão. Mas até então eu não sabia que era celular, eu achei que era uma câmera. E a gente nunca, pelo menos eu desde que me envolvi no projeto, nunca usei celular. Nosso foco sempre foi fazer com câmera de vídeo. A gente já usou celular para mandar foto.

Como é decidida a escolha da pauta?

A gente faz uma reunião de pauta. Na nossa reunião a gente costuma prever se vai fazer um vídeo ao vivo ou não (online ou offline). Porque o ao vivo como eu te disse é muito sujeito a imprevistos. E pra funcionar, pra gente ter retorno de audiência a gente precisa anunciar bem antes. Vamos supor, hoje tem jogo do inter no beira-rio e o clicRBS vai estar lá fazendo um ao vivo a partir das seis da tarde até o começo da partida. Que a gente vai estar lá desde as 18h da tarde até o início da partida. Então o que acontece: o pessoal que está em casa, que não vai no jogo ou que está trabalhando, e mesmo o pessoal que vai no jogo e quer ver, por exemplo, como ta o movimento, vai se programar para a partir das seis abrir ali a janelinha de vídeo. Mas muitas vezes a gente avalia que não vale, que não vai ter audiência que não vai valer o esforço de deslocar talvez uma ou duas pessoas.

A periodicidade então é inexistente....

Não existe. Ela é de acordo com a aposta. Se vale apenas ou não. Se valer a pena a gente faz

Como é anunciado no site a transmissão ao vivo?

Aparece na capa, no espaço central fixo destinado à dupla Gre-Nal. Nós estamos estudando a melhor forma de rentabilidade. A gente tem esse foco muito forte nesses dois times. Pode ver que aquelas duas posições ali (no site) são eternas. Porque é a nossa audiência. Hoje um ao vivo sobre a final da liga dos campeões é “ok”. Quem gosta de futebol, quem gosta de esporte, talvez se interesse. Mas a audiência com certeza não vai ser nem perto do que seria se fosse uma final de gauchão. Mas pode acontecer de a gente estar anunciando, anunciando e anunciando e não dar certo, por não conseguir transmitir. Então a gente está indo com muito cuidado também por isso. Por outro lado, tem muita gente que já sabe que a gente faz esse tipo de coisa e já se programa. Vamos supor que o inter vá para a final da copa do Brasil, muito provavelmente a gente iria fazer um ao vivo antes do jogo e quem sabe muito provavelmente vai ir lá conferir se nós estamos fazendo. Até porque nós temos um acompanhamento em texto, caso a gente não faça vídeo. O acompanhamento em texto a gente faz todos os dias nos treinos. Então já fica um hábito. Quem já viu uma vez conta e fala para os amigos.

E a média de acessos?

Não são números bem exatos, alguns têm duas mil conexões, 16 mil. Mas depende muito do horário, de quanto tu vai anunciar antes do horário ou não. Não tem tanto apelo. Varia. Isso fica bem longe do que a gente imagina que isso possa render...e de novo, por melhor que seja tu ter uma pessoa fazendo isso aqui, o ideal é ter duas. Daí tu tem um para ficar com o microfone e ele tem uma mobilidade muito maior. Eu não consigo. Eu até consigo segurar a câmera e o microfone, mas daí fica muito complicado se surge qualquer probleminha. Então teria duas pessoas operando no local. Tu tem que ter pelo menos uma pessoa aqui conferindo se está ok a transmissão. Tu tem que ter uma pessoa que é acionada na TI, nos sistemas, para colocar o sinal, a transmissão direto no site. Talvez umas cinco ou seis pessoas acabam envolvidas, de uma forma bem enxuta. Claro, se tu quiser aumentar tu pode e se tu quiser reduzir ao máximo tu também consegue.

Sim, como no caso da vila Chocolatão, um incidente de última hora, uma pessoa sozinha consegue dar conta da cobertura...

Sim, só que tu precisa ter alguém aqui olhando para ver se o sinal tá bom, tem que ter uma pessoa na TI que vai fazer a ligação do sinal. Então, tem um mínimo também aceitável, um mínimo de gente que tu precisa.

O que tu pensa sobre o papel da televisão frente a essa possibilidade, agora, de vídeo ao vivo na internet?

Essa é uma visão particular minha, porque eu não posso responder pelas outras pessoas. A meu ver, isso já se iniciou lá em 96, quando a internet começou realmente a ter um *boost*. A primeira questão foi transpor o material que se tinha das outras mídias, TV e jornal, para a internet. Daqui a pouco começou ali, no comecinho do século XXI, a querer se criar a cara da internet. E agora começou a aposta em vídeo. Em questão de conteúdo a coisa ainda está buscando a sua identidade, o seu formato. Eu acho que, como a gente está vendo aqui, como se eu clicar no link ali em baixo eu vou ouvir a rádio gaúcha agora ao vivo, daqui a cinco, talvez dez anos, tu vai ter um grande canal que muito provavelmente vai ter como base a internet e que vai transmitir tanto a TV, quanto conteúdo de internet, quanto áudio...as rádio já estão se preparando para isso. Então tu vai ter um grande cano por onde vai sair tudo. Daí tu vai receber o conteúdo todo da melhor forma que te convém, seja no telefone celular, seja na tela do computador, seja na tua TV, seja no teu aparelho de rádio no teu carro. Ou seja, tu vai escolher como tu pretende receber aquela informação. A TV em relação a isso, acho que tu pode fazer paralelo do jornal impresso para a internet. O jornal impresso enquanto meio, é diferente tu pegar e ler uma notícia ali do que tu pegar o jornal aqui na mão. É complicado até por uma questão de credibilidade. No impresso são veículos que tem cento e tantos anos de nome. Então tem isso, por mais que ali no site tenha escrito “Zero Hora”, te dá aquele estranhamento. E outra: se tu começar a reparar a Zero Hora já está começando a fazer isso, eles estão mudando. O *hardnews*, aquele fato que aconteceu agora, por exemplo, o Paulo deu um espirro, vai sair aqui, na internet. No outro dia na Zero Hora, tu vai ler assim “porque as pessoas espirram?”. Entendeu? Em três páginas tu vai ter a explicação de vários profissionais da área da saúde.

O que hoje fica mais para a revista...

É, o que hoje fica mais para a revista. O jornal está se tornando uma grande revista diária, não tão profundamente quanto a revista, talvez por uma questão de característica, mas ele não vai mais repetir...ela já não tá quase e não vai mais. Eu acho que isso aqui vai funcionar mais ou menos assim. Isso aqui vai ser o *hardnews*. Por exemplo, tem uma rebelião acontecendo no presídio central. Mandamos os repórteres para lá. Tu vai ver no jornal da noite aquela notícia de uma forma um pouco mais elaborada, trabalhada. Ou tu vai ver o anexo de um documentário. Ou ainda tu vai chegar aqui (se referindo à internet) encontrar a matéria do central e aqui tem todas as rebeliões do central em vídeo, aqui tem toda a história do sistema prisional brasileiro e tu vai conseguir contextualizar muito melhor. Acho que o paralelo vai ser mais ou menos esse. Mas interessante, como eu te falei, isso aqui vai ser o *hardnews* de daqui a algum tempo. Por exemplo, eventos esportivos ou alguma coisa do gênero, tu pode oferecer esse tipo de serviço..."ah, quero saber como está o movimento em tal lugar", "será que vai dar tempo se eu chegar cinco minutos antes do jogo entrar?" ou "onde eu deixo meu carro sempre, será que tem vaga?". Daqui a pouco tu vai conseguir de alguma forma ver isso. Vai ter alguém lá com esse tipo de estrutura e que vai te permitir botar o teu olho lá!

Para mim o mais legal de pesquisar esse assunto é o fato de ser algo que está em construção, que está acontecendo...

É, não é algo que já existe e a gente está mudando. É uma coisa que realmente não tem um precedente. A gente não se espelhou em nada que fosse por nós conhecido. A gente foi descobrindo aqui dentro.

E daqui a pouco vocês talvez já estejam usando outra tecnologia, que se adapte melhor as demandas.

Com certeza. Vamos ver, talvez daqui um tempo mude tudo isso aqui que eu te falei. Mas o fundamento é bem esse, a idéia está aí. Como vai funcionar a gente já mais ou menos que delimitou.

O jornalista que sai a campo com essa tecnologia geralmente é você mesmo?

Varia muito. O Miguel que voltou agora também costuma fazer. Então varia, porque a configuração é super simples, é um treinamento de 15 minutos. É só colocar a

câmera para gravar, dar um play aqui nesse programa e deu. Liga para o pessoal daqui avisando que está mandando o sinal. Não tem muito segredo.

Quanto tempo total foi de transmissão direto da vila Chocolatão?

Acho que uns 20 minutos, meia hora. Mas a TV ali usou alguns segundos. Mas desde a hora que eu cheguei lá e transmiti, acho que foram uns 25 minutos, por aí.

E os demais, como os dos jogos?

Todos mais ou menos nessa mesma duração. Até por que a gente tem uma determinada limitação, no caso de estar na rua, porque tu tem apenas uma hora de bateria. O notebook também agüenta uma hora meia, duas. E também porque muito tempo cansa, fica complicado.

A Reuters desenvolveu uma solução que até recarregador solar de bateria tem! Só que no caso eles não trabalham com essa coisa do vídeo em tempo real. É mais conteúdo que é editado, passa por um gatekeeper para depois ser publicado.

Uma das primeiras produções que a gente fez, foi lá no internacional, e o Juliano estava comigo. E ele deu a idéia de entrevistar o Fernando Carvalho, presidente que estava vindo. Ligamos a transmissão, só que eu não podia me movimentar, porque eu tava com a câmera ligada num ponto de luz. Daí eu disse para ele ir lá que eu segurava aqui. E ele foi e nada, o cara não vinha...e eu preocupado que a gente tava colocando aquela imagem. E eu não me dei conta, acabei dizendo “poxa, o cara não vem, que merda!”. Daqui a pouco me ligam daqui dizendo assim: “cara, para de falar merda! Tão mandando e-mail aqui reclamando!”. Acontece né! É tão instantâneo, é como se a pessoa estivesse realmente ali. E diferente da TV, onde tu está vendo o evento, mas é difícil dar a contrapartida. Aqui eles dão a contrapartida o tempo todo.

Bem curioso! Muito obrigada pela entrevista.

Disponha.

APÊNDICE 3 – ENTREVISTA COMPLEMENTAR CLICRBS – 2009

Entrevista complementar com Rafael Soares por MSN.

09 de julho de 2009 às 14h.⁹⁰

Grace diz:

Para mim não ficou ainda bem claro em relação as reuniões de pauta. pelo que entendi, ela é algo bem informal, acontece entre os editores, em última hora, isto?

rafa diz:

temos uma reuniao de pauta semanal, onde conversamos sobre os assuntos da semana o que define se vai ter ao vivo ou nao é o potencial de audiencia (definido pelos editores) e/ou a viabilidade tecnica

Grace diz:

como é feita esta definição?

rafa diz:

os editores de cada área decidem se vale ou nao

Grace diz:

isto já na reunião de pauta?

rafa diz:

isso

Grace diz:

quanto aos critérios de seleção, na outra entrevista ficou bem claro que segue a linha editorial do click, sobre esportes, e também situações inusitadas (tipo o incêndio na vila chocolatão). E no caso

⁹⁰ Entrevista transcrita na íntegra.

da cobertura do fórum de *software* livre?

rafa diz:

nao teve ao vivo, nao conseguimos fazer mas a ideia era fazer por ser um evento de nivel internacional e um evento da area de tecnologia

Grace diz:

pena...o que houve?

rafa diz:

sinal fraco do 3g

Grace diz:

na maioria dos casos é esse o problema né

rafa diz:

qdo se decide fazer e nao consegue, sim

Grace diz:

Eu tinha encontrado na web um texto muito interessante seu <http://www.clicrbs.com.br/blog/jsp/default.jsp?source=DYNAMIC,blog.BlogDataServer,getBlog&uf=1&local=1&template=3948.dwt§ion=Bloglogs&blog=111&pg=1&assunto=113&coldir=1&topo=3994.dwt>

Gostaria de saber se posso utilizá-lo também como referência. Sobretudo porque gostei muito desta parte em que falas: “Editorialmente, vamos procurar levar aos usuários do clicRBS aquilo que eles não têm como ver: o que a TV não transmite, a imagem que falta para o rádio, aquilo que eles têm vontade de ver e ouvir - mas não têm (não tinham, melhor dizendo!) como.”

rafa diz:

claro, podes sim
fico muito contente

Grace diz:

ótimo! o que a TV não transmite, seria bem o exemplo da vila chocolatão, certo? e a imagem que falta para a rádio?

rafa diz:

isso a imagem que falta para o radio é o rosto dos apresentadores temos um exemplo bom com o cleo kuhn, que faz a previsao de tempo da gaucha largamos um video dele por semana, as quintas, com a previsao do finde e é um sucesso creio eu pq as pessoa querem "ver" o cleio

Grace diz:

sim, entendo. Mas, daí não é aquela transmissão 3g, né?

rafa diz:

nao, o cleo nao

Grace diz:

mas no caso, essas coberturas pré-jogo são muito parecidas com as da rádio, só que com imagens! ah, eu esqueci de perguntar. Geralmente vocês utilizam um microfone acoplado quando fazem a transmissão?

rafa diz:

as vezes o da caemra, as vezes um microfone de mao

ANEXOS

ANEXO 1 – MATÉRIA BLOG.COM.EDITOR CLICRBS – 2009



3.2.11 Quarta-feira, 28 de janeiro de 2009

3.3 Quem sabe faz ao vivo⁹¹



Com a palavra, o editor de multimídia do clicRBS, Rafael Soares:

Há tempos vínhamos trabalhando, aqui na área de Multimídia do clicRBS, uma proposta antiga da editora Fabiane Echel: transmissão ao vivo via celular. Com o advento das redes 3G (disponíveis no RS desde o final de 2007), surgiu a oportunidade de transmitir um evento (ou qualquer coisa, na verdade) através de uma chamada de vídeo.

A idéia original era fazer dois celulares "conversarem", como uma chamada de uma pessoa para outra, só que, no caso, apontaríamos a câmera do celular para o que

⁹¹ Disponível em:

<<http://www.clicrbs.com.br/blog/jsp/default.jsp?source=DYNAMIC,blog.BlogDataServer,getBlog&uf=1&local=1&template=3948.dwt§ion=Blogs&blog=111&pg=1&assunto=113&coldir=1&topo=3994.dwt>>. Acesso em 09 jul. 2009.

quiséssemos transmitir. No final de 2008 tentamos utilizar esse sistema em uma entrevista coletiva, mas não deu certo: a qualidade da transmissão era terrível, não seria útil para nosso usuário.

Evoluímos nos testes e, nas últimas semanas, conseguimos chegar a uma qualidade razoável - agora já utilizando câmera de vídeo, um notebook e um modem 3G, ao invés do celular. O processo não é tão complicado: captamos as imagens na câmera de vídeo e as transmitimos direto para o servidor de vídeos do clicRBS. Claro que as limitações da tecnologia ainda não nos garantem uma imagem e som perfeitos - mas já temos, sem dúvida, uma qualidade bem razoável, suficiente para que nossos usuários consigam ver, ouvir e entender o que estamos querendo mostrar.

Nossa primeira experiência "a valer" foi uma transmissão feita pelas meninas do Clube da Bolinha, direto de Bento Gonçalves, ao mesmo tempo em que apresentavam o programa delas na Rádio Rural. Tudo funcionou - e bem - o que nos motivou a tentar algo na abertura do Gauchão 2009, no dia 20 de janeiro, jogo entre Internacional e Santa Cruz no Beira-Rio. Fomos eu e o repórter Juliano Schüller transmitir a movimentação da torcida antes da partida. Como em toda primeira vez (mente quem diz que não), a coisa não foi lá tão boa, mas já aprendemos alguns truques. Colocamos o link na capa do clicRBS e em cerca de 30 minutos contabilizamos, no total, quase duas mil exibições - número próximo ao resultado que temos, normalmente, durante um dia em nossos vídeos mais acessados.

No dia 26 de janeiro, uma segunda-feira, fomos surpreendidos pelo incêndio na Vila Choclatão, no centro de Porto Alegre. A agilidade com que conseguimos montar o equipamento e disponibilizar o sinal no site nos permitiu fazer meia hora de cobertura, que teve um total de cerca de mil acessos. Consegui (com a câmera na mão e o notebook nas costas, em uma mochila) adentrar na Vila e mostrar o foco do incêndio, uma área onde, até então, não havia acesso ao pessoal da imprensa. Aproveitamos e fizemos um cross media com a TVCOM, que veiculou na TV, ao vivo, o nosso sinal. No dia 27 voltamos ao Beira-Rio, para apresentação de dois novos jogadores do Inter: durante pouco mais de uma hora de transmissão tivemos ao total quase 12 mil acessos! Sucesso.

Agora estamos já com o know-how do processo de transmissão bem entendido. Editorialmente, vamos procurar levar aos usuários do clicRBS aquilo que eles não têm como ver: o que a TV não transmite, a imagem que falta para o rádio, aquilo que eles têm vontade de ver e ouvir - mas não têm (não tinham, melhor dizendo!) como. Fiquem ligados, ainda vem muito mais por aí.



ANEXO 2 – VÍDEO INCÊNDIO VILA CHOCOLATÃO – 2009

Material audiovisual. Incêndio Vila Chocolateão, Porto Alegre, 2009.

Cross media clicRBS e TVCOM.



Vídeo cedido pelo clicRBS para fins acadêmicos (acesso restrito) disponível para streaming em:

<http://tinyurl.com/yd6btxd>⁹²

⁹² Endereço original:

http://www.youtube.com/watch_private?v=FfoGBtpVEhI&sharing_token=REbOFSui6djQh1FpzWWbgw

ANEXO 3 – VÍDEO PRÉ-JOGO – 2009

Material audiovisual. Pré-Jogo cobertura móvel, clicRBS - Porto Alegre, 2009.



Vídeo cedido pelo clicRBS para fins acadêmicos (acesso restrito) disponível para *streaming* em:

<http://tinyurl.com/yg37e7p>⁹³

⁹³ Endereço original:

http://www.youtube.com/watch_private?v=pN26soo9KSk&sharing_token=532cfrStLSnwUNnEq5E3_w